

**ADAMASTOR FINKEL:
UM ARTISTA ENTRE A SOMBRA E A LUZ**

(romance)

por Ricardo Daunt

Capítulo 1

O umbral

A porta está prestes a se fechar. Entre o batente esquerdo e o corpo que se vai, uma lua muito branca e leitosa se arredonda em formas femininas, mas não há como se iludir, são suas nádegas tesas, Lara, não posso esquecer, que atravessam parcialmente o umbral, como meia-lua dourada, cheia de incontestáveis promessas de uma doação. Uma penugem leve aflora, como arrepios na pele que se expandem até suas ancas e ampliam minha fome; uma parte das costas, passando pelo arco da porta, desaparece e reaparece em leve inclinação até os ombros, em parte encoberta por cabelos claros, mas não loiros, como uma imagem delida sob o sol e volteios próprios de animais soltos no campo; adiante, ainda, um pescoço de tez macia, orelhas mansas e receptivas semicobertas pelos cabelos. Tudo parece dramaticamente real e definitivo; você está prestes a sair do quarto, a adentrar outro mundo. Minha mente ativa, no meio do trajeto de busca e investigação visual, consegue colher e registrar com meus olhos desorientados o seu tronco, a alva carne entre suas axilas e a cintura, como se fossem chicotes a fustigar a

ternura que se foi. Você lá está, reflexo de outro reflexo, numa sobreposição infinita de imagens, entretanto avança em curtos e soluçantes movimentos macabros. Subitamente transitória e definitiva. É como se tudo isso fosse subtraído do edifício humano que busquei manter de pé ao longo de minha vida.

Fixam-se em minha memória esses estágios ligeiros que sacodem o cortinado e que são ao mesmo tempo fugazes e definitivos.

-- Lara!

-- Logo volto, disse uma voz no meu cérebro.

Queria-lhe antes mesmo de você atravessar a porta, creio mesmo que não se faz justiça a tudo o que nos aconteceu, quando é tão intensa a beleza que se afasta e tão triste e acomodada a doçura que fica no ar. Imagino que toco sua pele e seu corpo, mas o estímulo da imaginação é insuficiente; é como se nenhuma parte de mim lhe tocasse. É mesmo pior que um sonho confuso e inacabado. Você está distante ainda. Não está, ainda está, não está mais. Jogo de imagens, prestidigitações canhestras em que busco ser mais veloz que a destreza do ilusionista. Mas não se trata de nada disso, bem sei.

Quase sinto que poderia ir além e ousar atravessar o umbral dessa mesma porta. Saltaria desta cadeira em que me encontro e me projetaria em sua direção. Mas justo neste instante não sinto mais nada, nada vejo, estou minado e minha sensibilidade se defronta integralmente com a vastidão desocupada de minha memória, perturbada pelo estado de solidão em que me encontro. São cômodos vazios os que compartimentam essa região; em alguns deles móveis que um dia foram austeros mas úteis, agora empilhados aguar-

dando que uma fogueira se acenda e um resto de verniz ligeiramente azulado se evole em débeis espirais, deslizando no dorso de chamas espessas avermelhadas e alaranjadas. Na ponta delas vez por outra um longo filete amarelo, quase dourado se liberta das chamas e salta como se pretendesse segmentar o ar quente que furiosamente se levanta do fogo. Mas nada disso de fato ocorre; cômodos desertos, perspectivas dizimadas, e pouco mais que isso é o que exploro ao me explorar, e um bafio ácido do tempo. A um canto em um dos cômodos uma resma de papel, anotações diversas, ensaios reproduzidos em jornais que não mais existem, cópias de poemas com abundantes anotações à margem. E livros, livros em estantes; neles há mais que a vida, há o registro de uma luta constante em benefício da vida. Do lado de fora da memória não me sinto capaz de resgatá-los como deveria, para o agora em que estou. Trechos entretanto visitam-me regularmente, vidas misturam-se a vidas. Sinto-me refocilado de repente, salto da cadeira.

-- Lara! Lara!

Capítulo 2
Antes do umbral
da porta do quarto
e depois na cozinha

Como uma gota de água que escorre mansamente do bico de um canário e se perde no peito, sua voz poreja coisas misturadas que ora se parecem com sonetos, ora com haicais, ora com notas musicais que escapuliram da pauta. O resultado é que a penugem acima do seu umbigo está úmida. Do mesmo modo que o peito inflado do pássaro acusa um curto estremecimento quando a gota de água desce pelo seu corpo, não se sabendo se é pela súbita diferença de temperatura entre as penas e a água, ou se decorre do prazer da sede saciada, seu corpo conta-me de uma tremura e seu peito arpeja como se perdesse o ritmo do respirar, produzindo curtos sons encavalados, mínimos, colhendo o ar e simultaneamente expulsando-o como se você estivesse prestes a se afogar. Em dado momento você expira mais longamente e em seguida para de respirar; eu fico em alerta, mas não há nada de errado, foi apenas um hausto meticuloso. Logo, ao

comando de uma batuta cardíaca imaginária tudo retoma seu devido ritmo. Eu sinto que está viva. Sinto-me vivo, mais que nunca.

-- Finalmente sorri.

-- Finalmente, arre, Adamastor! E chega de pieguismo. Você me força, fazendo enormes e alongados bicos com os beiços. Seu bigode se eriça e logo vejo-me atada a uma linguagem que você presume ser a do amor. Mas o amor não liga para essas firulas; quer ser conjugado de todas as maneiras, não tem tempo a perder.

-- Pensei que alguma coisa tinha acontecido de errado.

-- Como assim?

-- Você disse que eu finalmente sorrira. Estou explicando o porquê. Foi um sorriso de alívio. Você parara de respirar, é ao menos o que me parecia.

-- Ah! Só respiro quando quero. E, pensando bem, você me esculpiria melhor se eu morresse. Ficaria sempre quieta, imóvel, e, depois, não tinha que me pagar nada.

-- Nunca te paguei.

-- Você está muito sério, hoje. O melhor é ir trabalhar, ou fazer o almoço.

-- Tenho que retomar uns esboços. Precisamos voltar ao atelier.

-- Estou com frio.

-- Vou ligar a calefação. Você ficará bem, e pode ainda beber uns copos para aumentar a temperatura do corpo.

-- Como, agora?

Meço seu corpo desnudo de cima abaixo. Seus cabelos quase amarelos por causa da luz que passa pelo cortinado e se esparrama pela parede, pelo dossel, pelos travesseiros. Seus cabelos estão úmidos e minha barba arranhou a pele de

seu rosto.

-- Acho que estou suficientemente acalorada.

Entendi, claro, é seu humor incontinente. Mas não me fere. É como uma paina fazendo cócegas nos pés e nos pulsos.

Revejo seu rosto. Parece coberto de uma luz como a de algumas pinturas do século XVIII retratando, não sei, algumas daquelas cidades portuárias, como Amsterdam, por exemplo. Luz oblíqua e outonal, esbatendo-se de mãos abertas aveludadas sobre os objetos, edifícios, gente em movimento. Luz não calculada, como calculada e autoritária é a de Caravaggio, que parece elevar tudo o que existe a um plano superior de consciência crítica; luz milanesa, religiosa, mística, mas sem uma aura, luz nascida de um spot invisível, demiúrgica como um estigma definitivo.

A luz que revejo no rosto de Lara é diversa e parece ter sido plasmada sobre uma película precedente de diversas cores, como se emergisse delas e brotasse da pele e com ela se identificasse, como em Vermeer. Mas não penso que deva lhe dizer nada disso agora, pois ela me acusará de que já estou trabalhando, quando deveria estar repartindo com ela com mansuetude e constância os odores da nossa sofreguidão. São bons esses odores. Estão ao nosso redor, oferecidos como em uma bandeja de frutas sobre a qual estamos também deitados, e não posso deixar de pensar nisso. Não chego a sorrir pois essas reflexões, que agem sobre mim como pequenas descobertas do cotidiano, me transformam em um sujeito compenetrado. Desfaço-me delas com certa dificuldade, penso em Vermeer novamente, em sombras coaguladas nas paredes, em delíquios, em contenções de gestos e vãoos misteriosos, escadas de madeira escura semi-

encobrendo uma bancada ao fundo, talvez uma pesada arca, com objetos de cerâmica e de estanho, sobre ela, além de um alguidar com alça de ferro fundido trabalhado, assentado sobre uma bacia, ambos adornados com flores em alto-relevo. Depois em nada penso que se possa encaixar em algum discurso compreensível; olho fixamente para Lara, aperto suas mãos, largo suas mãos, beijo seu seio direito, depois o outro, demoradamente, deito-me a seu lado com os braços para cima, trago-a para perto de mim. Beijo-a no nariz e na boca e os cheiros de frutas dão piruetas no ar e dentro de minha cabeça. Por instantes, antes mesmo de fechar os olhos ela deixa de ser o que é; restam os odores, a experiência física, a memória que a carne guarda em lugares secretos e que nos torna pessoas compassivas com o mundo. Giro meu corpo na direção do espaço ocupado pelo dela e é como se os limites de nossa construção humana desaparecessem. Minha carne não sabe onde começa e onde deixa de ser só minha e passa a ser nossa. Não sei mais se respiro de dentro dela, como um fole ou se ela está toda armazenada em meu peito como uma vontade plenamente satisfeita; se é minha boca que ainda a quer beijar, ou se é a dela que ainda se insinua, comprimindo meus lábios com força até que fiquem esbranquiçados.

Devo voltar logo a trabalhar.

-- Temos que nos preparar para ir ao atelier. O melhor é sairmos do quarto e comermos alguma coisa na cozinha, antes.

Gostaria de algo ligeiro mas leve, pois preciso me sentir à vontade para testar uns esboços a *crayon*. Preciso sentir a

musculatura dos braços relaxada, como se me tivesse aquecido para uma partida de badminton. Coloco quase sempre um papel craft em uma moldura no cavalete e faço os primeiros testes. Depois monto no cavalete uma tela branca e uso o lápis, depois a cor, normalmente a cera. Certa vez os olhos de Lara, em número de três, saltaram da linha do rosto, como se competissem com o tronco. Eram como dois animais correndo emparelhados para lugar algum. Lembrei-me de Picasso, pensei em seus narizes musculares e fálicos, mas não sei por que pensei nisso, e cogitei nos olhos femininos das mulheres retratadas por Modigliani, olhos sem a função de se deixar mirar; olhos que não são de ver e registrar; que são um silencioso clamor em direção à liberdade que o destino lhes nega, sofredores, ainda assim, talvez ansiosos para existirem e registrarem o mundo, presas a um purgatório sem remissão, à opacidade paradoxal de suas órbitas oblongas sempre vazias, quase sempre sanguíneas, como um rasto de nave que o fogo consome. O corpo das mulheres despidas de Modigliani diz: "meus olhos não vos vêem, meus olhos dormem sob a mantilha de segredos indecifráveis, cabe a vós vislumbrar meu corpo fixo e incólume; vós me indagais, e não obtendes respostas para vossas questões". Tudo isso e muito mais dizem os corpos femininos do pintor italiano, mas seus olhos nem mesmo deploram a ausência de expressividade, embora concordem alguns admiradores que essa ausência já é uma manifestação expressiva.

Enfim, penso nessas coisas, nesse emaranhado de arte entretecido em minha cabeça e cada linha de raciocínio segue uma rota paralela, assim mesmo penso em todas elas, e em outras mais, conforme o dia, pois não posso ter dúvidas sobre o que fazer quando a hora chega.

Quando a hora chega tenho todos os pintores e escultores de todos os tempos contra mim e a meu favor, paradoxalmente. Lara sabe disso ou desconfia. Normalmente nos primeiros instantes da jornada no atelier ela se enrodilha em uma manta e mergulha em seus pensamentos, em seguida busca com os olhos os objetos que costumeiramente deixo no atelier. Enquanto isso movimentava braços, punhos, pernas. Quer se sentir bem com seu corpo. Realiza uma curta e vigorosa ginástica. E, como em outros dias, ela olha para fora e se sente incomodada com a forte luminosidade que atravessa as altas janelas do atelier. Quando está mal-humorada indaga:

-- Não podíamos fazer isso em outro lugar mais gostoso, talvez na sala de jantar?

-- Pensaremos nisso juntos outra hora, está bem? Eu lhe respondo para que ela se cale e pare de falar. Ela sabe no fundo que temos que ficar ali.guardo sua reação com o *crayon* na mão direita e a outra apoiada na cintura. Também eu estou a fazer pose.

Pronto, o sinal de concordância é confortador: Lara diz sim com a cabeça, seu lábio inferior se projeta sobre o superior e Lara espreme o canto dos olhos. Quase um muxoxo. O muxoxo é para me intimidar; é uma contradição entre o que disse e o que o corpo deixou que se entendesse. Mas ela concorda. Sem essa concordância como avançaríamos?

Entretanto estamos ainda a caminho da cozinha e nada dessas coisas aconteceram ainda no dia de hoje.

-- O que vai querer? Um jamón espanhol, um ou dois ovos quentes e um brioche?

-- Pata negra?

-- Claro que sim. Mas só temos quatro fatias na geladeira. Vou servir com um fio de limão e *une vinaigrette* bem pouco ácida de melancia com flores, pignoli, só um pouquinho, e cubos de pêssego.

-- Está na geladeira, não está?

-- Sim, comecei a fazê-la ontem à noite, mas não terminei. Se tiver ainda ovas de estrução, salpico por cima de tudo.

-- E os ovos de galinha?

-- Já não disse? Quentes.

-- Prefiro os ovos *pochés*. E você, Adamastor?

-- Tanto faz, pode ser. Vou pelo mesmo caminho que você. Fazer para um ou para dois dá quase no mesmo. Os ovos apenas com uma pitada de sal, nada mais.

Ela meneia a cabeça concordando e coloca o dedo indicador na boca, como se já estivesse experimentando o almoço.

-- Uns cubinhos de tomate, também?

-- Se não tiverem muito maduros, pode ser. Mas pouca coisa. É preciso controlar a acidez. Acho melhor umas folhas verdes. Vou ver o que temos.

Por fim me servi e tomei um trago de tinto. Mordi uma casca de pão que ficara sobre a mesa e me pus a olhar pela janela da cozinha como se aguardasse um ataque furioso do sol. A comida estiola meus princípios, afasta de mim as ideias, compromete seu concatenamento natural. Não é que

não aprecie comer, aprecio muitíssimo, mas não tenho pretensões gastronômicas muito elevadas, embora por vezes eu acabe por estimular a imaginação das pessoas quando discorro sobre comidas.

Além disso, quando como, às vezes sinto-me mais isolado e só, dolorosamente só, mesmo quando como em companhia de outras pessoas. Meu marchand já havia notado isso quando estive em sua casa, em um jantar de família em que eu fui alternadamente ora o intruso admitido, ora o centro das atenções. Com afetação, indagou: O que tens, meu escultor? Estás em um momento mais propício para criar, será isso? Não, já sei. Ficas tristes quando comes a contento, é ou não é?

Eu lhe respondi que meu humor oscilava muito. Instei-o a falar das exposições que pretendia promover. As crianças bufavam, contaminadas por algo que transbordava de dentro de mim e que poderia muito bem se chamar melancolia, combinada a um constrangedor distanciamento. Alphonse encontrou uma pergunta salvadora e, gesticulando seus gordos dedos como se contasse notas de dinheiro, perguntou: e então, Finkel, para quando marcamos esse tal vernissage prometido? Ele por certo acreditava que a indagação me faria pensar em fantasias comerciais, visitantes empolgados, jornalistas movidos por uma saudável curiosidade, tudo o que eu já não acreditava mais que ainda existisse nos dias de hoje. Eu lhe respondi candidamente que esperasse um pouco mais. Exposições eram uma maçada, mas ainda assim era preciso tomar muito cuidado para montar uma exposição, além do mais, Alphonse bem sabia que durante o inverno me sentia sempre mais disposto a trabalhar e talvez em pouco menos de um ano já estivéssemos em condição de pro-

gramar uma data, foi mais ou menos o que lhe disse.

O marchand segurou com ligeiro tremor a mão da mulher e emudeceu. As crianças, não suportando mais minha agradável companhia, pediram para sair da mesa. Estava quase no fim. Faltava o café, o brandy e os charutos de Alphonse, que eu sistematicamente dispensava. Em pouco menos de meia horinha tudo isso aconteceu e finalmente minhas pernas avançavam folgadoamente pelo calçamento de paralelepípedo da rua larga em que o marchand morava. Pus-me a pensar em Gaudy, depois em Liotard. O primeiro pelo amor à pedra, o segundo, pelo amor à candura feminina.

Sua chocolateira não é uma obra-prima. É honesta como ela, compenetrada como ela, e sua touca de serviçal dá a seu rosto uma expressão direta, embora discreta, mas sem sombras. Agrada-me a arte sem disfarces. Decorativa dizem os apressados. Acho que a chocolateira de Liotard traduz em sua expressão corporal e postura um século de cultura alemã, ou suíça ou franco-suíça: digo isso porque o autor era suíço-francês. Ocorreu-me armar um vestido como aquele, largo nas ancas, estruturado e concentrar a sensualidade feminina inteiramente no rosto; no rosto e nos lábios.

-- Então, gostou do almocinho?

-- Fiquei com vontade de comer um doce.

-- Está bem, vamos trabalhar um pouco no atelier, depois voltamos aqui e inventamos algo para tomar com o café. Vem, traz sua taça de vinho que eu levo a minha.

-- Posso trazer a garrafa?

-- Se não derrubar, pode.

Capítulo 3

No atelier

Não segurei em sua mão quando adentramos o atelier. Ao passarmos pela porta de vidro, eu me tornava o escultor, o pintor, e ela o modelo a ser pintado ou esculpido. Deixei o copo sobre uma bancada de bisnagas de tintas a óleo e acrílicas e esfreguei minhas mãos como se as limpasse do mundo exterior. Enquanto isso Lara dera a volta por trás do cavalete principal, depusera o copo em uma mesa redonda de apoio e abrira uma caixa ao acaso.

-- São escopros de diversas dimensões e para diversas finalidades. Ela pegou um punhado deles nas mãos e balançou os instrumentos como se buscasse saber se as bananas estavam bem presas à penca.

-- Deixa isso. Você pode se ferir.

-- E isto aqui? Como se chama?

-- É uma espécie de talhadeira, mais grossa do que o escopro, e se chama escafilador.

-- Para que tantas peças e de tão variados tamanhos?

-- Servem para trabalhos mais delicados ou mais pesa-

dos, tudo depende: com elas posso trabalhar com mármore diversos, com pedra calcária, alabastro de calcite, granito, gemas de todos os tipos e texturas, além de uma centena de outros materiais, todos provenientes das rochas.

-- Como uma coleção de bisturis e tesourinhas nas mãos de um cirurgião?

-- O princípio é o mesmo.

-- E as gemas?

-- Há as inorgânicas, como o diamante, a turmalina, a ametista, o quartzo, e as orgânicas, como o âmbar, o marfim, o azeviche, a pérola. Chega, Lara, não quero mais falar disso.

-- E eu, ficarei como?

-- Gesso mole, para que eu possa moê-lo de ódio com golpes de maceta e pronto. Aí, dispense seu serviço no atelier e você pode ir atrás de outro; pode ligar para o Alphonse e ele lhe dará orientações. Há sempre alguém precisando de um modelo vivo.

-- Quero ser um belo mármore, bem branquinho, com olhos de azeviche. Não, de turmalina. Adoro a cor da turmalina.

-- Não faço coisas de joalheria. Bateu em porta errada. Vamos trabalhar, por favor, Lara!

-- E meus olhos?

-- Se for o caso de ganhar um par deles, provavelmente serão do mesmo material do resto da peça.

-- E minha vagina? E os braços, terei braços ou você fará como os romanos?

Deixei-a sem resposta, abri duas bisnagas de óleo e preparei um fundo de tela. Mudei de cavalete e comecei a desenhar a traço fino seu corpo inteiro. Em outro cavalete fi-

xei uma moldura de papel craft bem escuro. Queria extrair de um múltiplo cruzamento de linhas riscadas a nanquim o contorno de seu corpo. Deixei secar; usei em seguida tinta branca e uma pena dura, de ponta média. No seu ventre pinteimeixas vermelhas e amarelas, nêspervas e flores; na verdade lavandas, bem vermelhas, também, como as que comemos ao almoço, prímulas farinosas, delicadas e roxas. Uma vegetação tropical subia por seu corpo e envolvia seus órgãos como teias. Calcei um sapato de salto alto em um de seus pés. O outro ficou descalço. De seu rosto arranquei um sorriso que não escondia certa malícia, quase uma cumplicidade com quem a desenhava. Seus olhos, ao contrário dos de Modigliani, diziam o máximo que poderiam dizer a quem já tivera o prazer de medir sem pressa cada palmo daquele corpo desnudo.

Mas não era só isso, queria revestir seu ventre com uma redoma de vidro. Tinha que telefonar para o soprador, ou, para ser mais honesto com minhas emoções, corrijo-me: preciso ligar para meu amigo Marchezi.

-- Como está isso?

-- Não se mexa. E não fale.

-- E a escultura?

-- Fique quieta.

-- E seu pai, era pintor e escultor também, não é?

-- Sim, mas não pintava, esculpia. Tinha intuições certas, mas uma formação ligeira. Apesar disso, ou por causa disso, era um grande homem, um arcabouço muscular de comportamentos morais simples e um olhar para o horizonte.

-- E como se chamava?

-- Fernando, mas todos o conheciam por outro nome: Ferdi.

-- Ferdi?

-- Sim, e agora chega, não quero falar dele. Quero fazer alguns estudos com seu rosto. Está bem assim. Isso, sem caretas, sem demonstrar nada, nem mesmo que está distraída ou compenetrada.

-- Estou com um pouco de sono.

-- Beba um sherry. Mas fique calada.

Pensei em fazer tudo diretamente sobre uma tela de pano, e pintar a óleo, somente a óleo. Peguei uma paleta e depois sobre ela um leque de possibilidades de cor, meu mostruário. Podia não pensar em Monet? Trouxe os pincéis que uso habitualmente para mais perto. Recolhi outros pelo atelier. Lavei-os, sequei-os. Produzi uma série de rostos de Lara. E toda a vez que tinha um deles concluído, sentia como se devesse arrancar tudo o que colocara na tela para ver apenas o rosto dela. Como numa fotografia sem pretensões. Mas seu rosto não se escondia por trás da superfície pintada. Estava apenas na minha cabeça. O ato de pintar, ao invés de me aproximar dela, dela me afastava.

-- Aconteceu alguma coisa?

-- Sempre alguma coisa acontece nesses momentos em que pinto, disse com certa irritação, mas é comigo e nada tem com você, respondi em um tom mais áspero do que seria necessário, além do mais devo telefonar para o Marchezi e devo fazer isso já.

-- Para quê?

-- Quero que ele me oriente sobre umas coisas técnicas. Vou usar vidro em uma das esculturas. Na verdade, será

uma tela e ao mesmo tempo uma escultura, e portanto será tridimensional e terá vidro também, côncavo, uma espécie de redoma protetora. O que mais se vê é o que mais se deve proteger.

-- De mim?

-- O quê?

-- Pintura de mim?

-- Sim.

-- Quero ver como vai ficar.

-- Esqueça. Vamos fazer o que lhe prometi. Comemos um doce, tomamos um café.

-- Que doce?

-- Vamos ver. Tenho na geladeira uma *crème brûlée*. Basta levar ao forno por alguns minutos. Aproveite que a geladeira está quase vazia.

-- Uhn? Isso parece bom.

--- É, e cuide do café. Eu cuido do resto. Vamos.

Capítulo 4

Na cozinha, outra vez

Um conhaque, mais outro. O fundo do café, uma raspa da *crème brulée*, que ficara no fundo da taça. É como se tivesse seu sexo na minha boca. Tinha comido bem, tinha trabalhado melhor. Mas nunca era suficiente. A sensação que eu tinha era a de que eu sempre estava a dever uma conta pendurada e que nunca haveria dinheiro para saldá-la.

-- Esqueceu alguma coisa?

-- Acho que sim, me esqueci de ser outra coisa, além de artista. Ameacei dar um murro na mesa mas desisti. Que coisa mais despropositada, pensei.

-- Quer voltar para o atelier?

-- Hoje não. Acho que chega um momento em que é mais oportuno se afastar do trabalho, antes que ele se torne outra coisa. Passe-me o telefone.

Foi o próprio Marchezi quem atendeu. Expliquei-lhe minhas dúvidas. Seu tom de voz era o de quem já tinha a solução. Aliás era sempre esse o seu tom quando o problema era dos outros. Convidou-me para ir até a sua oficina no dia

seguinte, logo pela manhã.

-- Não esqueça de trazer um esboço e as medidas precisas, espessura que deseje, e diâmetro. Se for oval, risque sobre uma folha.

-- Mas não quero nada com perfeita transparência, Marchezi. Quero laivos avermelhados, como finas veias de sangue.

-- É melhor fazer isso com um pincel, mas posso deixar a redoma ligeiramente avermelhada, disse ele.

Decidimos que o melhor era mesmo continuar a conversa pessoalmente. Desliguei e me pus a pensar. Um fundo de madeira atrás da tela permitiria pregar um aro que fixaria a redoma. Revestiria o aro com tela. Acabei também por achar que o melhor era povoar com mais flores e folhas o útero da figura feminina. Talvez flores de maracujá, tulipas, orquídeas e bromélias; uma miscelânea geográfica. Peguei um guardanapo de papel e comecei a desenhar. Larguei o que começara, tomei um brandy e mudei de cadeira. Sentei-me à cabeceira da mesa da cozinha. Era ali que meu pai se sentava para conversar com minha mãe, ou simplesmente para tomar um brandy com café; ou para fazer contas de quanto devia aos fornecedores. A ideia de fazer em terracota o tronco parecia fora de lugar, mas eu tinha especial atração por coisas fora de seus lugares habituais. Que mal há em um busto em terracota vitrificada, Marchezi? Ele talvez dissesse que eu era cabeça dura como meu pai. Ora, de Lemoyne e Houdon usaram no século XVIII, há algo de errado repetir isso nos dias de hoje? Ele responderia: Sim e não, e também Verrocchio, Begarelli, Mazzoni e Rodin, e daí? Você quer realmente usar o material porque necessita muito dele, ou quer chamar a

atenção para o seu ego?

Será que Marchezi se atreveria a me dizer isso? No fundo creio que sim, e eu gostaria de ouvir, pois para ele era uma verdade, não era uma oportunidade para me afrontar; não era uma maneira de me dizer que tinha mais experiência que eu nas coisas da vida, o que também era verdadeiro, pois ele era bem mais velho que eu. O fato é que Marchezi se sentia sempre livre para dizer o que pensava. Considerava-se mais um artesão, e o era, que um artista, que não era. Essa constatação parecia fazer-lhe bem, dar a ele uma tranquila altivez de quem sabe até onde vão suas habilidades e, melhor, sabe muito bem até onde vão parar seus objetivos pessoais. Dizia: a mim, o que pedem faço, se sei fazer. Mas com você é diferente. Fui como um irmão de Ferdi, além disso não quero mimar você, que já está grisalho e é um nome famoso, mas quero o que é melhor para você.

Tomei um gole de brandy.

Olhei fixamente para a mesa, com suas ranhuras e manchas. Quanto mais velha, mais parecia com uma árvore, e menos com um objeto; como as pessoas, na velhice buscava a infância. Em obediência às regras da natureza ela não voltou a crescer como crescem as coisas vivas, mas sinto que poderia, se quisesse. Foi entretanto envelhecendo, ouvindo e testemunhando cenas úteis e importantes, palavras de várias linhagens e idiomas; coisas tolas e fúteis, coisas inúteis e indecentes, palavras de amor e também de desesperança. De tempos em tempos movê-mo-la do lugar, com cuidado, para limpar. Pomos suas gavetas ao sol, e depois tudo volta ao lugar de sempre. A poalha entra por seus poros, as cascas de pão, os polvilhos, as farinhas, as pragas que as verduras trazem consigo, antes de lavadas.

Seus cantos já estão levemente arredondados. Quando criança risquei, por pirraça, seu tampo com o fecho do cinto que minha mãe me mandara tirar da calça para lavá-la. Depois fiquei examinando o estrago estúpido que fizera. Passei a mão sobre os riscos. Fui até a gaveta dos remédios e peguei a primeira pomada que encontrei. Passei abundantemente sobre ela, tentando cobrir os riscos, até que comecei a chorar. Minha mãe entrou na cozinha e arrancou-me a pomada da mão, o cinto e me mandou ir para o quarto para tirar a calça. Saí correndo, desvestindo-me pelo caminho. Deitei-me na cama de cuecas, com o rosto mergulhado no travesseiro. Foi então que pensei em todas as árvores do mundo. Mas ainda chorei, e na hora do jantar não foi nada fácil entrar na cozinha outra vez e ver a mesa ferida.

São lembranças bobas, lembranças tristes, de histórias que não podem mais ser reescritas, pois seus protagonistas, a maioria, não estão mais aqui. Apenas eu e a mesa. Fecho o punho direito sobre ela e apóio o queixo. Lembro-me de um homem muito magro, sempre só, de idade indefinida. Talvez fosse um jovem que perdera a juventude. Entre a casa em que ele morava e a outra, mais acima, havia um terreno baldio, algumas árvores, borboletas flertavam com o vento. Ratos corriam céleres pelos cantos. Algo o atraía para ali. Todos os dias ele esticava meticulosamente um lenço sobre o topo do pequeno muro que separava o terreno da casa, e se inclinava lentamente até que seu queixo tocasse o lenço. Seus braços sempre para trás, o que devia fazer parte do que ele entendia por disciplina. Ele ficava horas ali, imóvel, ouvindo os sons do mato, acompanhando o movimento das sombras sob as folhagens. Por vezes formigas passavam

muito próximas a seu queixo, todas em fila indiana e seguiam caminho sobre o muro, até que repentinamente desciam para a banda do mato e desapareciam. O muro era caiado de branco e quando o sol estava a pino, olhar fixamente para ele chegava a arder os meus olhos. Nunca soube nada dele, nem seu nome, nem seu parentesco com as pessoas daquela casa; nunca ninguém me disse por que é que ele desapareceu um dia. Fecho os olhos, busco seu rosto, mas só me lembro de seu terno branco de linho e do lenço amarelo que tinha no bolso do paletó. Acho que tinha uma condecoração que usava na lapela, mas não sei dizer ao certo se era isso, ou apenas um enfeite qualquer que ele gostou e pregou ali. No final das contas, o que ficou de tudo isso foi o gesto, o queixo sobre o muro. Sempre que estou consciente de que estou de algum modo manuseando o meu queixo, o homem sem nome, espigado e provavelmente triste, ressurgem na minha memória.

Deveria me erguer desta cadeira e voltar ao trabalho. Mas a luz não está boa. Nem eu tenho qualquer ímpeto de trabalhar mais, coisa que já antevia. Talvez faça alguns outros esboços a lápis. Talvez escreva alguma coisa para comentar com Marchezi amanhã. Antes de tudo vou fazer um chá, é isso, vou fazer um chá e tomá-lo sem pressa. Depois vou para meu quarto, deito-me, desenho despreziosamente e escrevo. É uma maneira de organizar minha conversação com Marchezi.

A luz mortiça do quarto me fez pensar em alabastro.

-- Alabastro ao invés de vidro. Vamos ver o que o meu amigo acha disso. E você, Lara, o quê acha disso?

-- Alabastro é melhor que vidro ensanguentado.

-- Não foi isso o que eu havia pensado.

-- Eu ouvi o que disse ao Marchezi.

-- Se ouviu, não pode achar que eu quisesse fazer do seu ventre um espaço diabólico e de mau gosto.

-- Não, mas pode fazer sem querer. E esse é o meu maior medo. Quero ficar quieta, agora.

-- Agradeço pela confiança em mim depositada, de qualquer modo não me lembro de ter acertado com você que iria submeter o meu trabalho ao seu exame crítico.

Lara nada respondeu, volto-me para seu lado, toco a ponta da fronha do travesseiro e estico a dobra do lençol sobre o edredom. A cama está fria mas receptiva. Acabo notando que minhas mãos estão sujas. Eu inteiro estou sujo do longo dia e das longas horas trabalhadas.

Resolvo me levantar e tomar um banho quente, antes porém devo tirar as manchas de tinta. Faço isso com método e paciência, seguindo um sistema que li em algum lugar, ou que talvez tenha aprendido com minha mãe. Escovo as unhas uma a uma, fricciono os dedos e os pulsos, retiro os respingos de óleo do rosto. Separo a roupa suja em uma cesta de vime e finalmente ligo a ducha. A água desce ruidosa, a casa é velha e parece que entre o aquecedor de água e o chuveiro existe uma tuba quase entupida, pela qual a água atravessa e que gorgoleja e vomita a água em jorros intermitentes; depois, por algum milagre que ocorre no mundo espiritual dos encanamentos antigos, a água começa a correr; ferruginosa a princípio, depois quase cristalina. Sim eu sei, terei um dia não muito distante que reparar isso. Mas a ideia de pedreiros e encanadores dentro de casa lembra-me de que o momento não pode ser menos

apropriado; com tanto para pensar e testar; com um projeto de exposição que mal se encontra esboçado. Enxugo-me e busco afastar o problema do meu horizonte de preocupações imediato. Enxugo-me e olho pelo vitrô ao qual ficaram grudados os vapores quentes do banho. Limpo com a ponta dos dedos o vidro, para rever o mundo exterior. Surgem aos poucos casas antigas, centenárias; elas me espreitam sempre. Quase nada mudou desde minha adolescência. Talvez uns luminosos ao longe, piscando, e algumas antenas de tevê a mais. Reconforta-me constatar isso? Não sei dizer. Fica sempre a impressão de que me tranquei ou fui trancado em um mausoléu eternamente o mesmo. Nele produzo, para um dia expor. Ao expor, penso sempre em largar todos com seus copitos na mão e escapar para a rua, e correr, correr sempre até chegar em casa. Tranco-me na prisão, no claustro, mergulho em um tempo feito de bronze e figuras imutáveis. Ao chegar aqui deixo que o silêncio me envolva e as paredes se fechem sobre mim. Pelos corredores encontro obras minhas e de meu pai, obras que por uma razão ou por outra não foram vendidas, ou não foram postas a venda. Elas se enfrentam mudamente e, acima, nas paredes, telas também mudas vigiam-nas e a nós. Gosto de muitas dessas peças, sobretudo das que meu pai produziu. Olho para elas e é como se tivesse agora, ao revê-las -- pois sempre as revejo, quase todos os dias, quando por elas cruzo --, a conversa que com ele jamais tive, pois nunca houve tempo: uma conversa profunda, com palavras arrancadas do fundo do estômago; uma conversa mágica, sem palavrório, sem compromissos, feita de gestos sábios e movimentos inocentes e desarmados; movimentos inesperados, quase insensatos, como os do voile soprado pelo vento. Estou

mesmo mais velho, grisalho, como diz Marchezi, e, talvez mais que isso, um tanto cansado, o que no fundo é pior do que a velhice. É cada vez mais difícil arrancar do cotidiano alguma fantasia inesperada que me possa empolgar nem que seja por alguns segundos. Mas penso antes de conseguir desvencilhar-me do dia de hoje; penso que em instantes estarei dormindo e nos meus sonhos, talvez os que vier a ter hoje, até os anjos de pedra, aqueles que meu pai fez por encomenda para túmulos e os clientes não vieram pegar, até eles voem sobre as praças e avenidas, com suas vestes esvoaçantes e as asas muita amplas e brancas.

-- Lara!

Capítulo 5
Na estrada,
e depois na casa de Marchezi
e em seguida no restaurante de Anselmo

Fora da velha casa, depois de vários dias de trabalho e hibernação, sinto-me como se tivesse saído de um coma. Há uma multiplicidade de ações transcorrendo nas ruas simultaneamente e uma sinfonia caótica assinalando a todo instante que somos muitos e todos queremos a melhor parte no bolo. Na primeira esquina paro, mudo minha pasta de mão, olho para o céu e para os últimos andares dos edifícios. Não sei se me ponho a andar como turista em um lugar em que nasci, cresci e trabalhei, e ainda assim sou um estranho, ou se organizo minhas ideias para ter uma conversa decente e produtiva com Marchezi. Ao telefone ele era quase como se fosse um interlocutor fictício, que eu poderia tirar do meu caminho bastando para isso afastar o fone do ouvido, ou sempre dizer que falaríamos pessoalmente, estratégia que

habitualmente uso quando me sinto forçado a enfrentar conversas telefônicas. Pessoalmente a situação é bem outra. Ademais, do alto de seus 70 anos, ou talvez mais do que isso, ele me olha sempre como alguém que um dia me pôs sobre os joelhos, para alegria de meu pai e desgosto meu. Em algumas oportunidades Marchezi ensaiava pronunciar uma odiosa frase cheia de familiaridade, que além de artificial era de uma sensaboria ímpar. Refiro-me à expressão "meu menino". Creio que após algumas tentativas ele desistiu de vez. Adamo, como andam as coisas? Novas namoradas?

Adamo, vá lá; era aceitável, embora ninguém me chamasse assim; enfim, eu esboçava um sorriso complacente que deixava tudo absolutamente indefinido. Ele fingia que havia compreendido o que nada havia a ser entendido e eu ficava em paz, despovoado de novas namoradas, mas ocupado sempre, gastando cadernos com desenhos da mais diversa linhagem. Quando Marchezi me via abrindo um caderno e minha caixa de lápis coloridos, o que era frequente quando visitava meu pai, aproximava-se compenetrado. Imediatamente eu fechava o caderno e ele expelia algum monossílabo que não fora emitido para ser registrado em um escaninho especial da minha memória; em seguida dava-me as costas.

Pronto, o sinal abriu, atravessei a rua e tomei um táxi. Era quase uma viagem. Poderia ter ido com meu próprio carro, mas agora era tarde. Por outro lado, fazer de uma visita profissional um passeio era uma decisão sábia, ou ao menos saudável. Recostei-me no assento da maneira mais confortável que consegui e apreciei o percurso, mas Lara estava ali ao meu lado, ao menos em certo sentido secreto. Pensei no rosto da pequena bailarina de Degas, que não era bonito,

acrescentei a ela digamos uns vinte anos, fiz mentalmente um nariz mais atraente e coloquei uma vasta cabeleira castanho-clara ao redor de seu rosto. Poderia ter um rosto triste, como a Madona de Murillo, que está na galeria Corsini, ou ostentar aquele olhar indecifrável da Virgem com o Bambino, de Perugino, ou ainda com o rosto da Madona, mística e compenetrada, com um capuz negro cobrindo os cabelos e as pálpebras semicerradas, de Dulci, que talvez ainda esteja na galeria Borghese; ou, ainda, mundana mas angelical. Falo da Sibila, de Domenichino, com aquele lindo turbante; e outra vez lembro da Virgem com o Bambino, de Dulci; o bebê parece flutuar, tal a leveza com que os dedos da mãe o sustentam. Na verdade há algo mais sublime que o descompasso do artista com a lei da gravidade. O que ele nos está a sugerir, agora já se sabe, é que Jesus de Nazaré não precisava da física de Newton, que aliás não tinha sido escrita ainda, para ser quem era. Essa tela está também na Borghese. Não sei por que essas imagens me visitam de tempos em tempos. Por que você acha que isso acontece, Lara?

-- O senhor disse alguma coisa? -- indagou o motorista.

-- Não, falava comigo.

Lara não veio, foi ver a tia. Se viesse e tivesse lido meus pensamentos diria, ora, por que não usa a minha cara de uma vez?

Claro que sim, Lara, estou apenas fazendo exercícios. Exercícios mentais. O mundo que é essa porcaria não se fez em um dia; e você, que é a mais linda de todas, merece um artista à altura, mas qualquer que seja ele serão necessários muitos dias de trabalho para fazer justiça a sua beleza.

O que eu lhe falaria, se tudo isso realmente acontecesse,

não é absolutamente verdade. A mais linda de todas era Celena. Não a pintei, seria um sacrilégio fazê-lo. Mas tentei uma tarde, aproveitando-me de que ela dormia no sofá e eu estava bêbado.

Enfim, Lara, ao ouvir que eu a considerava a mais bela, diria que eu estava exagerando, ou na verdade apenas me divertindo às suas custas e eu nada responderia. Ou talvez tivesse tentado dizer algo, mas uma mão invisível me impediria de continuar, tapando minha boca.

Calo-me, aquieto-me, os postes de luz ladeiam a estrada a espaços. O motor do carro é o som predominante. Mergulho nessa sinfonia monótona, e os dados da memória com os quais estava jogando por passatempo repentinamente se apagaram. Apenas eu e a luz do Sol, ao longe; astro preso ao céu por tirantes invisíveis; comporta-se como se estivesse com apetite de deglutir o asfalto; parece que nos vai engolir, e se isso acontecer ficaremos girando com em um liquidificador, em meio ao emplastro espesso de seu caldo laranja, mas logo a pista faz uma curva à esquerda e escapamos, o motorista e eu, desse encontro fatal. Uns bezerros holandeses e suas mães zelosas nos avistam por trás de uma cerca logo que o Sol fica a nossas costas.

-- Estamos quase lá. O senhor está vendo aquele portão azul logo ali?

-- Estou, sim senhor.

-- É para lá que vou.

-- Muito bem. Muito bem, respondeu-me ele com inesperado ânimo, como se me agradecesse por ajudá-lo a carregar o carro nas costas a seu lado todo o trajeto. Penso subitamente em Celena outra vez; há palavras que não podem ser ditas sem uma forte razão que justifique serem pronun-

adas. Olhei pela última vez para os bezerros.

Marchezi advinhara que eu estava para chegar. Já estava a postos, com os cotovelos enfiados entre as tábuas verticais do portão, quando o táxi estacionou. Vestia uma grossa camisa de flanela xadrez, que lhe dava ares de camponês americano. Paguei o táxi e combinei que nos encontraríamos em duas horas. Ele me forneceu seu cartão. Que eu ligasse quando achasse conveniente.

-- Quer dizer que não vai dormir em minha casa, protestou Marchezi quando ouviu meu acerto com o taxista.

-- Não, mas teremos tempo para conversar.

Sempre me agradava ver as casuarinas ao redor da casa, e ao longo do rio; seu jardim de tulipas e sua horta.

-- Plantou as cebolas roxas, afinal? indaguei.

-- Sim, como sempre disse faço o que me comprometo a fazer. Exercito-me remexendo a terra e semeando. Acho tudo isso muito surpreendente. Você enfia o dedo na terra, e logo nasce um pé de alface.

-- Trouxe algumas coisas que queria lhe mostrar.

-- Verei tudo a seu tempo. Agora quero que colha comigo umas beterrabas. Não são grandes como as da feira, mas sabem bem.

-- O que devo fazer?

-- Basta arrancar da terra. Puxe pela rama.

-- Marchezi, insisti, preciso que conversemos um pouco. Não vim aqui para aprender a colher verduras.

--Já faremos isso.

Entramos por fim na casa, segurando cada um uma das alças de uma cesta cheia de verduras. Mostrei-lhe meus desenhos, todos eles, com suas inúmeras variações e perspectivas.

-- Então é ela? ele indaga sugerindo que houvesse um mistério por trás de tudo isso.

-- Vamos direto ao ponto, disse, já impaciente com Marchezi.

-- Posso colocar um vidro, nessa forma oval. Se sobrar, cortamos, se faltar, claro está, refazemos.

-- E como fixamos o vidro na tela?

-- Vou fazer uma base de madeira por trás, para ter como pregar o aro de fixação do vidro, como você sugere em um de seus desenhos. Ora, você sabe perfeitamente que não há outra alternativa.

-- Sim.

-- Vou rever as medidas, apenas para ter a referência à mão.

-- Gostou da ideia?

-- Não gostei, mas o pescoço é seu. E, afinal de contas, quem sou eu para contestar seus projetos. Quando terei a sua parte pronta para poder concluir?

-- Em um mês.

-- E até lá? indaga Marchezi.

-- Como assim 'até lá?' pergunto eu.

-- Vai querer que eu faça mais alguma coisa?

Fiz um gesto como o de quem ainda não tem a resposta.

-- E a viuvez? pergunta ele, tocando meu ombro com uma das mãos.

-- Acidália me ajuda em casa.

-- Não foi o que perguntei, Adamastor.

Busquei tocar seu lado emotivo, o que precipitaria a mudança de assunto.

-- É uma constante compressão no peito. Não dói, mas me adverte a cada minuto de que estou só; é um não doer

que talvez doa mais, não sei explicar. Ainda há instantes lembrei-me de Celena. Quando uma casa desmorona e você tem os meios para reconstruí-la, você tem um princípio de solução do problema; no meu caso não há o que fazer. Não posso ir a um estabelecimento comercial e trocar vinte anos de vida em comum com uma pessoa especial por meia porção do mesmo em azul-celeste.

Marchezi franziu a testa, olhou-me fixamente e disse o que eu já esperava ouvir:

-- Detesto quando você fala desse modo.

Calei-me, pois sabia que ele estava a ponto de dizer que esperava mais de mim; esperava que eu demonstrasse hombridade suficiente para ao menos chorar em seu ombro. Contudo isso eu nunca faria.

-- Você também está só, balbuciei.

-- Mas a vagabunda que daqui saiu carregou as próprias malas. No final das contas foi um alívio.

Susteve o gesto que havia esboçado.

-- Perdoe-me, disse. A verdade e a honestidade me proibem de colocar na mesma frase a figura de sua mulher, sempre tão digna, e a da que foi minha, ou nem minha foi, talvez de todos.

Tomamos café e brandy, atentos mais aos nossos copos do que ao nosso destino diverso mas igual. Afinal de contas, para certas coisas as palavras de nada serviam. Quando ouvimos o ruído de um carro à porta quase desejei que fosse o taxista. Mas não era. Marchezi tinha que ir até sua oficina, no fundo da casa. Eu o acompanhei e o assisti mexendo em miudezas e vendo a temperatura do forno. Conversamos outra vez sobre os laivos de sangue no vidro, mencionamos a hipótese de substituir o vidro por alabastro, ele opinou que

pareceria coisa comprada pronta em loja de luminárias.

-- Umas lâmpadas miúdas nas bordas do alabastro, como não havia pensado nisso? disse-lhe.

Ele acabou rindo. Finalmente peguei o cartão do motorista e liguei, pedindo que viesse me pegar.

-- Como sempre teremos vernissage à vista? perguntou-me para ter alguma coisa que dizer.

-- Não há ainda outro modo de promover a venda de obras cujos pintores estão vivos. Eu detesto essas coisas, mas não vou repisar isso.

Fomos caminhando sem pressa de volta ao corpo da casa. Antes de sentarmos em duas poltronas da sala, Marchezi avançou até a estante de livros, pegou um embrulho e deu-me.

-- Leve-o, disse.

-- É um presente?

-- Não e sim. É uma antiga foto de seu pai montado em um cavalo árabe. Pus em uma moldura. Agora são suas, a foto e a moldura.

Marchezi passou-me o pacote e acrescentou muito paternal, mas ainda assim ligeiramente solene:

-- Antes que me esqueça de lhe dizer, esses esboços são das melhores coisas suas que tenho visto.

Agradei muito o elogio, abri o presente, ou melhor, rasguei-o na beirada, fuzei para ver como estava meu pai a cavalo, agradei um pouco mais, abracei meu anfitrião e quando todo o singelo ritual de sociabilidade chegou ao fim, mal tivemos tempo de nos acomodar nas poltronas para acabar de consertar nossa comunicação como sempre um tanto enviesada, pois já lá estava o táxi estacionado à frente da casa.

-- O senhor veio voando? perguntei ao motorista.

-- Na verdade tenho uma irmã que reside bem perto daqui. Aproveitei a viagem. Podemos ir, então? indagou ele.

-- Claro, vamos embora, por favor. Acenei para Marchezi, agitando sobre a cabeça com uma das mãos o embrulho parcialmente rasgado; na outra empunhava o portfólio que trouxera.

Nem bem fechei a porta do carro, começou a chover.

-- Temos chuva, disse o motorista de maneira lapidar, logo pondo em funcionamento o limpador de para-brisas. O som era aquele costumeiro, como o de um relógio com batimento retardado. Aquilo sempre me dava certa sonolência. Ainda assim reabri o pacote e me pus a admirar a foto. Meu pai estava mais jovem do que eu agora, o que era no mínimo uma impossibilidade metafísica; talvez por isso todas as fotos antigas fossem mentirosas. Mas de qualquer modo ali estava ele, na verdade parecia um pouco mais que um jovem senhor e um pouco menos que um tipo maduro bem conservado; ao fundo, ladeadas por dois vasos de flores, em uma varanda, duas mulheres. Uma delas parecia ser minha mãe, mas não estou seguro. Se fosse ela, Marchezi diria. Ou talvez não dissesse, pois a outra poderia ser a mulher que o abandonara e ele não gostaria de se ver forçado a mencionar seu nome. Não, efetivamente eram apenas duas mulheres colhidas ao acaso pela lente do fotógrafo. A volta com chuva tornava o percurso mais demorado.

Sempre me sinto tenso com Marchezi; toda vez que o revejo tenho a impressão de que seu fardo está maior e mais pesado. Sei que dissimular não é o seu modo de ser, mas também não se pode dizer que ele seja um sujeito que gosta de confidências. Bem ao contrário. Guarda para si a memó-

ria das desavenças com a vida; vez ou outra o recipiente em que as colocou transborda, e desabrocha do solo ácido de sua alma uma palavra pesada, uma frase que sintetiza tudo, ou um gesto que sugere um nome ou o desfecho de um acontecimento. Mas tudo absolutamente tudo se movimenta ao redor do sentido último do isolamento completo, que se resume a mais ou menos isso: estou só e a essa altura dos meus anos isso é uma condenação, mais do que uma fatalidade. Ao menos ele sabe disso e eu, pelo meu lado, estou apenas começando a desconfiar de que me sento a seu lado, no mesmo barco, com um destino semelhante, embora com lembranças muito distintas.

Não quero ir além com esses pensamentos e é provável que eu esteja sendo rigoroso demais comigo. Ter pena de si mesmo é o primeiro grande passo para se deixar seduzir pelo nada. Gesto de suma fraqueza, diria minha mãe, quando testemunhava que um de nós se sentia cabisbaixo e estava entregando os pontos.

Estamos saindo da estrada e avançamos por uma rua de paralelepípedos que brilham sob a chuva. Parece um longo tapete desenrolado, entre as calçadas de concreto e as poucas praças ajardinadas, nos reservando aqui e ali uma montagem quase surpreendente de variadas texturas e matizes, do negro ao cinza azulado, do fosco ao grafite rutilante. Quando o sinal muda de cor, o arranjo é reordenado e pinceladas verdes ou amarelas ou vermelhas, conforme o caso, lambem a pedra caprichosamente, sem um plano definido, conforme a luz tênue do Sol ilumina a película úmida de água e óleos sobre a pedra. Um andarilho das ruas se sou-

besse realmente observar isso, e, claro, soubesse também pintar, não precisaria recriar um mundo todo seu, particular, e suas cores embriagantes, como fizera Monet em Giverny. Bastava um guarda-chuva, um cavalete e uma boa paleta, além de uma dezena de bons pincéis. Mas dessas coisas todos os mais honestos aprendizes da arte da pintura sabem, e até mesmo os que não sujam seus dedos em tintas, nem furam seus dedos montando inteligentíssimas instalações, todos eles sabem dessas coisas. Alguém disse-me certa vez que era muito difícil arrancar as máscaras das coisas, era mais fácil fazer o contrário, como no carnaval de antigamente. Penso nisso quando submeto o rosto mental que cultivo no interior da mente a pesadas talagadas de tinta a óleo, deixando às vezes, além da minha assinatura, subjetivamente assim entendida como o conjunto de ações próprias de um indivíduo, a marca do tipo de pincel que usei. Seu número, suas características e finalidades, sua origem.

Enfim, é tudo uma armadilha, como também é ardiloso imaginar que minha habilidade técnica permita na verdade, ao invés de escamotear um rosto, fundir o rosto imaginário ou mentalmente real ao meu, que a rigor não resulta em um rosto se mesclando a outro, mas em muitos rostos de muitas idades e de vária gente se fundindo em um só, uma grande mentira que passa a ser, se tiver tido êxito, uma grande verdade, até que os rostos todos desaparecem, fica só um registro de um processo, algo abstrato, sem lugar definido, sem referência histórica.

-- Vou descer aqui, senhor. Como é mesmo seu nome?

-- Está no cartão que lhe dei: Mendes. Eulino Mendes.

Paguei a corrida, agradei com uma vênica um tanto exagerada, e logo me vi na calçada, em frente a um banco, cuja

solidez financeira começava na certa pela monumentalidade das colunas que sustentavam o pórtico romano. Em alguns minutos de caminhada ligeira, buscando me molhar o menos possível, estava em casa. Nada havia para comer. Peguei uma capa e um guarda-chuva e decidi comer em um pequeno restaurante de um amigo.

Anselmo tinha saído, mas seu filho Calisto estava à espera de algum cliente, atrás do balcão. Pensei em Lara, na certa com titia, por isso sorri, o que fez com que Calisto pensasse que o sorriso era endereçado a ele, o que o fez sorrir; acabei sorrindo novamente como resposta e me aboletei em uma banqueta junto ao balcão, que estava vazio àquela hora, como de resto todo o restaurante. Olhei ao redor; agradavam-me as cores quentes do lugar, sobretudo as paredes de um vermelho escuro aqui e de um verde acinzentado ali; e as samambaias generosas espalhadas pelo lugar em vasos de latão e cobre e as arandelas inglesas douradas. Gostava também do papel de parede que revestia o curto corredor até os banheiros. Anselmo sabia, por outro lado, que eu deplorava os *affiches* que ele dispôs em quase todas as paredes disponíveis, com as mais reproduzidas obras da história dos últimos dois séculos, contudo, esse era um assunto enterrado.

-- Tio -- ele me chamava de tio --, o que vai ser?

-- Tem almoço, ainda?

-- Vou ver. Enquanto isso o que bebe?

-- Um dry-martini decente, com duas azeitonas lavadas com água mineral. Taça bem gelada, mas não molhada.

-- Você não muda.

-- Mudo, sim, você é que não percebe. Estou mais velho, mais gordo e menos sábio, pois a sabedoria do jovem está

na destreza em agir rápido e não ter medo de errar e do velho é a de protelar.

-- Pintando muito?

-- Só o sete, como você.

Calisto foi até a cozinha e não trouxe grandes notícias.

-- Olha, tio, só temos agora um rosbife com molho tárta-ro e batatas cozidas; pode também ser frango ensopado com açafrão, ervilhas e arroz, ou linguado empanado temperado com ervas.

-- A primeira opção. E abra por favor uma garrafa de Cahors ou de Bongonha. Pode-se comer uma salada antes?

-- Prometo que se tiver alguma coisa verde que não seja mato ou grama, faço uma salada. Gosta de agrião? Se gostar, creio que tem agrião. Juro que alguma salada eu consigo trazer da cozinha.

-- Acredito, disse em voz mais baixa, enquanto Calisto se afastava novamente.

Como uma vela, minha verve social se apagara, como de hábito rapidamente. Eu queria ficar só; no final das contas, desejava ter tempo para dar um rumo ao meu projeto de vernissage, que parecia não saber responder às perguntas que eu formulava; parecia uma construção que emergia do chão atabalhoadamente, advertindo-me a todo instante de que a coisa poderia ruir por culpa integralmente minha. Entretanto ao mesmo tempo eu próprio parecia favorecer isso: fugia das circunstâncias que pudessem parecer adequadas para me dedicar ao trabalho e ia a lugares como aquele, em que ao menos o dono me conhecia há anos, e deixava muito convenientemente os compromissos assumidos do lado de fora. Era um modo de amenizar a angústia, bem sei, embora ela estivesse onde o trabalho não está e sobretudo onde ele

está. Sinto que ambos andam de mãos dadas pelos escaninhos da minha cabeça, não importa onde eu vá. Era como se estivesse na sala de jantar de um conhecido, que me pedira para aguardar enquanto acabava de se aprontar; e eu ficava ali, na sala vazia, sentado na poltrona central de um sofá de cinco lugares, com as mãos espalmadas sobre uma espécie de tempo coagulado, perdido naquela espera que me fazia menor do que normalmente eu pensava que fosse.

Bebi um gole do martini e abocanhei uma das azeitonas. Calisto voltou apressado.

-- Tio Adamastor, posso fazer uma entrada com tomates gratinados à base de aliche, gorgonzola, brie e gergelim preto?

-- Não, Calisto, acho que é demais. Faça apenas uma salada de agrião e tomates cortados em gomos, com azeite ou do jeito que achar melhor.

Calisto se foi novamente. A cada saída dele de meu horizonte de visão o restaurante se tornava mais impessoal e frio e a cada retorno dele parecia mais difícil me comunicar. Sinto que o deixei constrangido e isso é uma coisa imperdoável, sobretudo quando se trata de um jovem como ele e de um homem de alguma idade, como eu.

Tomei o resto da bebida e saí do balcão. Escolhi uma mesa qualquer e me sentei, e a sensação foi ainda pior. Era como se o mundo tivesse parado de girar e as coisas de acontecerem. Meus sentidos adormeciam sob um sentimento crescente de opressão no peito. Quando Calisto trouxe a salada, comecei a ter calafrios e falta de ar logo que a vi. Levantei-me e fui ao banheiro, lavar o rosto com água fria.

Quando voltei, ele estava com as mãos no espaldar da cadeira em que me sentara há instantes, preocupado, à mi-

nha espera. Parecia um dentista pronto para concluir a obturação.

-- Sente-se bem, tio? Papai logo estará aqui.

-- Não é nada, talvez seja apenas cansaço. Apertei suas mãos com a força que pude. -- Está vendo? Estou um touro. Mas assim mesmo vou trocar o vinho por água mineral. Badoit, se tiver.

Capítulo 6
A caminho
e já em casa

Quando pus os pés na rua, já não chovia, e também não tive a chance de conversar com Anselmo, o que em certo sentido foi positivo, pois terei mais um pretexto para ir almoçar lá qualquer dia desses. Passei em um pequeno mercado e comprei alguma coisa para o jantar e para o café da manhã. Minha caixa de correios estava repleta de contas e cartas, incluso um bilhete de Alphonse.

Sentei-me em um sofá da sala e abri primeiro as contas, depois as cartas. Uma jornalista alemã queria uma entrevista. O bilhete do marchand dizia também isso. Ela o procurara e ele sem me consultar deu meu endereço. Vários convites para vernissages. Penso em Lara, na invenção de Lara, pensamento tênue como uma gaze, talvez tal como ela, que logo se esgarça e se desmancha quase que por completo. Es-

forço-me para reimaginar seu rosto, atando os fios da gaze rompida em busca de construir ao menos um rosto fixável pelo olhar da mente, ou a mentira que representa para mim nas horas propícias. Como era o seu nariz? Mais belo do que o da bailarina pré-adolescente, de Degas, mais longo do que o da Sibila de Domenichino, mais arredondado do que o da chocolateira de Liotard, ou será o contrário? Poderá ser enfim o que eu quiser que seja. Ou jamais vir a ser algo em definitivo.

-- Eis um homem caseiro, reverberou Lara em minha mente e a partir dela apontou em minha direção de modo muito teatral, molieresco, com uma das mãos nos quadris e uma das pernas esticadas, com a ponta dos pés para cima.

-- Caseiro, nem tanto, também acabo de chegar.

Lara irradiava sua luz especial por toda a sala; para parecer uma holandesa só lhe faltavam os tamancos de madeira, que felizmente não tinha.

-- Preciso de um chá e depois de um banho.

-- Parece justo. Quero sua boca antes.

O pedido foi satisfeito, e muito mais.

Os lençóis estão frios, assim os travesseiros. Deito-me colado a seu corpo e toda uma vibração, com intensidade registrável entre a epilepsia e a imobilidade, fazem de seu físico algo como um violino que toca a música que tem seu nome. Giro meus músculos em direção aos seus, deito-me sobre suas aflições e esperanças e toda a energia da carne e do espírito, ambas, me comovem e me abraçam e eu as

abraço, e me embalam como se eu fosse uma criança, quase chego a querer-lhe como se fosse um projeto exequível. Nem sei neste momento se lhe chamo de amante, de amiga, de irmã, de minha ajudante.

Lara interrompe meu pensamento, como coisa viva. Que avantesma estranha me invade o espírito?

Ela responde:

-- Sou uma lata com todas as cores de tintas que existem em sua cabeça, Adamastor. Sou seu modelo vivo, mas cansada. Se me agitar muito, as cores novamente se misturam e tudo pode acontecer. Desta cama pode sair um gato enroscado nos lençóis ou, pior, um rato com bigodes, e se eu me sentar com a perna direita recolhida pareço-me com aquela mulher loira pintada por Albert Marquet, só que mais sensual, mais desperta, mais cheia de nervos, você sabe bem. Afinal, moro em sua cabeça e ela no museu.

-- É preciso estômago forte para ouvir você.

-- Não quer mais me beijar?

-- Agora não. Não beijo ratos bigodudos.

Quase estou rindo de mim. Parece um bom caminho para a senilidade. O ato de pensar se transforma facilmente em algo semelhante a uma audição de um concerto desafinado e mal-executado e este é um dos grandes incômodos da vida denominada intelectual. Há coisas que podem ter sua graça e que visitam nosso pensar sem cerimônia. Para essas, conforme nosso estado de espírito, damos certo desconto e em troca elas nos dão alguns instantes satisfatórios; há coisas doloridas, cheias de seriedade que são como armas engatilhadas para o futuro imediato; são armas, sim, apontadas para o nosso peito e nos invadem nos momentos mais inoportunos. Só o fato de pensar nelas já causa desespero. É preci-

so agir sobre as duas de maneira distinta, o que é lógico, mas não parece agora tão simples de decidir o que fazer; agora talvez o melhor seja tentar dormir, apenas isso, se conseguir: fecho os olhos e busco erguer uma parede entre mim e o resto de mim que se sente esmagado pela dor; inútil; ouço sons insuportáveis espoucando como bombas de festim no interior da minha cabeça. Faço uma fisionomia compatível com meu incômodo súbito e persistente e Lara reage.

-- Não quer fazer mais nada comigo? indaga como se eu não houvesse pensado em nada que não fosse por demais evidente.

-- Essa é uma questão sempre muito difícil de responder.

Mas a dor responde por mim, por vezes aguda como um estilete rasgando a massa encefálica, se é que é possível experimentar esse sofrimento, por vezes atuando com uma energia constritora incansável e impiedosa. Sinto como se meus tímpanos fossem premidos para fora e meus olhos comprimidos como se os quisessem expulsar de meu rosto. Há em mim uma central de comando em pane. A dor é uma ordem desentendida pelo ser humano, não é um aviso, é um viés, não é um acerto de contas com os nossos erros. É preciso reverter a ordem, ou, melhor, dar outra, com mais eloquência, até que nossos sentidos entendam que o melhor caminho a tomar é ir de encontro à calma absoluta; fazer nossos sentidos entenderem de algum modo que caímos em grande equívoco, que queremos nos redimir; ouvir apenas os sons amenos e harmônicos que a orquestra, com um pouco de esforço, que toca dentro de nós, talvez consiga nos presentear. Sim, é o melhor caminho. Chego a ouvir algo que se parece com um intervalo sonoro. Apenas um intervalo

sem mais explicações. Será isso? O nada. O hiato. A suspensão do som corrosivo. Talvez enfim tenha conseguido, é só não me mexer, não buscar os sons que não existem mais.

Capítulo 7

Adamastor, o escultor:
comentários, sonhos

Adamastor encosta o lado esquerdo de seu rosto entre os seios de Lara, ou ao menos é o que pensa que está fazendo. Fecha os olhos. A dor lentamente se vai.

Sonha e em seu sonho pensa que suas mãos estão ásperas demais. Talvez ela prefira assim. Se ele trabalhasse com gesso, ao invés de granito, teria mãos mais apresentáveis. Abandonar a pedra é fugir covardemente do risco; era permitir-se vez por outra desconcentrar-se, pois sabia que poderia corrigir o malfeito. O gesso requerer movimentos mais serenos, alongados. É como ensaboar um corpo sob o chuveiro em que a água cai mansamente. A pedra exige paciência, precisão e uma vontade inviolável de não sucumbir,

como dizia o seu pai. Cada ato é submetido a uma rota prévia, que se encerra no golpe fatal. O escultor tem em seu espírito a forma que deve sair ilesa da peça granítica que tem diante de seus olhos. Lara já esteve lá, na pedra de sua mente, inteiramente encerrada dentro dela, batendo com os nós dos dedos para que a libertassem; ela principiava sua desova, que belo ser será! teria pensado alguém que testemunhasse tudo isso. Lara será seu nome algum dia.

Quem sofre mais para existir, o corpo que nasce da pedra ou o escultor que envelhece a cada momento na dura batalha para que a forma se liberte da coisa bruta? Mas eu também pinto, diz-lhe uma voz dentro de seu sonho, uma voz delicada, feita de cristais. A pintura alça meu espírito, a escultura projeta-me muscularmente na direção da ideia. Meu pai acha que os caminhos são muitos e múltiplos. Foi com ele que aprendi a descobrir a maneira de Degas fisgar a vida. Mas meu pai era uma máquina intuitiva, que jamais tive a oportunidade de conhecer a fundo. Temo que sua maneira de pensar não me pudesse oferecer o necessário para me desenvolver. Um impulso inicial, talvez, e não posso dizer que só isso seja pouco, pois não é.

"Seja o que quiser", diz minha mãe com suas mãos nervosas. "Faça o máximo que puder", diz ainda meu pai. Fazer tudo não é o suficiente, proclama um espírito exigente, quase antagonista. É em suma um pesadelo. Em sonho finalmente pinto e gravo e esculpo.

O mundo inteiro, conjectura ou sonha, Adamastor; está

para ser reconstruído. Que tarefa! Refazer a catedral de Nantes, a de Chartres, a de Colônia, a catedral de Sevilha, a Capela Sixtina, as igrejas bizantinas, as igrejas românicas, tão despojadas, visitadas a desoras por máquinas fotográficas e turistas com os trajes próprios do verão passageiro, os vitrais com suas vozes e cores tão antigas, buscando inutilmente convocar nosso espírito, as igrejas barrocas, tão assaltadas por vivos espíritos em busca do ouro e de suas estátuas, as igrejas neoclássicas, as pequenas capelinhas erguidas em ermos campos; a estatuária de Aleijadinho.

-- Celena!

Turistas de shorts, suados, de roupas folgadas e curtas mentes, os séculos vos esperam com grande desânimo. Vós sois os estúpidos depositários de milênios de tentames. Não ouço nos corredores escuros, entre as colunas dos templos, a palavra que nos possa resgatar. O silêncio é obsceno e chega a cheirar mal. Ela, a palavra que pode ser um som musical, um elo de uma sinfonia, apenas um som puro, não existe mais. Não posso cobrar o que esses jovens imaginam que nos podem dar em troca de nossos cuidados dedicados ao tempo. Somos a ruína romana em Évora; os que por baixo de Lisboa sussurram, gente e coisas, desde o terremoto mais cruel; a língua indígena ferida pelo arcabuz português e espanhol, e assim pouco valem, e se pouco valem menos ainda apreciamos uns aos outros. Uma relação de equivalência se estabelece entre o querer se salvar a qualquer preço e o querer matar para da morte reconstruir o que quer que seja que não tenha perenidade. A ordem geral é atravessar o tempo sem olhar para o que se foi. Essa é uma constante ameaça para todos, para artistas em geral, e para aquele que se põe a pensar sobre o fato de que vivemos sobre ruínas

que um dia foram construídas sobre outras ruínas e assim por diante; aquele que no final das contas sofre porque sabe que tudo é perecível, mesmo que isso não seja necessariamente uma consciência agindo, apenas uma passagem mental descortinada por um pesadelo, pode chegar a gritar, pode se sentir subitamente dominado pela angústia. Pode acordar, como faz Adamastor, que se agita querendo se libertar de algo e chega a esmurrar o travesseiro. Abre os olhos assustado e acende a luz do abajur. Tudo está no mesmo lugar, ainda.

Entre a luz da fraca lâmpada da cabeceira e o restante do quarto; entre a luminosidade e a escuridão, Lara dá indícios de estar ali, em algum lugar próximo talvez das cortinas, movendo-se como um barco que não quer seguir nem a rota do Sol, nem a da Lua. Nem ondas há, nem a espuma branca ao redor dos arrecifes. Mas ela não sai das sombras.

-- Onde você está, Lara?

-- Estou aqui, fui ver minha titia.

Adamastor volta a dormir, sonha que falou alguma coisa e que alguém falou com ele, sonha que os anjos que seu pai fabricou com zelo não conseguem voar mais, ele os vê serem abatidos e despencarem das nuvens com as asas quebradas e caem em um oceano alabastrino, mas povoado de grossas artérias de líquido vermelho e de outras correntes coloridas. Em seu trajeto essas correntes formam uma rede de desenhos caprichosos que se movimenta sobre um concavidade oceânica, como serpentinhas nadando em uma piscina de azeite descorado.

Lentamente os anjos de meu pai afundam. Choram e afundam e parecem sentir muita dor, pois foram atingidos por dardos ou balas ou flechas ou alguma forma fatal de violência. É insuportável testemunhar que a pedra, feita para a eternidade, feneça dessa forma; é cruel vê-la sucumbir, dismantelar-se, submetida a uma consciência mineral reveladora, que anuncia que irá morrer. É penoso pressentir que os seus olhos, os olhos dos meus anjos, me perscrutem doloridos, esferas de pedra profanada, seus ombros caídos, derrotados.

Já esqueci o nome de cada um deles, mas não importa, sou Adamastor, filho de Ferdi, e eu os amo como se meu querer nascesse de minhas mãos. Por fim, sem luta, os anjos esfacelados mergulham no mar de ninguém, as asas agora separadas do corpo. É quase como se a alma se separasse do espírito.

Capítulo 8
No quarto, no chuveiro,
na cozinha, no atelier

-- É o senhor Adamastor Finkel?

-- Sim, quase sempre.

-- Liguei muito cedo? Meu nome é Karen Schneider, sou jornalista.

-- Alphonse deixou-me de sobreaviso. Se puder deixar seu número de telefone, ligo em meia hora.

Reencontro na cozinha a mesa que eu feri um dia. Parece que meus olhos são sempre atraídos pelo meu velho crime e imediatamente olho o ferimento que causei, cuja ferida segue aberta.

Deve ser muito cedo. É como se o ambiente estivesse coalhado de cristais de água, de névoa aprisionada; é como se uma parte da geada penetrasse pelas frinças dos janelões da cozinha. Penso em preparar um café, mas reconsidero a

alternativa. Volto para o quarto e resolvo tomar um banho quente. Ainda não me acostumei a ver todos os pelos brancos do meu peito, nem a tocar as carnes flácidas abaixo da cintura. É como se o tempo dissesse que minha época sexual estava extinta, e a natureza faria o honesto serviço de engolir meu desejo e torná-lo compatível com minha idade, é mais ou menos como tornar meu sexo um mero utensílio urinário. Mas vou lutar contra isso. Ensaboo-me com a energia cabível. Faço os recortes da minha barba sob a água, com a lâmina que deixo no box, e se eu não ficar muito atento ao corpo que tenho agora, poderei até imaginar que nada mudou, que tenho dez ou quinze anos menos. Fricciono meu corpo, enxugo os cabelos, enfio um robe amarelo espesso e folgado.

-- Em que posso lhe servir, senhora Schneider?

-- Muito grata por me telefonar. O Alphonse falou de suas predileções ecléticas ao lado de suas rejeições, se me permite dizer, intempestivas. O que pensa disso?

-- Aprecio uma centena de pintores, não tolero vários milhares deles, embora nessa altura da minha vida minha avaliação da pintura de hoje pouco importe para o meu trabalho, ou mesmo para o futuro da arte. Seria querer demais.

Mas quem por exemplo goza em sua opinião de uma reputação favorável?

-- Oh, há muitos, Bernard Buffet, Juan Gris, Portinari, Pancetti, Clovis Graciano, Joshua Petker, Eric Fischel, Edward Hopper, Jackson Pollack, Yolanda Mohaly, Pissarro, Sisley; Soutine, conhece Soutine, claro que sim: sua força geradora de deformidades.

-- Não consigo anotar tão rapidamente, mas me parece que o senhor está querendo me confundir.

-- De modo algum. Apenas lhe digo o que subitamente às 9h30 da manhã me vem à cabeça. Façamos uma coisa. Uma coisa simples. Escreva-me, formule suas questões de modo claro e me mande. Responderei a todas elas.

-- E por que por exemplo não pensou em Picasso? insiste ela.

-- Quem?

-- O senhor está se divertindo comigo.

-- Apenas estou procurando fazê-la compreender que sua pergunta é impossível de responder. Não se trata de uma escolha de um modelo de roupa adequado para ir a uma festa de gala. É bem outra coisa muito distinta. Mas me escreva, faça isso. Mas antes procure examinar o que já se escreveu a meu respeito.

-- Mas senhor Finkel, eu já fiz isso. Tenho uma dezena de perguntas sobre sua atividade como escultor. O que me tem a dizer sobre isso?

-- A escultura é uma herança e um compromisso familiar. Meu pai esculpia intuitivamente, fazia anjos, santos, para sobreviver. Estou apenas fazendo agora o que ele não teve condições de fazer: transformar ideias em arte. Compreende?

-- Mais ou menos. Poderia dizer-me que escultores aprecia?

-- Um nome: dou-lhe um nome apenas: Eduardo Yenes.

-- Oh, não conheço.

-- É uruguaio. Insisto que revise as matérias publicadas a meu respeito, faça isso, mesmo que já as tenha lido, embora, convenhamos, do que chegou a meu conhecimento com

respeito ao que se escreveu sobre o meu trabalho pouca coisa se salve. Não lhe custará muito repassar isso. De qualquer forma, como sempre digo aos jornalistas estrangeiros, tudo é valioso para se compreender o trabalho de uma pessoa. Não é verdade? Meus cumprimentos e respeitos. E não se acanhe. Escreva-me. Sinceramente.

Desliguei sinceramente o telefone.

E fui até a cozinha. Cutucando sem fervor uma torrada que passara do ponto, pensei em ponta seca, água forte; em formas geométricas e espaços ogivais; pensei ainda nas trabalhosas gravuras elaboradas com técnicas tão variadas. O que passa pela minha cabeça quando minha mente se volta para o passado me impede de deixar de evocar Dürer, Leyden, Goya, Rembrandt; é estimulante mas desanimador. São associações óbvias, quase imediatas, também sei. Mas seus nomes não deixam de ser um sopro de oxigênio para os que não conseguem respirar sem aparelhos. Pergunto-me sempre como controlaram suas mãos nervosas, talvez trêmulas, para fazer o que fizeram. Onde encontraram a extraordinária paciência para fazer o que fizeram mesmo sabendo que um dia em um museu qualquer alguém fixará sua atenção em uma gravura deles e dirá: "Oh, nada mal, muito curioso; muito curioso, mesmo", e isso será tudo o que os seus trabalhos receberão da posteridade.

O melhor que posso fazer agora para sair de minha armadilha é fazer um café e esquentar o leite. Depois não sei, o atelier me espera. O telefone volta a tocar e não atendo. O dia me impõe deveres e obrigações. Para pintar é preciso aceitar o abraço do ostracismo, a exigência do esquecimento pleno, mas não se deixar sufocar por isso. É como dizer ao mundo: quietei-me, restringi minha vida social, mas estou

aqui, sopro o espelho da banheira e ele se embacia. Parte de mim se perde no espelho, furtado pela imagem, mas algo me diz: tu estás vivo. Isto não pode ser mentira.

Mas espera, ainda estou na grande cozinha da família; na verdade, no espaço contíguo que sempre existiu, a velha copa. Tomo um café com leite e mastigo uma nova torrada, barrada com manteiga e geléia de laranja. Brinco com as facas que se encontram espojadas sobre a mesa, volto a lembrar-me de que a feri, mas respeitadas as imensas diferenças entre nós; eu, a mesa e as facas estamos a serviço da vida e tudo isso me povoa e nos une de certa maneira. E há sim o silêncio, que parece de uma quietude domingueira, intercalar, como em certos momentos da serenata para cordas em Dó maior, opus 48, de Tchaikovsky. Nesses momentos nos perguntamos: “ele vai encerrar o movimento agora?” mas ele prossegue e o intervalo entre a suspensão dos violinos e o recomeço é uma eternidade que se dilata em nossas mentes e um pouco mais adiante ele repete o artifício, e ainda assim ficamos em suspenso. Meu pai nada fala à mesa, minha mãe está quieta, e não há nenhuma razão para que as coisas aconteçam desse modo. Olho ao redor, as garrafas e os temperos organizados, as latarias, os frascos, tudo está quieto, esperando que Tchaikovsky continue mais um pouco, e ele sussurra, que é quase outra maneira de silenciar, e os violinos crescem em nossos ouvidos. Restou um dedo de café com leite no fundo da taça, mas já está frio. Sinto-me desapontado, mas ele recomeça, suavemente; nos convoca para dançar, entrega-nos o seu país inteiro, com suas emoções e virtudes. Se minha mãe estivesse atenta ao que estou ouvindo mentalmente, talvez chorasse. Depois a ideia de tudo isso recomeça no interior de minha cabeça, e estou expe-

rimentando novamente a condição de ouvinte de uma audição imaginária.

-- Olá, Adamastor!

-- Olá, Acidália.

-- Atrapalhei suas reflexões?

-- No fundo, só as ajudou. Pensava em música, em meus pais, nesta casa silenciosa. Misturei música clássica com recortes do passado, e tudo acabou por produzir uma confusão mental.

-- E agora, o que posso fazer por você?

-- Ora, Acidália, faça o de sempre. Se estiver disposta, tomamos um café juntos.

-- Está bem. Farei um café, depois cuido da casa.

-- Faça pouco, pois já tomei um café com leite, entretanto tomaria uma xícara com café puro até a metade.

Em meio a uma azáfama matinal no atelier, esboçava uma tríade para o corpo de Lara, com intervalos e ausências óbvias, muito influenciado pelos silêncios de Tchaikowsky em sua serenata. Desse modo, adotado o paralelismo entre música e artes plásticas, almejo pintar um corpo jamais visto por inteiro; a somatória das três telas forneceria uma pálida ideia do que a personagem poderia ser fisicamente. Em meio a essas reflexões, contudo, mesmo assim, o corpo em sua totalidade só poderia ser imaginado, nem mesmo sentido em sua totalidade, da mesma forma como imaginamos as notas silenciosas e inauditas através do silêncio de Tchaikovsky. Há uma ausência que se constitui em presen-

ça, em ambos os casos. Persisti nessas reflexões por todo o dia e na manhã do dia seguinte, voltei ao meu trabalho no atelier.

No instante em que começo a me organizar para trabalhar, aparece Acidália com um envelope.

Quando li o nome do remetente fiquei surpreso. Karen trabalhava rápido. Com certeza deve estar na cidade, haja vista que o envelope não tem selo postal ou chancela dos correios.

Não vou reproduzir a carta, apenas algumas de minhas respostas escritas muito rapidamente para poder voltar ao trabalho:

sim, dos hiperrealistas gosto de Chuck Close, sobretudo por suas ligações com o Expressionismo e fico por aqui, talvez também Goings e McLean; dos pré-rafaelitas tenho restrições. Dos pré-rafaelitas aprecio poucos, pois a revisitação da cultura dos pares de Rossetti não me atraiu até hoje, pelo menos não até agora -- não a ponto de querer praticá-la, quero dizer; sou apenas um espectador; talvez seja uma limitação minha. Enfim, gosto mais de Millais e de Hunt pelo interesse no social (e menos ligados a uma busca pela reedição da pureza medieval) e por isso mesmo, por estar tão ligado ao mundo medieval aprecio pouco Rossetti. No geral acho uma posição política positiva a corrente de *l'art pour l'art*, mas isso não exime os pintores de serem bons ou maus, a corrente não é uma escolha que acrescenta valor ao artista; as escolhas certas, sim, de preferência múltiplas. Minha exposição caminha a passos lentos, mas caminha, obrigado pelo interesse. Sim, terá escultura, gravura, óleos, etc. Não tenciono fazer colagens, na maioria das vezes fica uma coisa porca. Claro que aprecio os impressionistas, e muito.

Cubismo? Prefiro jogar dados. Sim, gosto de muitos realistas, como Courbet, Corot e Manet, por exemplo, nomes que estão em qualquer trabalho escolar sobre a pintura realista francesa. Um outro dia conversamos mais. Insisto que fale com o meu marchand, o Alphonse, e troque ideias com ele. Saudações do Admator Finkel.

Ela perguntou-me também, lembro-me agora, sobre a origem do meu nome. Qualquer um sabe, foi o que escrevi. Mas não resisti e respondi. Meus avós paternos eram russos. Além disso, claro, indagou muito sobre o que chamou de minha obra e meus propósitos artísticos. Respondi de maneira vaga, fingidamente complexa. Mas frisei que não se vai longe sem uma sólida formação cultural, inclusive e sobretudo literária e filosófica, que são os dois grandes acervos de formação do espírito humano. E foi tudo ou quase tudo o que ficou grafado na nossa primeira troca de cartas.

-- Lara não se mexa tanto por favor. Como já leu em minha carta para a tal Karen, leitura bisbilhoteira, diga-se de passagem, feita com seu belo queixo sobre os meus ombros, estou recortando seu corpo, montando-o com lacunas, supressões, desenquadramentos, a exemplo das notas silenciosas de Tchaikovsky. Já entendeu? Primeiro o esboço grosseiro da tríade, a lápis, depois começo a pintar a partir de medidas feitas a partir de seu corpo, do compasso, da fita métrica, de fotos, etc., etc. Não fique triste se partes suas forem excluídas, pois serão. Esse é o propósito do conjunto. O espectador irá, após percorrer com os olhos as três telas, usar a imaginação para tentar reconstruir a retratada por inteiro. Falo retrato, mas claro que não é o que você está pen-

sando. É apenas uma presença humana que ali está. Agora silêncio por favor.

-- Sei que já está há duas horas parada. Só mais um pouco, só mais um pouco. Ter paciência e piedade com os pintores são qualidades absolutamente necessárias para os modelos vivos, mortos ou moribundos. Caso contrário, que procurem outra atividade. Vou rever suas medidas novamente. Realista! bradou ela como se eu pudesse me sentir ofendido tão facilmente.

-- Vá tomar um café com Acidália. Não, não vá, me abraça, afinal você chegou e se postou como um boneco de pano no canapé, sem abrir a boca ou me cumprimentar. Vou ficar por aqui, adiantando o trabalho.

Só o ruído dos pincéis na paleta, e dos meus pés sobre as largas e antigas tábuas do piso. Olho para a primeira tela, só se vê uma terça parte em diagonal de seu rosto. A Lara que flutua em minha cabeça odiará. Preciso de um pouco mais de amarelo e carmim por aqui. Ao fundo, em segundo plano, um pedaço do janelão do atelier. Tenho que cuidar para que o programa de cortes seja feito de maneira que não gere expectativas. Fazer o óbvio é o pior caminho para o pretendente a artista. Nem mesmo esse mundo confuso deixa de nos surpreender vez ou outra, embora quase sempre tudo se repita com pequenas variações.

A luz natural não é mais a mesma; perdeu o brilho e o calor. Agora, nuvens cinzentas passeiam empurradas pela ventania e as árvores são sacudidas como lutadores marciais

buscando fomentar o medo em seu rival, ou como certos pássaros, disputando fêmeas para o acasalamento. Prossigo, é preciso prosseguir. Sinto que o projeto começa a me satisfazer. Como sempre dizia a meus alunos de pintura, as artes devem dialogar e aprender umas com as outras. É preciso borrar a mente, e menos os dedos. Borrar a mente do caldo espesso da experiência humana com seus artefatos de arte, com seus textos, sua poesia *stricto sensu*, seus pensamentos, sua literatura, enfim, e somar tudo o que é possível somar, sempre não deixando de acrescentar a observação da natureza e o contato sistemático com a tradição.

Sento-me por um instante e penso em Celena. Ela gostava de me ver excitado com ideias e analogias, relatando minhas preleções acadêmicas. Creio que isso deveria ser muito chato e cansativo para ela, mas seus olhos me diziam o contrário e eu acreditava neles. No fundo precisava acreditar neles, pois lecionar foi uma das experiências em que menos me senti naturalmente preparado. Faltava em mim uma vontade de expressão por palavras (não a expressão em si), uma capacidade de comunicação que não parecesse para o interlocutor que eu estava fazendo um enorme sacrifício para dialogar com ele, ou apenas ouvi-lo. Entretanto, em algumas oportunidades, meus alunos se tornavam próximos e uma atmosfera de trabalho nos envolvia. Eram esses momentos que eu procurava trazer comigo e reproduzir assim que chegava em casa, logo que depunha, sobre minha mesa de trabalho, a pasta de couro que eu carregava todos os dias quando ia para a escola de pintura. Esses momentos eram os que talvez Celena se encantasse de alguma forma que eu não saberia explicar. É como se ela absorvesse meu súbito entusiasmo. Se eu tivesse um pouco de coragem teria pedido

a ela para me ensinar a ser melhor do que sou.

Quando fui dar aulas na universidade, o que ocorreu quase em seguida, as coisas não melhoraram em nada. Reuniões intermináveis do departamento, avaliações de programas, seminários, convescotes e tudo aquilo que decididamente nada tem a ver com o ensino da arte ocupavam mais da metade do meu tempo. Foram quase dez anos, talvez um pouco menos. Demiti-me e passei a fazer o que melhor pensava ser capaz de fazer. Quando Celena ficou sabendo de minha decisão, disse apenas que muitos perderiam com meu egoísmo. E ela estava certa em grande parte. Apesar de tudo a solidão me invadira e me arrebatara como uma forte enxurrada arrastando-me morro abaixo. Sobrevivi com escoriações e alguma dor mais espiritual que física.

-- Celena!

Nisso entra Acidália.

-- Quer alguma coisa?

-- Não, obrigado. Vou continuar trabalhando.

-- Você repetiu o nome de Celena, ou estou enganada?

-- Está certa. Repito o nome dela para me certificar de que existi um dia.

Concluí a primeira tela da tríade e avancei bastante na segunda. Sentia-me subitamente exausto. Lavei meus pincéis, limpei a borda da paleta e a bancada. Fui para a cozinha ver se Acidália havia deixado alguma coisa no forno. Quando entrei na cozinha, ela ainda estava lá, preparando uma salada de folhas.

Lara cruzou por mim no corredor e me informou que iria deitar no canapé, pois tinha muito sono.

-- Claro, mas não ponha o dedo nas telas. A tinta está úmida, sussurrei, para ouvir a minha voz.

Capítulo 9
Na cozinha
e depois no atelier,
e depois novamente na cozinha,
com Anselmo

-- Acho que vou querer a salada com *aceto* balsâmico, azeite e um pouco de mostarda com uma pitada de açúcar e outra de sal.

-- Já sirvo.

-- E o que temos além disso?

-- Um assado de ternero com batatas coradas. Enfim, um pernil, disse Acidália quase com desprezo, como se fosse pouca coisa.

-- Minha prezada amiga, só posso elogiar depois de provar, de qualquer modo meu primeiro elogio vai para a escolha. Vejo ainda que abriu uma garrafa de tinto.

-- Já não trabalhou o suficiente?

Eis Acidália, com perguntas que já são respostas, com seus olhos castanhos e pequenos, sempre a dizer “deixa-me em paz”, mas contraditoriamente a dizer “quero-lhe bem”; com sua papada avantajada e riscada por rugas vermelhas, com suas mãos claras e sem manchas como um espartilho de noiva. Temo que um dia terei de admitir que ela conhece meu trabalho talvez melhor do que muitos que vivem da arte dos outros. Isso porque sempre acompanhou com regularidade, por hábito ou interesse, não saberia dizer, o desenvolvimento de quase tudo o que criei no atelier. Seus comentários, embora raros, sempre me foram importantes.

Em tom de blague, disse-lhe certa feita que se ela ao menos arranjasse aventais sem aqueles imensos girassóis aglomerados ao redor do seu corpo, seria mais agradável de se olhar e ficaria até mais bonita que minhas telas. Ela não gostou, quer ficar assim, e assim ficará até quando quiser.

Abri o vinho, principiei o almoço pela salada, depois chegou o pernil de ternero, receita da casa, que veio com as tais batatas e um molho de hortelã com três tipos de pimenta em pequeníssima quantidade: a jamaicana, a pimenta-do-reino branca e a calabresa. A carne vinha encharcada com vinho tinto e temperada com algumas ervas e alho-poró, que, de acordo com a boa norma, foram retiradas depois que o cozimento chegou ao estágio em que a carne devia ficar dourada; em seguida, Acidália recolocou esse fundo de temperos quase ao final.

Acidália se sentou a meu lado, como minha mãe fazia. Sempre gostei disso. Pus minha mão direita sobre a esquerda, dela.

-- Magnífico! Sinfônico! E bati de leva duas vezes na mão de Acidália.

-- Precisa deixar um cheque. A despensa está quase vazia, ela respondeu, como se não tivesse ouvido o que eu acabara de dizer.

-- Pode esperar eu terminar o almoço?

Ela fez que sim com a cabeça, e colocou a mão direita sobre a minha e retirou sua esquerda.

-- Estou imobilizado, brinquei. Assim vou morrer de fome.

-- Tenho muito o que fazer. Coma!

E saiu da mesa, deixando-me o ternero como companhia; além dele, um misto de sabores e lembranças familiares ficaram no ar; nas minhas papilas, na apresentação clássica do prato, que mais uma vez evoca o passado.

Bebia a quarta taça de vinho quando o telefone tocou. Ergui-me, estiquei o braço e alcancei o aparelho. Era Anselmo.

-- Almoçar aí? Não posso. Acabo de comer e tenho que retornar ao trabalho. Talvez para jantar, mas bem depois do horário habitual, pois já são duas da tarde e estou começando a digerir o almoço. Por que não ligou mais cedo?

-- Eu poderia tê-lo feito, mas só me lembrei de você há instantes, quando ouvi o relato das impressões que Calisto tivera a seu respeito.

-- Devo estar muito mal, ao menos aos olhos dele.

-- Para falar a verdade, penso que sim, por essa razão gostaria de vê-lo o mais breve possível.

-- Está bem, Anselmo. Far-me-á bem. Irei. E desliguei o telefone, sem me dar conta de que não combinara a hora de minha visita.

Parecia também que eu me esquecera de acertar comigo os ponteiros do trabalho. Queria continuar, mas me sentia

quase desobrigado de fazê-lo, tal como por exemplo ocorre quando se é informado de que um distante conhecido falecera e que o enterro seria hoje, do outro lado da cidade; e o informado nem mesmo se sente seguro de que o defunto merecia tamanho esforço. Sei que são pensamentos quase tolos, embustes evidentes, mas o fato realmente ocorreu: foi há uma semana e eu não mexi um dedo para ir abraçar a sua família. Eles certamente indagariam: "perdoe-me senhor, mas o seu conhecimento com Adolpho era dos tribunais, estou certa?"

"Quase, mas era de qualquer modo uma relação muito antiga."

Era, na verdade, uma relação que o tempo deixou que se apagasse, para dar lugar a uma saudade daqueles que realmente merecem ser recordados. Lembranças ocupam grandes espaços e é preciso escolhê-las bem, para que as que valem a pena tenham um nicho onde repousar.

Lara não suportou a espera do pintor relutante, entrou na cozinha e pediu, quase ordenando, para voltar só amanhã. Digo-lhe que está bem.

-- De qualquer modo você não ficará melhor que um Frankenstein, perto ou longe do atelier. Espero que não tenha mexido em nada.

Ela girou sobre os calcanhares e desapareceu, como se no fundo ser pintada por um profissional tivesse grande importância para ela, o que certamente não era verdade. Sua vaidade se contentava com coisas mais simples, como tirar fotos dela mesma nua, em posições as mais diversas, ou mesmo pedir para fotografar seu rosto esfogueado depois do

sexo.

No rol quase interminável de coisas que alimentavam seu amor próprio, talvez em algum lugar dessa lista estivesse o prazer de se ver em uma galeria de arte, sendo reconhecida pelos frequentadores, coisa que jamais aconteceu -- que eu saiba --, mas que ela espera que agora aconteça. Por essa razão, quer que eu pinte todos os dias, todas as horas do dia; que esculpa seu corpo em guerra com um peludo diabrete de chifres curtos. Ao menos foi o que me sugeriu, depois de esvaziar meia garrafa de brandy um dia desses. Disse-lhe que ela era apenas um sonho de um pintor, de um escultor -- qualquer nome que desejasse. E que eu nem mesmo era sonho de alguém, apenas uma maquina de mãos operosas cujo trabalho um dia estaria sob uma luz muito apropriada nos salões dos venturosos, como aliás já tem estado cada vez mais, o que me permite comer um bom pernil e abrir uma segunda garrafa de vinho, pagar os salários de Acidália, manter este casarão de meus pais, que no fundo é cada vez mais meu, o que torna meus ombros mais pesados, mais arcados e meu pescoço mais duro e grosso.

-- Adamastor, deixe os pratos e talheres sobre a pia e coloque o pernil na geladeira, envolto em papel de alumínio, por favor, ordenou Acidália, com aquela conhecida mistura de amor e altivez.

-- Já vai?

-- Sim, tenho um compromisso. Finalmente arrancou o avental pelo pescoço. Foram-se os girassóis, foi-se Acidália.

As vozes impronunciadas escorrem pelos azulejos da cozinha, úmidas e pegajosas como a dor não manifestada ao longo do tempo de nossas vidas; do tempo integral e múltiplo em que minha família e eu vivemos ali. Sempre me ocorre um pensamento: o de que a casa falará, falará um dia, finalmente, e fará uma espécie de balanço sobre tudo o que nos ocorreu, e me olhará, único sobrevivente, como um gato mira os cantos dos móveis, e me dirá coisas que só a casa sabe, pois só ela viveu tudo simultaneamente. Por ora, esse ruído, esse corrimento de palavras indecifráveis, esse estremeamento que parece convocar-me para uma tarefa da qual nada sei. Ponho meus cotovelos sobre a mesa. Continuo a beber e a pensar que poderia ter feito mais, não importa o quê.

Resolvo ligar para Anselmo. Não quero ir a lugar algum. Vou tentar avançar um pouco na tríade e depois não sei, beber um pouco mais e dormir. Deixamos nosso jantar para outro dia.

-- Façamos o seguinte, passo em sua casa, levo a comida, precisamos conversar, diz ele.

-- Você é mais insistente que um cobrador!

-- Passo às 21h30. Pode deixar que eu esquento nosso jantar.

-- Anselmo, você é um sujeito impossível.

-- Adeus e não beba demais. E bateu o telefone na minha cara.

Sinto-me cercado por facínoras, mas pelo menos não posso dizer que eles não gostem de mim. Meus pulsos estão prontos para receber as algemas e depois as chibatadas.

Mentira, minhas mãos estão livres, vou ao atelier, terminar a segunda tela da tríade. Penso em trabalhar com as mesmas cores da primeira. Quero uma unidade. E a paleta é o cerne do meu espírito. Caminho cautelosamente, procurando os tons certos. O pincel menos fino ajuda-me. O óleo cria mutações fortes na superfície. É como se a tinta quisesse extravasar da tela. Talvez seja o momento em que mais estou presente no trabalho, é quase como se deixasse minhas digitais. O corpo de Lara fica saliente, mas ao mesmo tempo doce. A grossa pincelada me adverte de que ela quer a carícia de mãos humanas. Seu ventre cresce, ou parte dele. Seu púbis é um deslumbramento que só se pode ver na segunda tela. Chego a pensar como te quero, Lara! E isso chega a me afligir. Processo de loucura se aproximando?

Estou pronto para Anselmo. Terminei a segunda tela. Tal como na primeira, há vazios intocados, espaços não visitados, como se por puro esquecimento o pintor deixasse o trabalho a meio e partisse para outro.

Toca a campainha. Desço para abrir a porta da rua. É o piso mais rangente da casa; ouço meus passos e sinto que alguém além de mim também os escuta, ou talvez sejam os passos de outrem em busca de sincronia com os meus, o que aumenta meu estremeamento. Assim descemos juntos, um de nós um pouco à frente, o outro bem próximo, logo atrás. Estamos em marcha descendente, como se estivéssemos de sobreaviso, atentos para o zunido de uma bala perdida, ouvimos ou pensamos ouvir outros passos subindo a mesma escada vindo em nossa direção. Nossas armas caladas, a musculatura dos ombros endurecida, retesada. Destravo a

arma, envolvo meu braço esquerdo sobre a sua alça, e ficamos assim, como duas cobras enlaçadas, uma de carne e pano, a outra de metal. Estou pronto para atirar ao primeiro movimento.

-- Então Adamastor, vai ficar aí se escondendo da vida ou vai abrir de uma vez essa porta, brada Anselmo, presumo, com os lábios bem próximos da folha da porta.

-- É que ouvi coisas estranhas, respondi como se jamais fosse girar a chave e deixá-lo entrar.

-- Vamos com isso. Essas coisas estranhas nascem dessa mania de sempre se enfurnar no atelier.

Ele ainda berrava quando destravei a porta, agarrei o seu braço e o puxei para dentro de casa.

-- O que está acontecendo aqui, Adamastor? Um assalto?

-- Nada, nada, ou quase isso. Venha, vamos subir e tomar alguma coisa na cozinha.

-- Como assim "nada, nada, ou quase isso?" Anda tendo alucinações?

-- Visitações, corriji.

-- É tudo muito complicado com você. Ficar só não é o melhor remédio para a sua demência.

-- Não quero remédios. Vamos subindo, essa escada me cansa e na verdade me assombra um pouco.

Os dois amigos se acomodaram na grande mesa da copa. Anselmo revistou a despensa até encontrar um patê de campagne e um pepino em suave conserva. Preparou umas torradas e abriu o vidro de mostarda. Ora, ora, não foi o senhor que se comprometeu a trazer a comida do jantar, ou estou

enganado? protestou Adamastor. Esqueci, respondeu o amigo, que continuou pondo a mesa com seu costumeiro ar de profissional. No final das contas Adamastor deliciava-se com essas iniciativas e assistia como se tudo fosse um velho filme mudo. Anselmo abriu uma garrafa de borgonha. Adamastor protestou. Prefiria que abrisse um cabernet sauvignon. Agora é tarde, respondeu o amigo. Em seguida fincou os dois cotovelos na mesa e reproduziu o que Calisto lhe dissera. Adamastor disse que estava sem argumentos defensáveis, e que se costumeiramente trabalhar para apresentar sua nova fase, que é sempre nova, em certo sentido o divertia, como alguém que está fazendo uma linda viagem inaugural pelos Alpes suíços ou coisa parecida, agora, para variar um pouco, se sentia mal, como se o tivessem forçado a trabalhar. Sentia-se enfim em um campo de concentração. Anselmo o interrompeu. Você pode desistir de tudo, adiar, postergar enfim, visitar museus e galerias, essas coisas. Ora, não tenho forças para decidir coisa alguma e menos vontade de adiar o que é inevitável. A exposição vai acontecer, e não posso simplesmente abandonar tudo. Mesmo fazendo o que se gosta de fazer há momentos em que trabalhar se torna por alguma razão algo detestável. Então continue, retrucou Anselmo. Ouça, admiro fervorosamente o seu trabalho e sei que no momento em que disser "terminei as peças para o vernissage", se sentirá melhor. Além disso, certamente surgirão novos projetos para outros vernissages, e a imprensa especializada dirá mil maravilhas.

-- Que se dane ela. Não posso levar a sério essas pessoas que escrevem sem qualquer responsabilidade, apenas para ter seus nomes impressos em corpo 11, em um jornaleco qualquer. Você está sempre, Anselmo, fingindo que a medi-

ocridade não existe, e que devemos ser como pombos, felizes e gordos, comendo migalhas no Luxembourg.

-- Por falar nisso, passe mais uma fatia de pão para cá, reclamou Anselmo comicamente. O patê não estava mal, mas prefiro o do meu restaurante, sobretudo o de pato e fígado de galinha com ervas que fazemos lá às segundas-feiras.

-- Eu sei, eu sei. Eu também prefiro o seu, que aliás se parece com o que eu faço. Este que estamos comendo é feito por uma máquina, você bem sabe, e seu custo não pode ser deixado de lado, pois a indústria tem como principal objetivo ganhar dinheiro e mercado.

-- Está bem, Adamastor, deixe a indústria de alimentos de lado. O que eu quero lhe dizer é que você não pode perder o que já conquistou.

Anselmo o mirou fixamente, enquanto mastigava.

-- Para falar a verdade, nem começamos a conversar, Adamastor. Acidália recentemente disse-me que ouviu várias vezes você falando sozinho, às vezes dizendo coisas sem nexos. Não vá brigar com ela por causa disso. Mas coisas desse tipo são atitudes de velhos esclerosados, e eu me recuso a pensar que seja o seu caso. O pouco que tenho visto dos seus mais recentes trabalhos confirmam que você é um homem em pleno vigor. Sei que sempre me acusa de ignorante em arte, mas não preciso ser um especialista para perceber que suas telas e suas esculturas alcançam o objetivo a que se propõem; e que você domina amplamente o repertório e as técnicas. Ademais, você sabe muito bem que não é verdade que eu desconheça seu métier. Finjo que não absorvo as altas luzes que você generosamente atira do alto, pois como sabe gosto às vezes de me comportar de maneira in-

consequente, como se tivesse apenas enxergando parcialmente as coisas, o que torna a carga sobre os meus ombros mais leve, mas sigo a sua carreira como pouca gente.

-- Sei disso.

-- Mas voltando ao artista Adamastor, tudo me diz que sua mão é firme e sua vontade inabalável quando se trata de arte. Gostaria muito que reservasse um pouco dessa energia para as outras coisas da sua vida.

-- Você está construindo um belo dramalhão, Anselmo. É claro que posso pintar mesmo quando não me sinto bem, mas isso deriva de um treinamento e de uma disciplina de muitas décadas, e de aprender, praticamente antes de falar, a entender o que meu pai fazia com um pedaço de granito.

Adamastor sorveu o fundo da taça e a abandonou sobre a mesa.

-- Nós vamos sair daqui a pouco. Vamos a um vernissage de um estreante, alertou Anselmo.

-- Estou sem ânimo para tanto.

-- Vamos, por favor. Seja generoso comigo como o vinho está sendo com você.

-- Não quero ir, meu amigo.

-- Vamos, eu insisto. Recebi o convite quando o jovem artista foi ao meu restaurante. Não custa ir.

-- Curiosa a vida, agora é você que me leva pelo braço para vernissages. Quem diria.

-- Ficaremos pouco tempo e está uma noite especial.

Por fim, Anselmo convenceu Adamastor a acompanhá-lo.

Seguiram ambos pela rua, Anselmo arrastando o amigo, e a cidade se abrindo em ruas e avenidas iluminadas. Não é belo tudo isso ao redor? Quero voltar. Você vem comigo,

nem que tenha que matá-lo para isso. Por fim Adamastor sorriu ictericamente. E seguiram ambos a pé até a galeria em que aconteceria o vernissage.

Capítulo 10
No vernissage,
depois no restaurante
e depois de volta para casa, na cozinha

Na altura em que os dois amigos chegaram, talvez o mais importante não fossem as telas do estreado J. Hagon, mas as bandejas circulando pelas salas e corredores da galeria, com a atraente variedade de drinks que se equilibravam nos antebraços dos garçons. Alguém um dia deve ter imaginado que a quantidade de copos servidos tornava as mãos dos compradores mais ágeis para arrancar dos bolsos o talão de cheques, e o olhar crítico menos exigente. Parece entretanto que essa relação de causa e efeito jamais chegou a ser comprovada cientificamente.

De qualquer forma bebia-se muito, os garçons eram caçados pelas raposas beberronas e, muito discretamente, o galerista, patrono da festa, semiescondido entre as colunas e

com a testa vincada inconscientemente, em que ressaltavam rugas como cifrões retorcidos de preocupação, buscava com caretas e gestos nervosos advertir o pessoal de *dinner-jacket* branco para não empolgarem demais a cobiça etílica dos convivas, pois a noite era e tinha que ser longa.

Embora tivesse sido Anselmo quem trouxera Adamastor pelo braço, à força, era naturalmente a presença do último que chamava mais atenção, embora o pintor não fosse uma figura mais conhecida em ambientes sociais como aquele, por ser um frequentador assíduo, muito pelo contrário. Conheciam-no, sim, mas de vista, de notícias e artigos de jornais e revistas especializadas, e consideravam importante apregoar isso e sobretudo comentar discretamente, mas de maneira cabal, que ali estava, não havia dúvida, o artista Adamastor Finkel, que viera para valorizar a exposição e que iriam logo mais confraternizar com ele.

Adamastor cumprimentou conhecidos, marchands, professores que foram ex-colegas e ex-alunos que se tornaram pintores ou gráficos ou capistas; e entre uma e outra troca de impressões sobre o tempo e o pouco estimulante mercado de arte local, trocada com cada um deles, Adamastor espichava o olhar sobre os ombros do interlocutor e fazia sua silenciosa apreciação sobre o que via. Era um interesse verdadeiramente sincero, não como o de um fã ou torcedor de um clube esportivo que se empolgava por quase nada, mas sempre nutria expectativas de que aparecesse alguém com personalidade, domínio técnico e vontade de aprender. Infelizmente não era coisa que surgisse a cada esquina. O desejo da fama, entendia Adamastor, em meio a tudo isso talvez fosse o pior mal, pois acompanhava o indivíduo até o final de seus dias, sempre o enganando, acenando com ofertas atraentes e ali-

mentando a cobiça, que não pode se confundir com a arte. O máximo a que um artista tem direito de almejar é realizar o que de melhor consegue fazer. A fama é para os criminosos de grande envergadura e para os políticos pegos em situação delituosa.

Como a vida, o trabalho artístico é, não obstante, quase como todos os outros, entendia Adamastor; era um ramerrão sem fim, em que o dinheiro ia passando de mãos em mãos, desde o moldurista, o fabricante de papel, o comerciante de ferramentas e pincéis, a madeireira, a indústria de tintas, de lápis de grafite, de aquarelas e guaches e esmaltes e óleos. Isso sem falar nos leiloeiros, banqueiros, colecionadores, na receita federal dos governos terrenos e nos jornais e revistas e pequenos industriais que imprimem panfletos sob encomenda. E, é claro, envolvia marchands e donos de galeria, no caso de não serem a mesma pessoa.

Naquela noitada, o galerista já não tinha unhas mais para roer. Quantos negócios fechamos? o Senhor Demétrio pergunta. Apenas dois, um deles ao que parece é tio do pintor, respondeu alguém com cara de assistente. Vou chamá-lo até meu escritório, precisamos rever esses preços discretamente. O tio? Não, estupor, falo de Hagon, sabe quem é? E por favor não comece a chorar, e não precisa me dizer que sabe quem é o sujeito. Chame-o apenas, leve-o para o meu escritório.

Hagon foi ter com o galerista que era igualmente seu marchand. Como fazer? Iremos substituir a lista de preços por outra. Do jeito que está, não creio que tenhamos sucesso, e isto nada tem a ver com as suas qualidades. O momento é que não anda propício. O que fazer com os que já foram vendidos? Boa questão. Vou escrever aos compradores e

devolver-lhes parte do dinheiro, informando que houve um engano na tabela de preços, isso se a estratégia der certo, caso contrário, ficamos assim, mudos, sucumbidos. Dentro de um barco prestes a afundar. Se afundar, perdemos tudo? Já é a primeira aula de vernissage que a vida lhe oferece sem grande ônus. Os seus trabalhos remanescentes, de qualquer modo, ficarão expostos como combinamos. O mundo não acaba hoje. Amanhã um comprador de arte contemporânea, muito discreto, o que justifica sua ausência hoje, aparece, com o catálogo do vernissage na mão, cheio de anotações e leva uma dezena de telas suas. Fique calmo. Nervoso basta eu.

A lista de preços sumiu de cena. Em alguns instantes foi impressa outra. Mais uma meia dúzia de trabalhos se venderam nas duas horas seguintes, com clientes mais animados com os preços de ocasião. Ainda há ao menos mais outra meia dúzia de investidores bem encharcados que demonstraram alcoólico interesse. Vamos aguardar. Hagon foi tentar conversar com Adamastor, mas o mestre estava rodeado de pessoas que queriam que ele relatasse sobre o Festival de Veneza, em que ele acabara abocanhando o prêmio máximo. Adamastor detestava essas conversas, que eram de uma futilidade intragável. Quando Anselmo percebeu o acontecia, entrou no grupo e informou que tinha um assunto urgente a tratar com Finkel. O grupo abriu alas e os dois foram para uma varanda lateral. O que foi? Não foi nada, Adamastor. Não percebeu, sua toupeira, que o estou tirando de uma situação que você não suporta? Adamastor olhou para o amigo. Obrigado, vamos tomar mais uma e ir embora. Já? Ora, meu caro, o que você me pediu eu cumpri, agora tomamos a última e você chame um táxi. Estou começando a

esquecer meu número de telefone. Além do mais, me deve um jantar, um jantar qualquer, que não precisa ser no seu restaurante. Por falar nele, por que é que Calisto não veio? Ora, se eu saio ele fica, se eu fico ele pode sair, essa é a regra, Adamastor. Sabe que gosto muito dele, não sabe? Não me venha com essa lenga-lenga. Acho que é bem ao contrário. Calisto é quem admira você e quer na verdade deixar a cozinha e pintar. A culpa por tudo isso é sua. Veja ali um táxi, vamos de uma vez. Que noite respirável, disse Adamastor, já bastante alterado. Onde vamos comer? Não sei ainda, gosta de comida tailandesa? pergunta Anselmo. E lá o que é que se bebe? De tudo, até vinho francês. Então vamos, disse o pintor e acrescentou: mas que negócio é esse de Calisto querer pintar. Não estou inventando absolutamente nada, disse o pai. Adamastor observou que Calisto é muitíssimo talentoso na cozinha. Eu sei, disse Anselmo. Em poucos anos será melhor que eu. Então poderei descansar. Mas no final das contas a impressão que você me dá é a de que quer tirar Calisto do melhor rumo e permitir que o destino abra uma nova janela para a vida dele, como pintar, por exemplo. Ouça-me bem, disse Adamastor, jamais falei de pintura com ele. Não quero que ele tenha uma profissão tão difícil quanto a minha, além do mais acho que esse assunto não é meu, é seu. Herdar o restaurante do pai é o caminho menos complicado. Também acho, disse Anselmo. Chegamos, esta é a birosca. Você vai gostar. Adamastor continuou com a voz ligeiramente exaltada: mas obrigá-lo a ficar o resto da vida com a barriga no fogão pode não ser o sonho dele, mas seu. Anselmo continuou em silêncio. Adamastor pediu um vinho branco e água. Depois desistiu de beber vinho; enquanto isso seus olhos se arrastavam pela lista de pratos

como se estivessem escrito em grego. Na verdade estavam escritos em tailandês, havia uma pequena foto ao lado, demonstrando como o prato seria apresentado, e outro texto, em inglês logo abaixo do primeiro.

Depois de muita elocubração, comum aos bêbados fraternais, Anselmo escolheu um khao pad de frango, que leva tudo o que se pode imaginar, inclusive frango; Adamastor bateu os olhos na carta e escolheu um robalo empanado à moda tailandesa. Seguiu o rumo mais conveniente para os iniciantes. Ficar bem, disse ele sem se dirigir a ninguém, a não ser ele próprio, com um tom de voz parecido ao de um clínico geral após examinar um paciente problemático. Aí, Adamastor pediu o vinho que antes recusara. Anselmo disse que dividiria a garrafa com ele. No final das contas também queria beber um branco. Veio uma garrafa de Sauvignon Blanc, seco e refrescante; depois outra, por acaso a última que havia no restaurante. Mas isso não os intimidou. Adamastor chamou o maître e perguntou se ele conhecia um provérbio que dizia: "quem não tem cão, caça com gato", e que talvez em seu país, existisse algo parecido quando se tratava de vinhos.

O maître disse que se não houvesse o branco cobiçado, poderia substituir um desejo por outro, oferecendo um tinto que logo seria muito cobiçado e apreciado. Adamastor concordou sem olhar para Anselmo, que em silêncio fingiu não entender o que o maître sugeria.

Em dado momento Anselmo apruma-se ao redor do prato e declara que tem desenvolvido uma tese antropológica.

-- Vamos a ela!

-- Para não complicar demais, a questão é a seguinte. Existem dois tipos de espíritos. Os redondos e os poliédri-

cos. Os primeiros por serem redondos não se atritam com os divergentes, os poliédricos são intransigentes e ferem os demais pois se atritam e contudem com suas quinas cortantes os outros espíritos.

-- Estou ouvindo, continue.

-- Os espíritos redondos deslizam e tocam amorosamente os outros espíritos, e todos acomodam suas opiniões. Você certamente não faz parte desse grupo privilegiado, nem eu, mas gostaria. Imagine um mundo em que a verdade seria apenas uma conveniência momentânea, onde cada um encontrasse a sua, ou mais de uma, conforme a necessidade.

-- Por favor, Anselmo, você está lendo William James enquanto a água ferve para o macarrão em sua cozinha profissional.

-- Não seja estúpido. É claro que conheço o pragmatismo e o empirismo radical, mas minha teoria não defende a amoralidade. Ela acomoda os espíritos não porque entenda que a verdade seja uma mera conveniência, mas porque ela aplaca os antagonismos, as contradições e as oposições.

-- Já entendi, as oposições não se atritam, mas rolam, deslizam pelos corpos redondos. Como se denomina essa gosma lubrificante que permite esse deslizamento? Unanimismo, talvez, ou, melhor, de novo, pois somente um harmônico sentir coletivo e imutável permitiria que isso pudesse acontecer em escala planetária.

-- Não, é o novo empirismo humanizado. Coisa muito melhor do que James pensou no começo do século XX.

-- Se meia dúzia de pessoas se comportasse dessa maneira, seriam fuziladas. O mundo aprecia o atrito, que é o que dá origem ao fogo e ao ódio, sem os quais, diga-se de passagem, não vivemos.

Foram mais duas garrafas de Tannat. E a história ainda não termina por aí. Da teoria antropológico-filosófica, Anselmo passou sem alterar o tom para os estudos literários. Condenou a cegueira do estruturalismo que não permitiu que as vanguardas literárias do século passado fossem compreendidas, por esse motivo Joyce, John dos Passos e Beckett (não o do teatro, decalcado no simbolismo, mas o do romance *Malone meurt*), só para citar alguns, ficaram sem suporte.

-- Romances não precisam de suporte, nem de teoria para existirem em sua plenitude, corrigiu Adamastor.

-- Está bem, o que quero dizer é que o estruturalismo, que desmoronou com pensadores como Blanchot, Derrida e o próprio Barthes redimido, não tinha, antes desses teóricos, instrumentos adequados para entender e lidar com o fato de que o signo literário nada tem a ver com a realidade. Não é uma transposição, uma reinterpretação dela, um diálogo com ela. É outra coisa, que pertence a um mundo distinto. Em suma, a palavra é negadora da realidade física daquilo que aparentemente indica e a linguagem literária é uma dupla negação, que recusa a coisa e a ideia. Que tal?

-- Agora parece mais claro. Você está falando da crítica ao estruturalismo que tomou forma depois da Segunda Guerra. Na verdade, está resumindo muito bem a questão. Passe-me a garrafa.

Anselmo empurrou-a na direção do oponente. E continuou como se falasse para se ouvir.

-- Não existe um termo final, definitivo, na cadeia da linguagem. O discurso literário é uma mera seleção auto-

reflexiva. Não há um fim último, há apenas uma cadeia in-
términa.

-- Sim, e o mais interessante de tudo isso é que o leitor comum, sem saber, lida com esses artefatos perigosos, e continua em seu papel de receptor e reprocessador de tudo isso. Se Derrida soubesse escrever e não fosse tão chato; se ele fosse capaz de explicar para qualquer um todas essas coisas, seria um choque. As máquinas impressoras do mundo parariam. Acho que você, Anselmo, deveria ir para a universidade; poderia perfeitamente dar aulas. Ao menos seria divertido e certamente mais denso. Entretanto, evite falar de sua teoria dos espíritos redondos e poliédricos antes que ela amadureça um pouco mais em sua cabeça.

Os amigos pagaram suas elevadíssimas contas e tomaram um táxi. Anselmo decidiu que por precaução deixaria o amigo em sua casa e só então seguiria seu caminho. Adamastor concordou, balançando verticalmente a cabeça.

Para Adamastor tratava-se agora de subir a escada rangente e encontrar seu ninho. Indagou mentalmente se ouviria outra vez os passos duplicados, como se alguém o seguisse no mesmo ritmo ascendente; e se seria invadido pela sensação de uma presença estranha próxima e atenta, como se o quisesse vigiar.

De qualquer modo, Adamastor subiu a escada com lentidão. Em seu caminho degraus acima, seus passos eram fracamente iluminados por uma única lâmpada pendurada por um fio, a meio caminho entre o primeiro degrau e o último, bem no alto da escada; mais expressionista que isso era difícil de conceber. Seu rosto, com certeza, ao passar sob a

lâmpada se iluminaria de uma cor amarelo-avermelhada e depois a penumbra envolveria seu corpo quando ele fosse se distanciando da lâmpada, até que às cegas pressionaria o botão arcaico do interruptor; depois, abriria a porta da sala, quando então, subitamente, um universo de gestos familiares e eternos ressurgiria como uma estranha onda pulsante. Rebrotaria então à sua frente um mundo familiar. Eram vozes antigas que não falavam, corpos de outrora que não tinham forma ou movimento; eram cheiros de hoje misturados aos de ontem.

Adamastor atravessou a sala e foi até a cozinha. Ao passar pelos interruptores, acendia as luzes; lustres *art nouveaux*, abajures no estilo *art déco*, arandelas, e outros lustres de outras tendências, alguns com várias lâmpadas, como no centro da sala e da cozinha, tudo ganhou vida e foi um espadanar de fantasmas e coisas ambíguas que se escaferam como líquidos expulsos de seus recipientes originais e ganharam lugares seguros, alguns fora do casarão, outros sob os tapetes, atrás das portas. De repente a casa se tornou uma construção comum, velha, com sua história, mas ainda assim comum. Essa sensação tomou por instantes o espírito de Adamastor. Ou bem a casa rejuvenescera pela exaustão de se sentir velha, ou bem a casa revisitava aqueles doces anos da existência de seus moradores, em que pouco ou quase nada havia sido escrito e vivido; quando tudo era novo, quando tudo era feito de uma força quase adolescente, com capacidade para mobilizar todos os sentidos dos capazes e a estimular todos os que ainda não estavam em condições de ganhar o mundo sozinhos.

Era enfim subitamente uma casa nova, convocando sorrisos nos lábios dos transeuntes, crianças de outros séculos

ressurgiriam trêmulas pelas ruas, e sentiriam que a casa era um ponto de luz, e que algo as fazia ter alguma espécie de relação com o que chegava a ser atemporal, intransitivo.

Adamastor foi até a geladeira, serviu-se de água, e disse:

-- Lara!

Mas sabia que era inútil insistir, ela deveria estar com sua tia querida, enrodilhada em alguma nuvem que a empurrava vagorosamente para o leste, que é onde o Sol nasce; nasce para iluminar e aquecer, mas também para nos condenar ao desconhecimento de nosso futuro. Estava bêbado, concluiu com rasa sabedoria.

Na copa, Adamastor bebeu água com sofreguidão e foi cambaleante para o seu quarto. Ali despiu-se das roupas, atabalhoadamente, e se atirou na cama, onde o mundo das coisas vivas se apagavam e sua mente mergulhava em um sono habitado por jogos mentais incontroláveis, como são aqueles ditados pelo subconsciente.

Capítulo 11
No atelier
e em seguida na cozinha

Mal abro os olhos e já subo para o atelier, com a tríade na cabeça. Falta rever o esboço a lápis da última. As partes faltantes do corpo feminino são até certo ponto aleatórias, mas o conjunto tem suas regras, as partes altas, como a cabeça, o pescoço e os seios ocupam o primeiro trabalho, o segundo captura novamente parte dos seios, parte da cintura, o púbis, e o último vai explorar o restante do corpo, terminando nos pés, trazendo à luz parte deles, parte do joelho, da canela esquerda, parte do antebraço esquerdo e uma das mãos, a direita.

Busquei os tons e cores com os quais vinha trabalhando esse conjunto; com pequenas diferenças, da mesma forma que a cor da canela difere da parte interna do braço e assim por diante. Aproximei mais os três cavaletes, preparei a pa-

leta, sequei os pincéis ainda úmidos e cheguei até a metade da terceira tela, ou um pouco mais que isso.

Larguei tudo e fui para a cozinha preparar meu café. Casa vazia, domingo vazio, nem mesmo ouço os sinos das igrejas convocando os pecadores. A porta do armário onde normalmente se concentram as coisas relativas ao desjejum range de repente, movida por uma mão invisível mas decidida. Ela se abre integralmente e surgem latas de chá, pacotes de biscoitos, café, geleias e os pães, também de diversos tipos, acamados dentro de uma cesta de vime coberta com um tecido azul-marinho resistente, com as bordas adereçadas com um acabamento de finas linhas paralelas de algodão tingidas de vermelho, aplicadas com esmero, e que dorme sempre em berço esplêndido no lado direito da prateleira mais baixa. Indagará o leitor para que servem essas informações todas? Elas em primeiro lugar relatam a maneira como a administração da minha casa é conduzida, em pequena parte por mim, em grande parte por Acidália, que aprendeu quase tudo com minha mãe. Em segundo lugar, ganho tempo para recolocar meu pensamento na rota que parte da cabeça de Calisto em direção a um futuro que, como todos ou quase todos já se deram conta, é ignoto, exceto o último momento inevitável que lá está mas não devemos pensar nele para que ele não se sinta atraído por nós. Em terceiro lugar, devo confessar que penso em Calisto como alguém pensa em um jovem que viu nascer que é quase como um filho, cujos projetos sempre me interessaram seriamente, mas sem paixão, pois todos têm o direito de acertar e de errar alternadamente ou não. O último motivo, como não poderia deixar de lado, são meus laços inquebráveis com Anselmo. Mas não me pergunte o leitor por que são eles tão

fortes. Sinto que não serei capaz de dar uma resposta satisfatória.

Em minha vida restaram certa fama inesperada, que aconteceu sem que eu tivesse tempo de a querer; as sombras das coisas que se escondem sob o manto protetor do passado e de uma memória cada vez menos ativa; alguns poucos amigos, a quem nada devo e de quem nada espero receber, além do respeito, da boa galhofa e da sinceridade.

Celena não vem em primeiro nem em último lugar, ela é todas as mulheres do mundo que não pintei, todas as esculturas que jamais imaginei realizar, todos os badalos de todos os sinos de todas as igrejas e religiões em completo silêncio. Ela está sempre comigo, sempre longe de mim; é um país que é frio e quente, litorâneo ou interiorano. Se por um lado ela é tudo isso porque fizemos muitas coisas juntos, ela é também tudo o que não tivemos tempo de concretizar.

Mastigo um pedaço de pão com manteiga e minha voz fica embargada, pensando em tudo isso e ao mesmo tempo querendo dizer em voz alta, como se houvesse alguém para me escutar. O café esquentava a xícara que esquentava minhas mãos. Não vá se queimar, diz minha mãe. Que mania! Nunca consegue esperar a hora certa! Mas eu esperei, mãe, e veja como estou comendo mais devagar, e bebendo aos poucos, mais devagar, e falando menos quando bebo e como, estou só pensando e você sabe que nós combinamos que eu jamais seria forçado a dizer em que pensava, exceto quando brincávamos, mas hoje não estou querendo brincar. Quero pensar se o que não cheguei a ter com Celena seria ainda melhor do que o que tive com ela nesses anos tão curtos, que passaram tão rapidamente, anos que acho curtos agora, mas que nas raras vezes em que discutíamos, achava que es-

távamos há muito às turras, que talvez devêssemos inventar coisas que nunca havíamos inventado antes, talvez nos separar. Não houve tempo, entretanto, quando repentinamente deixamos de nos desentender, você se foi, Celena. Mãe, ela se foi. E o pior é que o café ficou gelado e o pão envelheceu mil anos enquanto pensava nessas coisas todas. Talvez já não se fabriquem pães como esses, talvez não haja mais farinha de trigo no mundo.

A campainha tocou.

Fui atender. Quando cheguei perto da porta da rua, ouvi a voz de Calisto.

-- É o Calisto, tio!

-- Entre, vamos conversar na cozinha. Já sei que seu pai anda preocupado com suas vocações profissionais. Suba, suba.

Subimos juntos.

-- Como sabe?

-- Ora, seu pai me aterrorizou com sua, dele, bem entendido, ansiedade injustificada, ontem à noite. E hoje me aparece você em pleno domingo. Eu esperava por isso.

-- Eu não estou muito seguro.

-- Sente-se, isso; sente-se aqui ao meu lado.

-- Estava tomando café?

-- Quase isso, mas me pus a pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, inclusive em você, e acabei deixando o café esfriar.

-- Ora, não faz mal.

-- Faz sim, pegue uma geleia de sua preferência e abra o vidro. Enquanto isso faço um café. Quer com leite?

-- Quero.

-- Vou esquentar também.

Relatei os principais pontos de minha discussão com Anselmo sobre seu filho. Por fim resumi minha posição.

-- Calisto, você é o herdeiro, mas não precisa ser o escravo se não quiser.

-- Como assim?

Repeti pacientemente o que achei de mais importante na minha conversa com o pai dele. Anselmo me culpava, atribuindo a mim seu interesse pelas artes plásticas, entretanto, no fundo, penso que ele não acha mesmo isso. Está se sentindo ameaçado e só, pelos prognósticos sobre o futuro de Calisto. Teme o que não conhece nem pode controlar.

-- Além disso, o que é verdade, eu jamais sugeri que se tornasse artista plástico. Não faria isso com você nem com ninguém. Sei que é uma atividade muito difícil e de sucesso duvidoso.

Calisto fez que sim com a cabeça.

-- Mas para falar a verdade tenho desenhado. Muito, quando sobra tempo, informa o jovem, como se confidenciasse um pecado grave.

-- Quando sobra tempo eu escrevo, eu faço jantares, eu visito galerias, ou fico em casa deixando meu trabalho me esperando no atelier. E daí?

-- Nada, tio. É que preciso de tempo para me decidir. Gosto de inventar pratos, de aprender gastronomia, mas não sei se é o que mais gostaria de fazer pelo resto de minha vida. Não sei se quero essa rotina que meu pai tem.

-- Você tem todo o direito de pensar pacientemente sobre isso. Deixa passar mais um ano, seis meses. Diz para o seu pai que ainda não sabe de nada, que ainda não decidiu.

E que ele não se preocupe, pois você continuará se revezando com ele no restaurante.

Servi o café com leite e coloquei duas facas à frente de seu prato, para ele servir-se de manteiga ou de geleia, conforme o caso.

-- Come, Calisto. Vamos.

E em outro tom:

-- Você continuará mais um tempo no restaurante, não continuará?

-- Sim, sim, tio. Só se de repente tudo me aborrecer demais.

-- Nesse caso, falamos, você e eu. Conversarei com ele em seguida. Não quero que se sinta pressionado. Quer mais geleia?

-- Queria experimentar aquela outra.

-- A de amora preta? Anda, vá até o armário e pegue. Eu também prefiro essa última do que a de framboesa. Talvez seja por causa da marca. Você notou que são de origem diferente. Uma é inglesa, a outra, francesa.

-- Não, não estava preocupado com isso.

-- Como chef deve prestar atenção nessas coisas, até pelo menos o dia em que virar pintor.

Calisto riu e eu também.

Ofereci a ele mais café com leite. Calisto recusou. Eu não insisti, pois aprendi que esse tipo de coisa não se faz com filho nenhum. Uma pena que meus pais não foram advertidos disso.

-- Ficou quieto, tio?

-- Nada, nada, estava pensando na educação que eu tive. Não era fácil, a despeito do compensador hábito familiar da troca de carinhos. Acho que essa troca de afeto foi o que me

manteve vivo.

-- Já vou, tio.

-- Quer subir ao atelier e ver eu terminar uma tela?

-- Acho melhor não. De repente aparece meu pai e diz que você está jogando sujo com ele.

-- Esperto, hein? Pode deixar que logo vou até a porta da rua para fechar o trinco.

Calisto desceu as escadas quase correndo e se foi.

Capítulo 12
Na cozinha, no atelier
e no quarto,
depois no atelier, novamente,
depois em casa de Alphonse

Naquele domingo, que como todos os outros domingos é o mais sombrio e sepulcral dia para os homens solitários, nem bem eu fechara a porta, tocou o telefone.

-- Alphonse, por favor, Alphonse. Hoje não. Morri ontem de tanto beber e estou fechando a campala de meu acolchoado caixão. Não quero conversa com ninguém. Morrerei por algumas horas e volto ao atelier em seguida, para continuar meu trabalho.

-- Perdoe-me Finkel, é sobre aquela jornalista que o procurou.

-- Isso não vale dois minutos de conversa telefônica.

-- Mas eu insisto, Finkel.

-- Seja gentil e me chame de Adamastor, como de costume.

-- Ela ficou muito desacorçada com a conversa que tiveram.

-- Não tive conversa nenhuma. Ah, sim, na primeira vez. Depois ela me mandou uma carta, parecia um questionário de algum órgão governamental vigilante e atento aos nossos desmandos na esfera privada.

-- Não seja irônico, Adamastor.

-- Eis que se foram os dois minutos. Você que é meu marchand e tem ou deveria ter um grande arquivo a meu respeito, com fotos, entrevistas, artigos, etc., é quem deveria cuidar disso, não eu. Esqueceu-se de que eu pinto? Esse é o meu trabalho. O seu é divulgar meu nome e atrair interessados para investirem na obra de um sujeito que vale a pena. Mas parece que você se esqueceu disso. Afinal de contas, o que é que você faz nisso tudo, pois ainda não compreendi bem?

-- Não fique aborrecido Finkel.

-- Não me chame de Finkel. Tenho mais o que fazer. E olhe que essa mulher é a primeira que não se ofereceu para trepar comigo um dia desses. Mulher de brios, boa profissional. Entenda-se com ela. Aliás a culpa de tudo isso é sua, também. Deveria ter enviado a ela algumas boas e raríssimas fotos em que enganosamente apareço bem. Mas nem isso você fez.

-- Por acaso você teria ao menos o nome da exposição que fará no ano que vem, indagou Alphonse, muito provavelmente suando em bicas.

-- Se a realizar no ano que vem, obviamente ainda não tenho, mas se ela insistir, diga secretamente que se chamará

"Prazeres da arte desprezada". Peça a ela que guarde segredo, e que apenas ofereça indícios sobre o título, tratando superficialmente do tema, você sabe como é.

-- Mas esse será o título?

-- Nem sei se título terá. No momento estou pintando. Por favor, não me leve a mal, mas não me telefone aos domingos.

-- Pode vir jantar conosco? Minha mulher convidou. Fará um jantar especial. De minha parte, prometo que não falaremos de vernissage.

-- Hoje, não. Talvez no próximo domingo, se eu não tiver bebido na noite anterior. Eu aviso antes. Agora, definitivamente, morri. Meus cumprimentos os mais cordiais.

Desliguei o telefone, antes que minha irritação crescesse ainda mais.

Fui mais indelicado do que poderia ser. Abusei e suplantei todos os razoáveis limites da boa educação e justamente com o sujeito que cuida dos meus negócios, se é que posso chamar de negócios a tudo isso que no fundo é muito pouco. Pelo menos é ele quem vende o que eu faço para ser vendido e expõe em sua pequena galeria minhas obras.

Eu me sentia agora como se estivesse balançando de um lado para o outro, pendurado em uma corda bamba. Se me lançasse bem e o cabo me erguesse bem alto, iria chegar até o atelier e meter a cara no trabalho. O que consegui fazer foi cortar a corda. Estou numa ilha, cercado de nada por todos os lados. Não há nenhum ser vivo nas proximidades. Não há barcos para pedir socorro. As horas se arrastam sobre meu corpo como uma correia dentada, arrancando lascas de carne viva. Tento não me mover, de nada adianta. Penso em correr, pouco me ajuda. Procuro pensar em coisas que não têm

importância, o que em princípio é muito fácil, pois na verdade há muito pouca coisa que tenha algum valor. Olho a porta do armário da cozinha, em que as coisas do café lá estão, como sempre estiveram, desde a origem do mundo. Meto a mão fechada contra ela e o murro abala minha cabeça e meu braço. Minha mão sofre com a pancada estúpida.

-- Calisto não podia ao menos ter fechado a porta que abriu?

Agora minha mão dói; dói cada vez mais. Sou um primata ferido, brigando contra todos e contra tudo. O mais forte do grupo se aproxima. Quer medir forças e roubar minhas fêmeas. Caio sobre ele e arranco dois dedos com os dentes. Ele grunhe, pensa em imediatamente contra-atacar, mas a dor é insuperável. Como primata não sei muito bem avaliar minha dor. Mas como humano estou seguro de que ela é muito forte. Caio sentado na cadeira de sempre, à cabeceira da mesa da copa. Talvez tenha quebrado a mão. Mas talvez não. Minha mão está inchada, mas seus movimentos estão preservados. Abro a geladeira e envolvo minha mão em uma toalha cheia de cubos de gelo. Dói um pouco. Viu o que você fez, menino? Não se envergonha disso? Envergonho-me, mas agora tudo está feito, estou na ilha deserta, a mão quebrada, é domingo, dia de funerais. Ligue para Alphonse e se retrate, diga que aceita jantar lá hoje. Aproveite o resto da manhã para acabar a terceira tela. Sei que conseguirá, diz minha mãe.

Subo até o atelier, desnortado com o cotidiano que criei ao redor de mim. Não posso culpar nenhum monstro por isso. Mesmo com a mão doendo o trabalho avança. Por fim, lembrando-me do azul-marinho que embala os pães, tracei uma linha sinuosa, azulada como o mar, que principia no

primeiro e segue incessante, ininterrupta, desrespeitando tudo o que encontra pelo caminho, ignorando formas e sentidos, até a terceira tela. Para isso uso um pincel fino, de cerdas macias. Está concluída a tríade, reafirmada a unidade feita das partes que se buscam como lábios buscam um beijo; como lutadores se engalfinham para que suas vidas sejam salvas e a morte derrotada.

Tiro uma foto digital do conjunto. Levarei comigo, se o jantar estiver ainda assim de pé.

Alphonse diz que sua esposa agradece muito eu ter aceito o convite em cima da hora.

-- Sim, Alphonse, irei. A que horas, mesmo?

-- Dar-nos-á prazer imenso se puder vir às 20h.

-- Combinado.

Desliguei o telefone. Minha mão voltou a doer. Decidi que voltaria para a cama e descansaria até a hora do almoço.

Deitei-me como alguém que se perdesse na desordem do espaço. Nesse estágio meu corpo parece quase uma expressão humana sem sentido. Estou aqui, talvez esteja, penso em seus seios, Lara, penso nos dias em que fiquei decidindo sobre o que pensar, em que pintar; indago sobre o que seria, do que fora pensado, parcela da minha expressão verdadeira, ou mera caricatura do que meu espírito já foi. Sou levado pela memória dessas coisas todas e penso que morrer não seria melhor do que viver.

Imagino por fim alguns instantes antes de cair no sono profundo que você está aqui, Celena, com seu cheiro característico, que é perfume e batalha de sentidos. Pois um perfume só é bom quando diz que o corpo está acordado para

viver intensamente.

Quando acordei estava no meio da tarde, fiz uma refeição frugal e continuei trabalhando na mulher de cujas vísceras brotam folhagens e flores. O trabalho seguiu com uma irritante lentidão. Decidi desistir e me preparar para o jantar com a família de meu marchand.

Em casa de Alphonse, o primeiro estágio do cerimonial começava pelas novas telas de pintores que o marchand iria representar. Eu não disse palavra. Depuseram em minhas mãos um uísque generosamente servido. Procurei conter meu ímpeto habitual, examinando o copo de cristal como se fosse um exemplar de algum espécime extravagante de animal emplumado. Depois, sem resistir, sorvi um gole que consumiu metade do conteúdo que boiava em duas pedras de gelo. As pessoas me olhavam imóveis. Teria algo dado errado?

Ao contrário das outras vezes Adel, esposa de Alphonse, colocou seus dois filhos ao redor de mim. O primeiro a ter coragem para abrir a boca foi Charles.

-- Senhor Finkel, de onde tira a ideia para fazer uma escultura? Um casal, um cavalo, um boi, coisas assim.

-- Dependendo da pedra, essas coisas estão todas lá dentro, meu trabalho é o de fazê-las nascer.

-- E uma mulher?

-- A mesma coisa, vou quebrando devegarinho ao redor de seu rosto, para não ferir sua pele.

-- E ela já fala?

-- Quase, seus olhos quando surgem parecem ter coisas a me dizer, e mostram que ela tem muito medo do poder. Por isso vou desbastando com calma. Uma vez furei o olho esquerdo de uma linda moreninha.

-- Oh, Senhor Finkel! que coisa medonha de se dizer.

-- Em outra vez a pedra se quebrou e a cabeça se partiu em duas metades idênticas.

-- E o que fez com ela, jogou fora? perguntou Catarina.

-- No primeiro momento lamentei muito. Era o crânio de um velhinho e ele ficou muito triste. Pequei cada uma das partes e cavei com muito cuidado. No interior de cada meia cabeça desenhei o cérebro, os ossos do rosto, duas línguas pela metade, a dentadura idem. Preguei cada metade em uma peça de madeira, fixando a escultura por meio de uma varão grosso, redondo, de pinho.

-- O Senhor acabou corrigindo, então, disse Catarina.

-- De certa forma, sim. Mas hoje trouxe uma surpresa. Acabei uma tríade.

-- O que é isso? indagou Charles.

-- Deixe Adamastor explicar, disse Adel.

-- São três telas de alguma maneira ligadas entre si, quer seja pelo tema, pela ambiência ou por outro motivo: no caso, uma mulher. O mais fácil é mostrar.

Abri um envelope e mostrei primeiramente para Alphonse o trabalho fotocopiado a partir de uma foto digital. Ele a colocou sobre o colo de Adel. Houve um silêncio que permitiu que adultos e crianças pudessem refletir com calma. Bebi mais um gole do meu uísque e esvaziei o copo.

-- Mas não está pronto. Aqui o senhor deixou de pintar. Ficou em branco, protestou Catarina.

-- O espaço em branco é o que o pintor não quis revelar,

mas cada pessoa pode preencher esse espaço como achar mais agradável. É para usar a imaginação. Na música há longos silêncios em certas peças, e até na literatura, também.

-- A tríade vai entrar no vernissage? perguntou Alphonse.

-- Claro, mas não saia por aí dizendo coisas. Gostou?

-- Percebi o sentido unificador da linha azul, o jogo das cores. É emocionante tudo isso, o exercício parcelar da nossa percepção, o jogo com o olhar do espectador. Os recortes e supressões do corpo feminino sem que uma estranha beleza deixe de brotar de tudo isso, afirmou audaciosamente Alphonse.

-- Que bom que gostou! E as crianças?

-- Ainda não sei, disse Catarina.

Charles disse que achou bonito e Adel, para não se comprometer, declarou que tinha a mesma opinião do marido e acrescentou:

-- Seria a arte imitando o aspecto fragmentário da vida e do cotidiano?

-- É exatamente isso, ou, melhor, pode também ser isso.

Fiquei pasmo, surpreso e contente. Ela, imagine, enrubesceu.

Por ciúme ou precaução, e sobretudo para evitar que Alphonse desse com a língua nos dentes, recolhi a foto, e a devolvi ao envelope.

-- Não posso ficar com a cópia? indaga meu marchand.

-- De jeito nenhum. E se amanhã eu resolver destruir o trabalho e você teve a ideia de mandar a foto para alguma revista?

-- Vai destruir? indagou Charles chocado.

-- Não, creio que não. É só uma brincadeira com o seu pai.

Bebemos bem ao jantar. Sobretudo comemos bem, mesmo não sendo grande fã de empadões. Desta vez o desfecho da reunião foi bem menos catastrófico do que o último. Quando cheguei em casa, soltei um grito: arre! e fui fazer um café antes de ir me deitar.

Capítulo 13
Conversando com Acidália
e com Harry,
depois tendo um pesadelo
no atelier, depois no chuveiro,
depois no quarto e em seguida no atelier

É um dia útil e, para Acidália, utilíssimo. Pensei em Celenia, e nas inúmeras vezes em que ela ameaçou voltar para a casa de seus pais. Nossas brigas não tinham nenhum valor metafísico. Assuntos comuns, vulgares, como uma torradeira quebrada, uma chave que repentinamente se escondeu de nossas vistas, o cardápio do jantar que ofereceríamos a alguns amigos, minha impossibilidade artística de largar tudo e atender ao telefone para tratar de assuntos triviais, em momentos em que me era impossível dialogar até com a impaciência da morte que em contrapartida espicaçava minha saúde. Coisas assim. Mas havia discussões um pouco menos

triviais, como mudar a cor de seu cabelo ou cortá-lo, ou exigir que eu largasse meu trabalho para um final de semana em algum lugar na costa. Disse-lhe uma vez que o mais prático era deixar uma mala pronta, com o necessário para passar um mês na casa da mamãe. Celena nada disse. Ficou brava. Fizemos amor em seguida.

-- E você, Adamastor, afinal de contas como foi seu final de semana? indagou Acidália.

-- Trabalho, vernissage, Alphonse, jantar.

-- Foi sozinho?

-- Não, ao vernissage fui com Anselmo. Depois fomos comer em um restaurante tailandês. No domingo trabalhei muito, ou terá sido no sábado? Não, creio que trabalhei nos dois dias. De qualquer forma fui jantar atendendo a um convite de Adel. Adel, você sabe, a mulher de Alphonse. E você?

-- Fiquei com meus netos em casa. Fiz bolos e tomei muito chá de camomila com erva cidreira para me acalmar. Mas de nada adiantou.

-- Aborreceu-se com os netinhos?

-- É que quando fico muito tempo sem vê-los perco a prática.

-- E o Armando?

-- Meu marido você sabe como é. Nasceu com essas ervas nas veias. Nada o aborrece, nem mesmo eu. Não é formidável?

-- Imagino que sim. Agorinha mesmo eu pensava nas minhas tolas discussões com Celena.

-- Esqueça, procure lembrar-se apenas das coisas boas

que fizeram juntos. Se quiser, faço uma lista.

-- Ora, ora, Acidália, não banque a sabida. Faça um café, sim?

Tocou o telefone. Era Harry, marchand londrino e também um velho amigo. Pediu-me alguma coisa para expor em sua galeria, pois ele é galerista também. Não tenho nada, mas teremos um vernissage em dez, doze meses.

-- Very good news, Finkel. I want you to be here before that, or after, who knows.

-- What for?

-- Maybe we could offer you a joyful cocktail and sell some of those remaining works after your vernissage.

-- You are cursing my exposition! I expect to sell everything, even the gallery building itself.

-- I swear and cross my fingers. No, I am not. You know that.

Continuamos ao telefone por pelo menos por meia hora; contei-lhe que estava trabalhando muito e com algumas ideias um tanto sanguinolentas. Não sei se ele entendeu, ou se ocorreu em sua mente que tivesse passado pela minha cabeça projetos de cortar vacas e bezerros ao meio. Não faz mal, ele que pensasse o que quisesse pensar. Comprometi-me a ir a Londres por duas semanas na primavera europeia do próximo ano. Aí então conversaríamos melhor. Ele indagou se me agradaria fazer uma palestra em Bristol. Respon-di que tudo dependeria de muitas coisas, inclusive da remuneração dos meus modestos serviços. Ele riu e disse que isso estaria garantidíssimo, inclusive a passagem e a estadia. Gostei da ideia e me despedi.

No atelier deixei um pouco as tintas de lado e comecei a folhear meus cadernos de esboços. Deitei-me no canapé e acabei cochilando. No sonho que tive, na verdade um pesadelo terrível, eu atravessava a sala de pintura do atelier, franqueava a porta hermeticamente fechada, que dava para o espaço destinado aos trabalhos com pedra e escultura, e me dirigia ao centro desse cômodo. Ali, via parte do rosto de Lara querendo sair do granito, mas o granito estava muito colado à pele e ela chorava e quanto mais chorava mais sentia dores. De minha parte procurava quebrar a pedra aos poucos, com cuidado, mas alguma coisa parecia que não ia bem pois ela estava banhada em sangue, que aflorava do interior do granito e quase a sufocava quando escorria por seus lábios. Algo teria acontecido inesperadamente e tudo isso me comovia, era um pesadelo digno do nome até que decidi pegar uma serra-elétrica e atacar a pedra pela lateral. Lara gemia de dor, até que perdeu os sentidos. Nesse momento, consegui partir uma parte significativa da rocha e fui extraindo os fragmentos maiores vagarosamente até que percebi que havia um cordão umbilical que ligava o corpo de Lara ao corpo da mãe, da pedra, digo. Fiquei desacorçoado, mas fiz o que um obstetra faria: cortei o cordão com a necessária higiene, embora minhas mãos tremessem; em seguida acabei de retirar os demais fragmentos, o que levou um longo tempo e repeti o processo do outro lado, fragmento por fragmento; seu pescoço alvo, seus lábios carmim, que ficaram ainda mais naturais quando consegui remover com uma gaze o excesso de sangue que banhava seu rosto. Era mais bela que um bebê e parecia que respirara sem dificuldade no interior da pedra, o que não parece minimamente razoável que assim aconteça. Mas isso impedia que ela ti-

vesse aquela cor azulada que os recém-nascidos têm. Creio que essa era a única explicação plausível, embora absurda. Vi seus olhos abertos pela primeira vez; no pesadelo eram verdes; seus dentes, suas orelhas e seus cabelos nem curtos, nem longos. Muito lisos. Lavei seu rosto com água morna e fiz o mesmo com seus cabelos.

Foi aí que ela disse:

-- Pai.

-- O que foi? perguntei com a naturalidade de alguém que esperava a pergunta.

-- Nasci, ela respondeu.

Depois não me lembro de mais nada, exceto de uma dúvida que tive quando sonhava. Quando acordei, muito desorientado e encharcado de suor, buscava ainda uma resposta para saciar essa dúvida e por isso fiz-me uma pergunta ainda mais perturbante: por que é que o rosto dela era tão parecido com o de Celena? Que pergunta cruel! Pensei outra vez em Lara. Na Lara do sonho. Também pensei no rosto de Celena, na cor de seus lábios, no formato de seu queixo, em suas mãos, em seus seios, enfim, na Celena verdadeira, como foi um dia. Toda vez em que pensava nisso me sentia mais confuso. Com essas sensações ambíguas saí do atelier, desci as escadas, atravessei o corredor e entrei no box do banheiro do quarto, onde pretendia tomar uma longa ducha. Contudo, logo que abri o chuveiro, me dei conta de que o que escorria pelo meu corpo não era água, mas sangue, o que só poderia ser explicado pelo pequeno ferimento aberto, que descobri, no dorso da mão esquerda, certamente fruto de alguma reação minha, inconsciente, ao pesadelo que experimentara. Talvez tivesse esmurrado o encosto do canapé, talvez a mesa que o ladeia, não sei, talvez tivesse batido em

alguma ferramenta de trabalho no momento em que me encontrava agitado, e isso certamente explicaria o ferimento.

Aos poucos, sob a água, o sangue foi-se diluindo, escorrendo e desaparecendo no ralo; ressurgiu meu corpo, branco como o leite, contudo minha mão doía e o ferimento exigia cuidados, uma vez que começou a sangrar novamente. Saí do box e abri o armário de remédios em busca de gaze e ataduras, e fiz um curativo na região afetada.

Em seguida voltei para o chuveiro e terminei o meu banho com cautela, ensaboando-me com uma das mãos e protegendo tanto quanto possível a outra. Sequei-me e fui para o quarto, no intuito de me deitar novamente, mas tomando o cuidado para não dormir. Não queria reviver, ou, melhor, ressonhar o pesadelo que tivera. Ou, não sei, talvez quisesse, ao menos no sonho, para saber se algo de diferente aconteceria da segunda vez: uma nova surpresa, um enredo mais doce, um desfecho mais treloucado ainda, se é que seria possível algo tão insano quanto o que acabara de experimentar, no canapé do atelier.

Embora não quisesse, dormi por uma hora.

Ao me levantar, decidi regressar ao atelier e continuar meu trabalho na sala das pedras. Sentia-me com estranhos tremores quando entrei ali. A pedra de onde eu extraíra em meu sonho uma mulher que talvez fosse Lara, talvez fosse Celena, estava lá, riscada. Preparada para iniciar o trabalho. Não havia nada de clássico ou de fáustico naquilo. A mulher entretanto -- e não posso deixar de me lembrar de Degas -- ficaria como no esboço, quase unida, eu diria aprisionada a uma efígie um tanto demoníaca. Esperava que ao final do

trabalho o espectador tivesse a nítida impressão de que ela conseguiria se libertar do jugo da terrível figura. Seu ar vitorioso era o que mais proclamava seu anseio de liberdade. Ela iria ter pernas ligeiramente musculosas e braços roliços mas também musculosos; seus cabelos seriam um pouco ondulados e sua figura lembraria uma mulher nórdica, mas que poderia ser também holandesa, desde que de caráter decidido. Se Catarina, com seu natural atrevimento, estivesse aqui me ouvindo falar como estou procurando pensar, ela diria que já tinha visto coisas parecidas em vários museus. E eu seria forçado a responder que a semelhança na arte não é forçosamente um defeito. Todas as pessoas são diferentes entre si, mas sempre há algo que faz com que elas se pareçam; às vezes é um mero detalhe, um tom de voz, um modo de andar.

Ao entrar na sala de pintura do atelier, sentei-me no canapé em que dormira. Constatei que havia manchas de sangue em uma mesa cujo tampo ficava acima do encosto do canapé, e no chão, nos pés desse móvel. Constatei também que sobre a mesa de apoio se encontrava um formão de entalhe manchado de sangue. Limpei tudo, inclusive a ferramenta.

Quando recomecei a trabalhar a pedra cheguei a ter tonuras. A mão esquerda doía e não sentia o necessário equilíbrio para trabalhar com a direita. Ademais, ainda bastante confuso, temia que tudo, na vida real se repetisse como no sonho. Minhas mãos estavam trêmulas. Recuei e voltei para a sala de pintura. Estava ofegante e cansado.

Permaneci ali, obstinadamente, por longos minutos, até

me sentir em condições de voltar a manejar a serra. Finalmente retomei o trabalho na sala de pedra. Empunhando a serra, passei a aprofundar as linhas já anteriormente demarcadas, fabricando sulcos bem finos e sem ondulações. Para tanto era preciso dominar a velocidade de rotação da máquina e a incidência e penetração da lâmina na ranhura da pedra.

Minha mão começou a doer novamente. Entretanto prossegui. Desta vez não ouvi nada de anormal, não brotou sangue do granito e não senti em nenhum momento que feria alguém, talvez somente a mim, pelo esforço que fazia para controlar meus nervos. Por tudo isso e pela complexidade do projeto era cansativo e penoso. Às 19 horas desliguei a serra e saí da sala das pedras. Quando retirei os óculos e as luvas protetoras, entrou Acidália nervosa no atelier.

-- O que aconteceu? perguntei.

-- Meu neto está com sarampo. Acabo de receber uma ligação da mãe. E com você, o que aconteceu com sua mão?

-- Nada, apenas um pequeno corte. De qualquer modo, pode ir. Se ele for medicado e repousar imediatamente, ficará ótimo em poucos dias. Mas é preciso que ele não se canse. De qualquer modo, faça o que o médico prescrever.

-- Vou até lá.

-- Claro que vai, quero dizer, pode ir imediatamente e mande notícias sobre ele.

Antes de sair, olhou para o chão e viu que eu tentara limpar o sangue sem grande competência.

-- Vou tentar fazer menos confusão amanhã. Pode ir. Eu já terminei.

-- Amanhã limpo tudo isso.

-- Vá de uma vez, Acidália, depois me diga alguma coi-

sa.

-- Sim, está bem. Vai jantar em casa?

-- Acho que não comerei nada, talvez tome um chá, ando com pesadelos muito estranhos.

-- Quer que eu faça?

-- Não, Acidália. Por favor, vá!

-- Até amanhã, então.

Sentei-me no canapé e revi meus esboços. O contato com aquele móvel trouxe-me de volta integralmente o pesadelo. Lacrei a porta da sala das pedras e saí do atelier, pois permanecer ali me incomodava.

Andei pela casa sem saber onde me esconder de mim mesmo e de meus pensamentos. Fui ao escritório e peguei o jornal. Comecei a folheá-lo.

Capítulo 14
Trancado domesticamente,
tentando trabalhar, e indo de um cômodo
a outro e muitas coisas mais

Comecei a folhear o jornal, mas eram folhas em branco, sem notícia, sem anúncios. Meu rosto aparecia em segundo plano em cada página. Um homem só não resiste à solidão e dá cabo de sua vida. Um grande artista se atira do segundo andar de sua casa e racha o crânio; um bom homem desconhecido, sem dívidas, sem outros haveres, decide que tinha que dar cabo de seu futuro e se atira para a morte, homem desconhecido é atropelado por um veículo não identificável e morre instantaneamente, um homem procura se jogar sob um bonde, mas uma mulher se apieda dele e o arranca dos trilhos no último minuto. O grande Admator Finkel, repleto de prêmios internacionais, decidiu que a vida não valia a pena ser vivida e se atirou contra um coletivo, que felizmen-

te se desviou de seu corpo e ele continuou vivo.

Parece mais difícil morrer do que eu imaginara a princípio. Minha solidão me afoga em tristezas carcomidas pelo tempo. Repasso os meus longos anos e penso sobre o que sofri desde que me mandaram andar e fazer gracinhas para encantar o mundo. Desde o princípio achei o mundo muito chato e muito igual. Olho ao redor do escritório. Ali há de tudo: coisas minhas, coisas que foram de meus pais, coisas que talvez sejam impossíveis de terem sua origem identificada. Há mesmo uma luz intemporal banhando muito tenuemente os espaços mais subalternos. Sou um homem dali, mas sou um estranho. Há fotos enquadradas, há sorrisos cândidos de algumas pessoas que desconheço; terei brevemente que pintar essas paredes que já estão calcinadas pelo tempo. Pergunto-me com quem ficarão todas essas lembranças e evidências de tantas vidas que passaram por aqui. Ocorre-me a ideia de que tudo desaparecerá, irá para o lixo, pois não creio que alguém queira partilhar a memória impregnada nesses objetos. Assim é. O paradoxo é que quanto mais as coisas valem pela carga que transportam de passado, menos valem para os que chegam apressados do futuro. Há mesmo instantes, como agora, que sinto que o casarão vai ruir.

-- Celena, onde você, agora? Amo-te como nunca, pois só assim se ama quem não pode mais corresponder ao amor que se sente. Esse amor é o mais perfeito e intransigentemente imutável.

Ando pela casa, nervosamente como quem persegue um rato, ando a esmo, desejando no fundo que uma mão acaricie meu rosto e diga vá dormir. Mas o silêncio é brutal, concreto, intransigente. Volto para o escritório, sento-me na

poltrona atrás da escrivaninha. Penso em meu pai, que tanto constuiu com tão pouco. Seria inimaginável hoje pensar que um artesão pudesse erguer aquela casa com o suor de seu trabalho.

Não sou e nunca serei forte como ele. Para tudo ajusto os óculos e com relação a tudo aproximo-me lentamente, pois se o tempo de meu pai era o da urgência, o meu sempre foi, graças a ele, o da reflexão. Pois este último depende de condições materiais para se desenvolver. Se a urgência é fruto da cobrança do tempo, a reflexão nasce das alternativas que o tempo nos oferece.

Senti desde o começo que era preciso aprender lentamente, uma litografia não era o mesmo que uma xilografia; um óleo, uma tinta acrílica ou uma aquarela, e assim por diante. A escolha do suporte dependia do tema, da intensidade pretendida para tratá-lo e da expectativa de um resultado final adequado e justo. Pintar era também desde sempre um prazer permanente em minha vida, esculpir era uma batalha que pedia de mim mais do que eu era capaz de dar.

Talvez por essa razão realizar um projeto de escultura com sucesso parecia ter mais importância do que produzir uma tela. Meu pai atacava a pedra como um homem medieval, admirava-o por isso. Admirava-o mais ainda porque não exibia sua força para seu filho. Fazia aquilo porque entendia que era o que tinha que fazer. Queria fazer o melhor que era capaz. Quando largava o trabalho, era um homem doce. Se estivesse cansado, sempre alegava que estava bem. Um dia disse-me: se quer pintar, pinte, pintar é uma coisa deliciosa. Não vou ficar triste por isso.

Ele nem mesmo me incentivou a esculpir. Quando ele trabalhava, não falava, mas às vezes deixava escapar um as-

sobio ou uma nota musical. Quando pequeno eu ria dessas coisas. Depois pensei que era a maneira que ele tinha de se comunicar com as pedras. Na adolescência ou creio eu antes disso, entendi que eram apenas manias, dissociadas do fazer artesanal. Um dia pedi emprestadas umas ferramentas e comecei a bater em um pedaço de pedra que ele desprezara. Ele pediu-me para tomar cuidado, pois eu poderia me machucar. Perguntei a ele se poderia me ensinar. Ele respondeu que sim, desde que eu tivesse absoluta certeza de que queria aprender e me tornar um escultor. Eu me calei, não sabia o que dizer. Eu nem bem aprendera as primeiras letras e no momento empenhava-me para aprender a andar de bicicleta, como poderia saber o que queria para a minha vida, quando tanta vida havia adiante de mim desconhecida?

Enfim, eu nada disse depois do que ele falou, e aparentemente ele não se incomodou com isso. Lembro-me de que ele transpirava muito quando trabalhava e tinha à mão um lenço para enxugar o rosto e os braços. Era um lenço que eu achava sujo, cinzento, encardido, e meu pai depois de usá-lo depunha o pano no chão, mais imundo ainda. Mas seria injusto dizer que ele sempre andasse sujo. Quando terminava seu trabalho, banhava-se e se sentava à mesa do almoço impecavelmente vestido. Possivelmente porque considerasse que comer com a família era um ritual importante. Não sei ao certo.

Ando pela casa, ouço meus passos arrastados, pois às vezes fico em casa de chinelos de pano, e me pergunto para onde vou. O que farei agora? E me sinto irreparavelmente só; a solidão que me aflige é como um balão de ar que cresce no meu estômago e toma todo o meu peito. Com ela ou por causa dela, há também outra presença em mim: a angús-

tia. Há um telefone a poucos passos de onde estou, talvez ele possa me salvar, mas não estou seguro de que esse é o meu desejo. Sentimentos contraditórios invadem a minha mente. Devo me ocupar com algum trabalho no atelier? Mas lá não quero ir. Não hoje. A angústia avança e meu corpo estremece, sinto-me sufocar. Um cordão de pano contrai meu pescoço, morrerei enforcado hoje? Não, hoje não é o dia certo para morrer. Sento-me no escritório e arranco da estante um velho álbum de fotos, a maioria da família, de alguns antepassados, e de amigos fiéis. Não sinto melhora alguma. Deixo o álbum, caminho até o quarto e procuro alguma coisa para acalmar meu espírito. Ataco como um desequilibrado a caixa de remédios, tomo duas ou três coisas diferentes, tomo com água da jarra, que fica sempre ao lado da minha cabeceira. Bebo mais água. Procuro respirar sem sofreguidão, contando os números de um a dez, e repetindo mentalmente várias vezes essa sequência. Estico meu corpo sobre o colchão, tenha a sensação de que o teto desce lentamente sobre mim como se escorregasse pela parede e vem em minha direção com uma campã; está se aproximando do meu rosto. Devo morrer comprimido pelo teto. Minha mão adverte que foi ferida por um demente. Começa a arder como se tivesse acabado de reabrir o corte. Essa sensação é um convite desonesto a me apiedar de mim, uma armadilha perigosa.

Nisso toca o telefone. Estico o braço e agarro o aparelho com fúria.

-- Quem é? indago apressadamente, com uma voz quase incompreensível, cortante, rasgada.

-- Aqui é o Marchezi, Adamastor. Você está passando mal? Aconteceu algo?

-- Sim estou mal. Estou só.

-- O que aconteceu ao filho de Ferdi? indaga ele com a voz já trêmula e familiar.

-- Tenho estado assim, tive um pesadelo medonho, tudo ao redor começa a me sufocar.

-- Quer que eu vá aí?

-- Será perda de tempo, muito obrigado. Acabo de tomar uns comprimidos. Amanhã procurarei um médico.

-- Façamos o seguinte. Telefone-me em uma hora, para saber de seu estado.

-- Espero desmaiar antes disso. Se eu não atender de imediato, não insista. Dormir será uma salvação, apesar dos pesadelos.

-- Está bem. De qualquer forma ligarei. Tinha coisas a lhe falar, mas encontraremos outro momento. Agora quem ficou ansioso e angustiado fui eu ao ouvir o tom de sua voz.

-- Nos falaremos amanhã. Até breve. Desliguei o telefone.

Logo em seguida, tocou novamente o telefone. Era Karen, a jornalista. Estava ainda na cidade, queria conversar pessoalmente.

-- Sobre o quê, exatamente?

-- Ora, sobre o seu trabalho, disse evasiva. – E também sobre Yenes; tenho dúvidas, questões, respondeu, como se buscasse em um tradutor eletrônico a expressão mais adequada.

-- Sobre Yenes posso falar já, anote: seu trabalho como escultor é como alguém que enfrenta o que há de mais dramático, quase malévolo, no ser humano. Não esculpe, na verdade, constrói máscaras e não figuras tridimensionais, lapidadas em blocos, em monolitos de pedra. Yenes é um

criador de fantasmagorias, e seu trabalho consegue manter um diálogo muito próximo do caricaturismo, mas o evita, como mestre que é, traduzindo a dor e a insanidade humanas. Há mesmo um sofrimento implícito em sua arte. Pronto. Procure as referências acerca do artista. Devem existir em algum lugar.

Estava prestes a desligar. Karen não desistiu.

-- Quando posso passar aí?

Desamparado, soltei o fio das ideias que conseguira entretecer com evidente dificuldade e respondi:

-- Venha agora. Imediatamente pensei: que estupidez!

-- Posso ir, mesmo?

-- Sim, mas nossa conversa não poderá ser longa. Em uma hora, está bem?

Ela concordou.

Desliguei o telefone. Em seguida passei as mãos no rosto, como se arrancasse uma teia de aranha que se colara sobre a pele.

Karen se encontra em minha frente, sentada em uma poltrona de couro do escritório. É mais jovem do que imaginei, tem os cabelos negros, como de alguns alemães da Bavária. Gravador portátil e bloco de notas.

-- Cristalino azul, falei fixando-me em seus olhos.

-- Ah, sim. Percebeu?

-- Vamos ao ponto. O que quer saber?

Esfreguei as mãos como um açougueiro antes de servir-se da faca de destrinçar, depositada sobre a tábua de madeira suja de sangue coagulado e esperei. Ela fixou os olhos em

mim.

-- Onde é o banheiro?

-- Já? Bem, é logo ali.

Karen levantou-se, eu fui atrás dela, sinalizando precariamente. Quando voltou, completamente nua, encontrou-me no mesmo lugar em que nos sentáramos instantes atrás.

Depois daqueles momentos surpreendentes, o artista plástico despediu-se de Karen e se foi deitar. Não teve a re-visitação do pesadelo que tivera horas antes, mas em certo sentido esse de agora era pior e mais surpreendente. No sonho, ele trabalhava furiosamente sobre a base da pedra, e logo surge um pé ensanguentado, macerado e do fundo do bloco de granito ele escuta a voz de seu pai pedindo que pare de feri-lo. O sangue jorra dos pés do artesão e escorre pelo chão do atelier. Adamastor não sabe o que fazer. Deixar o pai no interior da pedra ou tentar quebrá-la para salvá-lo. Mas salvá-lo de quê, se ele morrera há tantos anos? Parecia que sua proximidade com a profissão de seu pai acabava por ferir Fernando ou pelo menos trazia-o a um simulacro de vida precário e sem chances e presenteava-o com a dor dos vivos que sofrem.

Ele perguntou ao pai, gritando, se queria que ele deixasse de ser escultor. Houve um longo silêncio, mas subitamente Adamastor ouviu a resposta: "faça o que merece fazer; descubra seu mérito e suas virtudes e vá na direção dessas luzes. Continue a esculpir, se esse é o seu desejo e a sua vocação. Dou a você todas as vidas de que precisar para avançar na direção que escolher". O filho indaga ainda se quer que quebre a pedra para que o pai se liberte.

Fernando responde que já está completamente livre. No espaço em que está, esculpe com sua mente, constrói e reconstrói, faz e refaz e sempre se sente bem.

O pesadelo se interrompe nesse momento e Adamastor acorda desesperado, mas sob o efeito dos medicamentos que tomara sente-se tonto e tão desnordeado quanto no pesadelo que tivera no canapé do atelier.

Teria entendido o que ouvira ou que sonhara que ouviria? Resolveu erguer-se da cama e buscar uma folha de papel e escrever o que seu pai acabara de lhe dizer sobre continuar a trabalhar com escultura. Se não fizesse isso, talvez jamais voltasse a esculpir novamente.

Quando o telefone tocou novamente, ele não atendeu. Estava relendo o que escrevera para se assegurar de que transcrevera com exatidão aquilo que seu pai lhe dissera.

Mas não havia dúvida. Àquela hora só poderia ser Marchezi do outro lado da linha. Ou poderia ser Karen. De qualquer modo não atendeu.

Ele ligaria na manhã seguinte para o amigo e mesmo que não fosse verdade lhe diria que estava muito melhor. Adamastor por fim concluiu a transcrição e releu o que o pai recomendara, dobrou o papel e colocou-o em uma gaveta e assinou: "pai".

Deitou-se novamente e pensou que no dia seguinte já seria terça-feira. Enfim, que diferença faria? Há um espaço intermediário de comunicação entre a vida e a morte. Ele, Adamastor, não sabia como lidar com essa possibilidade ou evidência. Pensou novamente que quando acordasse seria uma manhã de terça-feira e nesse dia, como em todos os outros, o cotidiano bateria à porta.

Capítulo 15

Uma terça-feira qualquer, ou não

Na manhã dessa terça-feira, antes de acordar, Adamastor recebeu nova visitação de imagens cruéis. O pesadelo voltou, agora com outras roupagens. Em seu sonho ele se encontra no atelier e ouve uma voz feminina pedindo socorro como se estivesse no interior da pedra, como o sonho não permite o armazenamento de dados na memória, tal como a conhecemos, Adamastor agiu como se tudo estivesse ocorrendo pela primeira vez.

Ele tomou da serra atacou a base da pedra, que se encontrava inclinada contra a parede. Novamente o sangue jorrou quando um pedaço da pedra se separou do resto do corpo mineral. Em meio ao sangue, ouviu novamente a mesma voz feminina que ouvira há pouco. Enfiou uma das mãos na cavidade da pedra e encontrou um pequeno pé feminino amputado, calçando sapatilhas de dança. Só poderia ser sua

mãe, que dançara quando muito jovem. Ou mesmo Celena, que antes de conhecê-lo tinha como seu projeto central de vida se tornar bailarina profissional. Adamastor ainda não sabe qual delas era, mas o desespero é o mesmo. Subitamente escuta uma outra voz feminina vinda do interior da pedra. Não havia dúvidas, a primeira que se pronunciara era sua mãe, a segunda voz era a de Celena. No pesadelo de Adamastor ele se atirava em situação de desespero contra o piso e abraçava a pedra, como se abraçasse um ente querido, ao mesmo tempo em que arrancava o pedaço de sapatilha branco com uma fita vermelha. Via os pequeninos dedos que pendiam da ossatura de um dos pés, com as unhas também pintadas de carmim; e uma pele muito alva em que as veias azuis eram nítidas como rios vistos de um céu limpo. "Mãe?" ele indaga. "Aqui quem fala é a sua mãe, sim, mas a sapatilha é de Celena." "Oh, meu Deus, o que foi que fiz?" Celena responde: "você nada fez meu querido, eu e sua mãe, a senhora Genciana Martins Finkel, estamos muito longe para sentir pena, decepção, dor ou cansaço. Procure dormir, pois o sono para os vivos é sempre muito reparador". Fez-se em seguida um silêncio de vozes, mas o sangue continuava a escorrer, a ponto de inundar seu rosto. Sufocado, Adamastor acordou e se ergueu com violência da cama, correu para o atelier para certificar-se se o que sonhara tivera lugar no plano da realidade. Ao chegar lá, nada encontrou. Tudo estava como ele havia deixado no dia interior. Ou melhor, ele encontrou sim algo de diferente. Era um balde com um esfregão ao lado e panos de chão tingidos de vermelho, e no interior do balde, um líquido que se assemelhava a sangue diluído. Ele havia limpado tudo na noite anterior; embora tivessem ficado algumas manchas, não se comparava ao que

ele via agora. Ficou petrificado. O que estava acontecendo? Como organizar as ideias e compreender tudo isso e continuar a levar uma vida normal?

Quando estava saindo do atelier para ir ao escritório ligar para o médico, entrou Acidália.

-- Olá, Acidália, o que aconteceu aqui? O que significa esse balde de sangue no meio do atelier?

Acidália nada disse, apenas mostrou seu braço esquerdo com ataduras.

-- Derrubei uma de suas macabras ferramentas, e me feri; tive que ir ao hospital. Tomei alguns pontos. Logo acabo de limpar tudo.

-- Ora, não faça nada. Pode deixar que eu mesmo faço.

-- É pouca coisa, Adamastor. O pior é seu inútil desespero. Para quê tudo isso?

Adamastor ainda assim permaneceu paralisado no meio do atelier. O balde de sangue fê-lo reviver em parte o que acabara de sonhar. Ele recuou e se atirou em uma cadeira, enfiando o rosto entre as mãos. Fechou os olhos e quando os abriu, já Acidália havia saído com o balde, os panos e o esfregão. Desceu para a cozinha. Tentaria tomar ao menos uma xícara de café.

-- Quantos pontos deram-lhe?

-- Não contei. Mais de trinta, menos de quarenta. O diabo é a veia. Tiveram que fazer uma sutura. Coisa demorada. Garrotearam meu braço, olhei para ele e parecia que estava morto.

-- Sem dúvida fizeram isso para poder realizar o trabalho. Está com dores?

-- Apenas incômodos. A anestesia ainda está fazendo efeito. Seu café está sobre a mesa. Marque uma consulta

médica, Adamastor.

De repente, outra vez, ele se deu conta de era uma terça-feira de um mês qualquer, de um ano qualquer.

Procurou marcar sua visita ao médico. A recepcionista que o atendeu prometeu-lhe que procuraria encontrar um horário para aquele mesmo dia.

Adamastor olhou para fora através da janela do corredor. Ao redor da casa os pássaros reclamavam do pouco espaço que a humanidade lhes deixara. Alguns conversavam muito entre si: grupos, lideranças passarinhas, e, claro, seríssimas ambições de acasalamento. As árvores não eram muitas e tudo parecia mais difícil na cidade, mas aqui e ali, devotos pela natureza plantavam árvores frutíferas. Quando as aves voavam baixo, provavelmente era porque avistaram algo de interesse nas calçadas; entravam em cena os cães, que latiam, espantando-as. Lembrou-se de que em seu sonho Celena pronunciara o nome completo de sua mãe, e achou inusitado, pois sempre se tratavam com grande intimidade. Mas que importância teria esse pequeno detalhe face ao restante do pesadelo?

Era quase uma terça-feira comum, já pela manhã o telefone começou a tocar. Marchezi queria saber do doente. Foi informado que Adamastor já estava um pouco melhor, e que até marcara um médico. Mas ainda não queria falar de trabalho. Marchezi protestou:

-- Esse vernissage não sairá nunca!

-- Só faltava essa, você me controlando. E nem sabe o que tenho pintado e planejado. Um vernissage não se faz de um dia para o outro. Agradeço deveras sua preocupação. Prometo que quando voltar do médico marco um jantar aqui em casa e conversamos no atelier.

Marchezi concordou e ambos desligaram o telefone.

Lá fora, os pássaros confabulavam intensamente. Era um dia ensolarado. Adamastor resolveu fazer uma experiência e decidiu que separaria algumas cores de tinta acrílica e pintaria de olhos fechados, procurando fazer algo que pudesse lembrar vagamente o espírito da tríade que concluía há pouco tempo. Seriam forçosamente pinceladas grossas, em busca de uma geometria do corpo feminino. Durante horas trabalhou nisso. Por vezes sentia falta de ar; era como se o ato de ver estivesse associado ao ato de respirar. Sem condição de ver o que estava fazendo, procurava se recordar de seus gestos, de seus movimentos. Seu jogo tinha cinco pincéis e cinco cores distintas. Antes de colocar a venda nos olhos, ele organizou o conjunto de pincéis e cores, para que ao menos soubesse com que cor estava lidando. Não eram cores puras, eram combinações previamente elaboradas.

O trabalho prosseguiu por todo o restante da manhã, e invadiu parte da tarde, até que ouviu os passos de Acidália.

-- Quer almoçar?

-- Dez minutos, talvez um pouco mais.

Aí lembrou-se de que havia pedido a ela que se poupasse. Franziu o cenho mas nada disse. Continuou a pintar e as lâminas ou faixas de tinta que jorravam com a mesma largura dos pincéis se misturavam às que se encontravam no fundo. Repentinamente decidiu encerrar. Estava pronto, fosse o que fosse. Arrancou a venda dos olhos e esboçou um sorriso, que lembrava um sorriso que seu rosto fabricava na infância, quando achava algo divertido, ou pensava algo que gostaria de manter em segredo, para que o pensamento irrelvelado rendesse mais em seu espírito.

Seus braços doíam, seus ombros doíam. Mais do que

pintar, participara de uma batalha com a memória do gesto, a memória das tintas e suas combinações, e a somatória de tudo aquilo múltiplo e talvez surpreendente era o que ele depusera sobre a tela. Lavou-se, limpou os pincéis, organizou a bancada móvel de tintas que estava ao lado do cavalete e desceu para almoçar.

-- Sujou-se mais do que o habitual. Pintar sem ver o que pinta é sua nova mania? Dá nisso.

-- Diria que é apenas uma nova experiência, melhor do que ver você toda enfaixada. Deveria ir para casa repousar, mas faz o seu serviço como se nada tivesse acontecendo.

-- Pus vendas na dor. Esqueci dos pontos e tomei uma aspirina.

O almoço saíra tarde. Eram quase 15h quando deixou a mesa. Se a realidade vivida fornecia elementos para a elaboração inconsciente dos processos oníricos, o inverso também era verdade. Adamastor voltou à cozinha e se serviu de mais café. Ao invés de subir para o atelier, foi para o escritório e sentou-se na escrivaninha centenária da família. Poderia produzir uma escultura com uma figura humana querendo nascer da pedra. Como encaixá-la? Em primeiro lugar desistiu de adotar a pedra como base. Faria uma imitação de rocha. Era simples: a fictícia pedra seria composta de duas partes encaixáveis perfeitamente, com os encaixes escamoteados. Como estrutura básica usaria latão, trabalharia a peça usando solda e depois repicaria a superfície do material, colando sobre ela pó de pedra e lâminas também de pe-

dra, o que conferiria à escultura uma enorme semelhança com um granito rústico, natural, ou outro tipo de pedra. Consultou a pequena biblioteca especializada em geologia, que seu pai deixara. Mas não se decidiu.

O corpo humano, parcialmente visível, claro está, seria tridimensional, com todas as saliências e reintrâncias de um corpo de mulher e seria encaixado na estrutura de latão revestida. Pensaria mais tarde sobre o material que iria fazer uso para construí-la. Poderia fazer um molde de papelão molhado e aplicar papel machê. Não, não seria durável. Faria ao invés uma base consistente a aplicaria sobre o rosto uma pele sintética, que talvez revestisse outras partes do corpo, como os ombros, por exemplo.

Sim, era um caminho; lera em algum lugar que na universidade de Nebraska desenvolveram isso. Resolveu escrever para um antigo colega da universidade, Walter Anderson, da Escola de Belas Artes.

-- De onde você surgiu, Lara?

-- Estava passando pela rua e vi a sua governanta saindo apressada.

-- E como entrou?

-- Por um buraco que encontrei na sua mente. Você, Adamastor, sabe que não sou muito grande.

-- De fato, não. Mas ainda assim. Então Acidália saiu?

-- Mas não levava nada nas mãos. Talvez tenha ido fazer alguma compra de urgência.

-- Agora fique quieta, ou vá até o atelier, pegue uma revista e relaxe no canapé. Tenho coisas a fazer aqui.

Adamastor ligou para Marchezi, dizendo-lhe que queria adiantar a data do jantar para o dia seguinte. Assim poderiam conversar. Por ele, poderia ser até hoje, mas veja, Mar-

chezi, Acidália feriu-se, deixemos para amanhã, por volta das 8h da noite. Já estou inclusive com o título da exposição mais ou menos alinhavado na cabeça, mas não insista. Não contarei nada.

Adamastor se despediu do amigo, mas não teve a lembrança de perguntar sobre seu estado de saúde, que Marchezi mantinha como se segredo de Estado fosse. Ele próprio dera-se conta disso ao desligar o aparelho.

Na verdade, percebeu repentinamente muito mais que isso. Sentira-se melhor, a despeito de tudo, talvez porque tivesse feito uma tela que o agradara, talvez porque tivesse experimentado lidar com os seus sentidos de uma maneira que nunca tentara antes, talvez porque descobrira mais uma vereda para explorar e apresentar em sua próxima exposição, talvez porque, e essa hipótese era a melhor de todas, do nada surgira Karen daquela forma surpreendente, talvez inconscientemente porque estivesse com as palavras de sua família girando em sua cabeça, e mesmo que fosse uma fantasia do inconsciente, aquilo lhe fizera bem. É como se tivesse conversado com eles depois de tantos anos e de algum modo precisasse de perdão, ou quisesse um estímulo de que necessitava. Ouvira a voz de Celena, ouvira a voz de todos eles. Abriu a gaveta e releu a mensagem que seu pai de algum lugar do universo lhe mandara. Era o momento de continuar e isto era o que de melhor poderia fazer naquele momento. Voltou ao atelier e resolveu repetir a experiência de trabalhar com os olhos vendados. Preparou uma bancada com tintas a óleo e resolveu trabalhar com pincéis médios. Selecionou quinze combinações de cores e alinhou essa seleção sobre a bancada. Um rosto humano feminino era seu objetivo.

Em pouco mais de uma hora terminou o trabalho, tirou a venda e o examinou friamente. Concluiu que talvez pudesse incluí-lo no próximo vernissage.

-- O que acha, Lara?

Mas o nome que voltava a sua cabeça era Karen e ele se indagava como permitira que tudo aquilo acontecesse e que consequências aquilo traria para a sua vida.

Capítulo 16
Em algum momento aquela terça-feira
tinha que findar

Antes que esse dia terminasse, recebeu a confirmação de que um médico generalista poderia recebê-lo ao final daquela tarde.

Adamastor narrou ao clínico, sem fornecer detalhes, que estava tendo sonhos em série, envolvendo pessoas da família. O médico pediu inúmeros exames laboratoriais, martelou os joelhos do pintor, seus cotovelos e o fez vigorosamente.

- Há quanto tempo tem tido esses sonhos?
- Não sei dizer, creio que nas últimas três noites.
- Mudou sua alimentação ou medicação ultimamente?
- Não, tudo segue dentro da normalidade.
- Quando tiver os exames prontos, marque uma consulta. Terei prazer em recebê-lo disse o médico.

Adamastor foi para casa lentamente, então não estava para morrer, mas estaria bem para viver? Tinha certeza de que não suportaria fazer daqueles pesadelos uma rotina noturna em sua vida. O médico lhe fornecera uma receita para comprar um tranquilizante, mas ele se sentia tão doente quanto entrara. Calmantes não resolvem o problema, mas foi comprá-los assim mesmo.

Já o tinha no bolso quando chegou em casa. Talvez o melhor que poderia fazer era tomar um imediatamente e abandonar o costumeiro café da tarde.

Ao entrar em casa, reencontrou Acidália, com uma nova faixa no braço e uma luva plástica.

-- Voltou ao hospital?

-- Sim, mediquei-me, agora vou para casa, mas volto amanhã.

-- Até amanhã, respondeu Adamastor, que não queria se aborrecer com imposições. Se Acidália se achava bem, se preferia trabalhar a ficar em casa, era como seria. Ele já tinha dito a ela o que pensava, ele já havia sugerido que ela fosse para sua casa e que telefonasse se tivesse algum problema.

Adamastor ouviu a porta da rua bater, e voltou ao atelier. Resolveu trair seu plano de pintar com os olhos vendados, ao menos no que dizia respeito àquela tela e decidiu retocá-la com os olhos bem abertos e a mão firme. Em dado momento largou os pincéis e sentou-se em uma cadeira.

O que me ocorre toda vez que saio de um consultório médico? Algo que acontece lá dentro abala meu equilíbrio emocional. É como se estivesse entregando o pescoço ao

homem que me irá enforçar. Uma disparidade de forças descreve os principais sentimentos que me tomam de assalto nessa situação; sim porque uma consulta não passa de um jogo de poder. No caso, quem tem a venda nos olhos sou eu, e o clínico, o poder. Mas ele de certo modo também tem a venda em seus olhos, pois não quer me ver integralmente. Constatado isso é fácil entender o motivo de ele ter-me tratado como se eu fosse um bezerro de engorda, e nada mais que isso; e tudo me parece de um cinismo impositivo e frustrante. Ao entrar no consultório deixei de ser uma pessoa, quando, ao contrário, lá fui para voltar a ser o que sou, a melhor pessoa dentro de mim; que passa pelo mundo e envelhece. Mas nada disso aconteceu. Eu simplesmente me entregava aos poderes de alguém e permitia que me ludibriasse com seu descaso profissional.

As palavras sociais trocadas entre nós de nada valeram para amenizar esses sentimentos. Nem mesmo quando entreguei a ele o cheque relativo aos honorários médicos ele mudou sua maneira de me ignorar como pessoa.

Deveria ter-lhe perguntado se ele realmente fazia questão de receber pelo serviço ou me humilhar -- e ao me humilhar, fazer o mesmo com toda a humanidade -- como fez desde o primeiro instante em que pus os pés naquele lugar. Não tive presença de espírito. O que é comum em mim, embora o contrário também aconteça.

Mas eis-me aqui, sentado no meu atelier, o dia praticamente se foi; ao longe apenas reflexos do Sol sobre algumas nuvens esgarçadas, que apareceram mansamente e se distribuíram pelo grande espaço azulado do céu, que agora ganhava coloração acinzentada.

Toca o telefone; é Harry, que quer me propor uma con-

ferência com alguns críticos e professores de arte da universidade. Na verdade, uma videoconferência, que seria transmitida a princípio em circuito fechado, gravada, editada e depois, talvez, negociada para outras instituições, o que queria dizer, entre outras coisas, que eu deveria buscar na medida do possível ser didático.

Fiquei algum tempo em silêncio, até que Harry repetiu o convite em outras palavras. Acabei concordando e marcamos a palestra para dali a um mês. Marcamos a hora e o tempo da conferência. Não sei por que razão concordei. O fato é que quando finalmente pude refletir sobre isso, já desligara o telefone e me comprometera.

Uma vez que estou com o telefone ao meu lado, à mão, ligo para Marchezi e transfiro o jantar de amanhã ou resolvo tudo de uma vez?

-- Marchezi, embora eu não esteja no melhor da forma, vamos fazer o jantar amanhã de qualquer jeito. No mesmo horário.

-- Sim, está bem, se é assim que quer.

-- Aguardo-o.

-- Não sei por que, mas achei que me telefonou para desmarcar.

-- É em parte verdade, meu amigo. Mas quando disquei o último número do seu telefone, já me havia decidido que nos reuniríamos no dia previamente marcado. Estou aguardando você amanhã. Certo?

-- Certo, então, adeus.

Lembrei-me de que deveria encomendar o jantar, para poupar Acidália, mas ela não é fácil de negociar, entende que tem obrigações e não abre mão disso. Vou deixar essa pendência para resolver com ela amanhã.

Deito-me como se tivesse voltado de uma guerra. Entre o sono e a vigília encontro sob os lençóis o corpo de Lara, deslizo minhas mãos sobre ela, mas ela está imóvel, exalando seu cheiro peculiar, depois me abraça e respiro os odores de seus cabelos, depois beijo seu pescoço. Naquele momento ela é todas as mulheres que tive e que talvez venha a ter reunidas em uma só, ela é ideia e matéria, espírito e ação física, abstração e concretude. O que ela me transmite é uma convocação urgente para não deixar que o sono se encarregue de mim. Luto ainda, em um dia que parece que foi feito para o exercício do confronto. Sinto que ela me está puxando para que me aproxime mais, me deite sobre ela. Suas unhas riscam minhas costas, seus dedos entrelaçam-se em meus cabelos e na minha barba. A palma das minhas mãos envolvem sua cintura e se movimentam sobre sua pele, como se a medisse, a acarinhasse; como se quisesse me certificar de que ela estava ali, integralmente. Lara agita-se e se debate colada a meus neurônios, braceja na irrigação sanguínea de meu cérebro, nada como uma enguia entre a caixa do crânio e a massa do cérebro, diverte-se com a realização de movimentos tão complexos e ri em meus ouvidos; diz coisas que nunca poderia ter sabido, se não estivesse ali, onde a memória se constrói e se desfaz ininterruptamente. Minha cabeça dói como se fosse espicaçada com impaciência. Ela imita com perfeição as vozes de meus pais, que jamais conheceu. Lara reproduz minha voz quando ainda era uma criança, depois um adolescente. Repete frases que algum dia foram ditas exatamente daquela maneira por várias pessoas ao redor de uma mesa, eu próprio tenho dificuldade de reco-

nhecer os comensais que trocavam gentilezas e diziam aquelas coisas amenas, e as vozes cruzam o espaço entre elas, mas logo tudo se torna ainda mais confuso: os sons se chocam no espaço que rodeava a mesa de jantar, como se tons e semitons digladiassem entre si e contra todos, criando novos e inusitados resultados sonoros. A comunicação se tornara a essa altura uma sinfonia desarranjada. Uma massa de sons e ruídos perpassa a minha mente em semiletargo e me sinto com a perplexidade de alguém cujos liames mentais foram embaralhados. Não há resposta que satisfaça a minha compreensão, sinto apenas que as unhas de Lara continuam cravadas nas minhas costas e eu avanço sobre sua carne como se quisesse escapar de um naufrágio.

Nesse momento, Adamastor Finkel dormiu.

Capítulo 17
Conversa com Acidália, atelier,
a mulher-árvore, Calisto

Contudo, antes mesmo de conversar com Acidália tocou o telefone. Era Anselmo.

-- O que você está fazendo?

-- Estava dormindo, Anselmo, até você me ligar para falar outra vez sobre Calisto.

-- Como adivinhou?

-- Provavelmente porque eu não lhe conheço muito bem.

-- Vamos jantar aqui, hoje?

-- No seu restaurante ou em sua casa?

-- Ora, no restaurante, que é onde se come bem.

-- Não posso, Anselmo, tenho um jantar marcado com o Marchezi, aqui.

-- Traga o Marchezi.

-- Mas o jantar é aqui!

-- Eu levo comida e bebida.

-- Aguarde. Ligo em minutos. Vou conversar com Acidália.

Conversei com ela demonstrando a inutilidade do esforço físico. Eu tinha em casa um jantar com amigos e ela estava liberada. Encomendaria a comida. Na verdade, Anselmo traria a comida do seu restaurante. Ela respondeu que não gostava da ideia de gente mexendo em sua cozinha. Eu argumentei que a comida viria pronta do restaurante. Ela decididamente não queria. Desisti de buscar convencê-la e informei que seríamos três pessoas à mesa; acrescentei que desta vez queria abrir o salão de jantar. Ela disse muito bem, lá será.

Depois liguei para o Anselmo.

-- Acidália não gosta da sua comida. Ela vai oferecer a dela. Pode trazer umas garrafas de vinho, às 8h da noite.

-- Que vinhos?

-- Ligue para ela lá pelo meio da tarde e pergunte qual é o menu.

-- Está feito. Um dia eu levo Acidália à força para provar no meu restaurante o meu foie gras.

-- Pronto, Anselmo. Chega. Não exagere e nem caia no absurdo desnecessariamente. Consulte Acidália. Venha no horário. Abraço fraternal.

-- Até lá.

Sentei-me à mesa do cozinha, belisquei algumas coisas.

-- Como vai seu braço, Acidália?

-- Bem, e seus olhos?

-- Como sempre.

Abasteci-me de geleia, manteiga e *croissants* e tomei uma xícara de café com leite; em seguida fui para o atelier.

Peguei meu caderno de desenhos e inspirado em Pina Bausch esbocei uma escultura em ferro de um busto de mulher com uma árvore alta e mais pesada que o próprio busto, saindo do centro da cabeça. A árvore seria pintada em conformidade com as cores habituais das árvores, o busto, não. Às vezes usar uma ideia de outra pessoa é uma forma de homenagear o que a humanidade produziu. Irei dedicar a peça à memória dessa dama da dança contemporânea. Mas o senhor usou uma ideia que não é sua, diria alguma voz acusatória. Ainda bem, diria eu. Se eu me limitasse exclusivamente ao consumo das minhas ideias, e não pensasse que tudo evolui de maneira articulada; que o pensamento é um movimento mental de muitas mentes de diferentes eras e lugares, faria um trabalho muito medíocre e pretensioso. Prossegui no desenho, indicando dimensões, e detalhando tudo o que era possível demarcar para que a fundição entendesse do que se tratava. Resolvi fazer um modelo 75% menor, xilografando uma peça de pau-marfim. Indiquei que o caule da árvore deveria ter pelo menos quatro vezes o comprimento do restante da peça, que apresentaria uma figura humana alongada, ligada à natureza *stricto sensu*, ativa como um olmo de cinquenta anos. Desistira portanto do busto e optara por uma mulher de corpo inteiro, magra, alta, mas de formas generosas. Liguei para Inácio, explicando o projeto. Ele se comprometeu a vir até o meu atelier no dia seguinte. Eu achei ótimo. Recomendou que eu esquecesse a xilogravura. Era um passo totalmente desnecessário. Marcamos nosso encontro em minha casa, antes do almoço. Ele me sugerira,

ainda, que pensasse em um corpo formado por placas de ferro soldadas como um robô mal construído, e que ganharia vida com a relação que conseguiria estabelecer com a natureza, no caso a árvore. Faria mais sentido do que a bela mulher esguia. Achei a ideia excelente e arguta. Acabo sendo devedor de duas pessoas: de Inácio e de Pina. Na arte, quem não deve não avança. O ensino da tradição é constante. O conhecimento dos pares é algo absolutamente necessário para a evolução do artista. Depois que falei com ele, rasguei meu esboço e recomecei. O propósito passou a ser contrastar para evidenciar, precisava de um corpo inarticulado e de uma ligação com o mundo natural que sopraria vida a esse corpo.

Voltei à prancheta e recomecei a desenhar o corpo feminino. Queria a cabeça com as mesmas tachas de fixação do resto do corpo, como violências siderúrgicas, se assim posso me expressar; seriam tachas feitas sem muito apuro, peças brutas para dar a impressão de sofrimento, de submissão, mas de alguma maneira eu tinha que encontrar um movimento que se assemelhasse ao de cabelos humanos. Esse era um problema considerável.

Finalmente decidi alterar grande parte da ideia inicial. Até a altura do pescoço, ou um pouco abaixo dele, seria um corpo belo e de formas um pouco menos do que opulentas. Para cima, como uma armadura, adotaria a forma sugerida por Inácio, em que ficavam indistintos os traços do rosto, como se fosse uma máscara de ferro através da qual se poderia adivinhar sob o entrecruzamento de barretes tacheados, a existência de alguém praticamente aprisionado. Esse alguém teria um rosto como o dos humanos. Voltei a pensar na pele sintética. Enviei uma mensagem eletrônica para um

professor de arte, ex-colega, Walter Anderson. A ideia da árvore permaneceria como inicialmente planejada. Liguei para Inácio e contei-lhe tudo isso. Ele disse pouca coisa, mas aparentemente gostou do projeto. Quanto aos cabelos, a dúvida persistia sem solução. Por essa razão, expliquei ao Inácio que iríamos nos reunir talvez no próximo mês, quando então eu estaria com todas as decisões tomadas no que dizia respeito a essa escultura. Nosso encontro de hoje estava portanto cancelado, até lá. Abraços enviados, agradecimentos.

Imeditamente desloquei-me até o escritório e decidi folhear um livro de botânica para começar a encaminhar uma solução plástica para a árvore plantada na cabeça enjaulada da mulher de ferro. Ao cabo de duas horas de pesquisa marquei com um pedaço de papel quatro alternativas que me pareceram interessantes. Claro está que o fato de eu haver mencionado ao Inácio que almejava uma figura humana, ou com formas humanas, já não me lembro bem, ativa como um olmo não queria absolutamente dizer que a cabeça de ferro seria um vaso para uma árvore tão pesada quanto essa. Teria mesmo que ter outra feição. Larguei o livro sobre a escrivaninha. Não queria que a árvore fosse de pronto reconhecida. O que importava era atrair o olhar das pessoas para o todo e só conseguiria isso se não oferecesse ao espectador a possibilidade de se tornar um curioso botânico, que é como me sentia agora. O impacto deveria ser primitivo, imediato, inconsútil e depois multifacetário. Caso contrário não fazia sentido esculpir coisa alguma.

Algumas horas depois o projeto de Adamastor evoluíra

um pouco mais, de tal sorte que o formato da cabeça fora modificado; seria maior e o crânio bem mais alto, como se a árvore que brotara do cérebro estivesse acamada em uma razoável quantidade de terra ao redor de seu caule. Por todos os lados da cabeça, cabelos feitos de arame pintados em princípio de amarelo sugeririam uma vasta cabeleira ondulada loira, entrelaçada com raízes a floradas da própria árvore, feitas por seu turno também de um apanhado de arame de fino calibre, ou algo semelhante a palha, ou, melhor ainda, feito de aparas também muito finas, fruto do aplainamento de peças industriais usinadas e pintadas da cor da terra.

Voltou ao atelier e desenhou seu projeto grosseiramente, inserindo nele as novas possibilidades aventadas. Adamastor sentia finalmente que a concepção da mulher-árvore começava a caminhar na direção certa.

Mas o rosto seria efetivamente muito semelhante ao de toda gente, e responderia ao toque. Entretanto o pintor tinha que se preparar para o jantar. Logo os amigos estariam batendo à porta.

Nem bem terminara de se vestir, tocou o telefone. Adamastor atendeu. Era Calisto.

-- Imaginava que me ligaria.

-- Eu sei que meu pai vai jantar aí e encher os seus ouvidos.

-- Não tenho medo de guerra psicológica, Calisto.

Adamastor acomodou-se em uma poltrona do quarto.

-- E você, já decidiu se vai viver ou cozinhar?

-- Tio, não brinque, ainda não sei como responder a essa pressão de meu pai.

-- Se não sabe o que pretende fazer, seja claro. Por favor

não se preocupe com minha conversa com ele. Não sou um sujeito de duas caras. A única coisa que espero que aconteça em seu futuro é que consiga ser feliz e se realizar em alguma coisa de que goste. A vida já é muito difícil para ser vivida, sofrer só para se manter vivo torna tudo ainda mais insuportável.

-- Está bem, tio.

-- Se eu tiver notícias que interessem a você, telefono amanhã para o restaurante, por volta do almoço. Se seu pai estiver lá, paciência.

-- Eu espero.

Adamastor e Calisto desligaram o telefone. Acidália bateu à porta do quarto.

-- Acidália, entre por favor.

-- Fiz para o coquetel antes do jantar um patê temperado com ervas. Quer provar?

-- Tenho certeza de que deve estar perfeito, disse Adamastor.

-- Mais ou menos. Não sei se vai apreciar. Minha receita é diferente da sua.

-- Como assim?

-- A minha tem além do pato e do fígado de galinha, carne de porco e paio, e ainda algumas ervas aromáticas.

-- Estou curioso. Agora por favor deixe-me pensar um pouco. Eu desço já. E o braço?

-- Já estive melhor, mas deu para fazer o jantar.

-- Seu marido vai me matar.

-- Armando, sempre tão calmo, tão irritantemente calmo, queria hoje matar a mim. Meu marido conhece você muito bem. Sabe que jamais pediria para que eu fizesse esse jantar.

-- Ainda bem. Armando é uma figura e tanto. Quer dizer que vai dormir aqui, hoje?

-- Sim, meu quarto está em ordem, talvez com um pouco de cheiro de mofo, mas hoje abri as janelas.

-- Até já, Acidália, preciso organizar algumas ideias. Obrigado por tudo.

Acidália saiu, fechando a porta do quarto de Adamastor. Há muitos anos a relação entre eles era fraternal. Sua governanta no final das contas já não era a típica funcionária da casa, praticamente desde que Genciana falecera. Todos os conhecidos íntimos de Adamastor a tratavam como uma pessoa da família. Só não a beijavam porque ela não gostava dessas coisas. Um metro era uma boa distância a ser mantida entre ela e os humanos em geral, salvo os de sua família e, claro, exceto quando servia à francesa.

Adamastor voltou ao escritório e Walter lhe mandara uma mensagem eletrônica, disponibilizando uma série de alternativas. Adamastor percebeu que a proposta poderia ser viabilizada mais facilmente. A pele sintética era confiável. Decidiu que iria fazer uso dela em dois trabalhos, no da mulher-árvore e no da mulher em busca de se libertar da pedra. Precisava, contudo, agir rapidamente para alcançar esse propósito.

Capítulo 18

Jantar com Anselmo e Marchezi

No início da noite fiquei sabendo que Anselmo telefonara para Acidália e dissera que traria os vinhos apropriados; conversa que não diria amena, mas tolerável, em que ela não deixou de acusar o convidado de ser um tanto metido e pernóstico, uma vez que a adega da casa estava como sempre bem fornida. De qualquer modo, após muitas farpas, acertaram-se.

Em suma, minha governanta-cozinheira-faz-de-tudo e um de meus convidados sabiam o que iríamos jantar, mas eu não. O certo é que vinha um patê acidaliano, com toques franceses, portugueses e italianos. O resto era uma incógnita. Dei de ombros, lavei as mãos. Que viessem o cardápio de Acidália e os vinhos de Anselmo.

O primeiro a chegar foi Marchezi. Trazia um caderno de notas, uma amostra do vidro que poderia produzir, para que Adamastor examinasse a curvatura da redoma que seria aplicada sobre o ventre da escultura. Tinha-se a impressão ao vê-lo com todos aqueles paramentos do ofício que viera para uma reunião de trabalho. Adamastor olhou para o conjunto homem-coisas e primeiramente torceu o nariz, depois abraçou o amigo. Subiram as escadas e foram para o atelier. Marchezi ficou em silêncio compenetrado, como alguém que adentra um templo. Adamastor disse-lhe para se servir. Havia um carrinho de chá a um canto. Marchezi serviu-se de um Porto e sentou-se no canapé. Ao sentar-se, bebericou um tanto e disse que gostava de tudo o que via ao redor. Adamastor disse que se sentia aliviado pela avaliação e que agradecia o estímulo, depois ambos riram e se abraçaram novamente. Acidália entra e pergunta se querem um patezinhos no atelier. Adamastor disse que prefere começar tudo no escritório. Todos saem do atelier.

A campainha toca, é Anselmo, que sobe vagarosamente as escadas, abraçado a uma caixa com os seus vinhos. Marchezi indaga quase sussurrando se Anselmo entende dessas coisas de arte. Adamastor responde simplesmente que Anselmo é o homem mais eclético que existe e um de seus maiores amigos. Além disso, não sabia dizer nada sobre o conhecimento dele acerca da arte, assim como, da mesma forma, nada o assegurava onde se encontravam os limites de seu próprio conhecimento sobre a dita matéria. Marchezi riu como quem se arrepende de haver formulado a pergunta.

Cumprimentos efusivos.

A caixa de bebidas avança para a cozinha como um exército prussiano decidido, e passa dos braços de Anselmo

para a mesa da copa de Acidália.

-- E você? indaga Anselmo, dirigindo-se a mim.

-- Sólido como uma lava descendo do vulcão sob a fúria do calor do centro da terra.

-- Ao menos a comida será quente, interfere Marchezi.

Sentam-se os três por fim nas poltronas do escritório, o patê é atacado sem cerimônia. Adamastor gosta dessa disposição para a vida, e comer é uma delas.

Marchezi ainda tem as suas amostras, quer discutir o assunto. Anselmo e Adamastor dobram o espinhaço sobre as amostras de redoma, como se conferissem a saúde de um paciente preocupante.

Adamastor afirma que parece bem a mais grossa, Anselmo indaga sobre o significado disso tudo. Adamastor pede que Anselmo cale a boca e sirva alguma coisa do bar aos amigos. Anselmo sempre se diverte com isso. Adamastor reitera que a espessura da redoma parece excelente, a curvatura idem. Quer saber sobre os laivos de sangue, Marchesi traz algumas sugestões. Enquanto isso, Anselmo vai até a cozinha, pega na cintura de Acidália, que placidamente informa que tem uma faca afiada nas mãos. Anselmo salta para trás até encontrar uma distância segura, enquanto isso, Marchezi continua elocubrando sugestões. No final de contas sabe que os dois concluirão o trabalho juntos, como sempre foi, e em vista disso o artesão vidraceiro se sente visceralmente engajado nos projetos de Adamastor, talvez seja isso o que as pessoas chamam de franca cumplicidade.

Anselmo está de volta, um tanto lívido, ainda, mas os outros dois homens não percebem.

-- Posso interromper? ele indaga.

-- Sim, claro, Anselmo, diz Adamastor com a anuência

de Marchezi. O que lhe aconteceu para fazer essa cara?

-- É que quase fui esfaqueado pela Acidália.

-- O que houve? Ela costumava acertar o alvo, diz Adamastor.

-- Eu apenas peguei na cintura de sua governanta.

-- Pois fez mal. Procure se comportar, pois o marido dela é muito zeloso. Onde estão as bebidas que pedi, Anselmo? Indaga Adamastor.

-- Já vem, mas antes quero falar sobre o Calisto.

-- Meu Deus, Anselmo. Deixe seu filho escolher o que fazer a partir de sua vocação. Será que não entendeu ainda que ele não sabe o quer da vida? E que ele não nasceu na cozinha do seu restaurante? Ele tem o direito de escolher. Dê tempo ao tempo.

Logo em seguida, Adamastor acrescentou:

-- Parece que você não acredita nenhum instante no princípio da autodeterminação dos povos, não é?

-- E o que isso tem a ver com meu filho?

-- Ora, Anselmo, você se comporta no plano de sua vida privada da mesma maneira que os defensores da razão instrumental o fizeram, ao promover aquelas teses que justificavam o cerceamento da liberdade nos países do Leste da Europa, em nome de um objetivo amplo, que era a ascensão ao poder da classe trabalhadora, etc., etc.

-- Já bebi demais para ouvir isso.

-- Não, espere. Melhor, leia Horkheimer. Escola de Frankfurt. Você que é tão culto e refinado sabe bem do que estou falando. Ele foi ferrenho crítico das teses totalitaristas. Defendeu como princípio basilar a razão emancipatória, que é aquela que é instrumento de libertação da pessoa humana, mas que não deixa de lado a manutenção de uma finalidade

para o exercício da razão. Esse é o ponto. Libertação, mas sem prejuízo dos grandes objetivos. Não é uma alienação, não se engane. É uma apropriação maior da vida, um alargamento, uma intensificação necessária.

-- Não quero saber, sou positivista, prefiro Popper, detesto as contradições.

-- Por isso mesmo. Mas não brinque com essas coisas. O que estou querendo lhe dizer é muito sério e não pode mais esperar.

Adamastor apontou o indicador na direção do nariz de Anselmo.

-- O que você está querendo fazer é roubar de seu filho o direito de escolha, em nome de um ideal *a priori*. Você pensa realmente que o seu restaurante é um bem tão inestimável que a humanidade não pode viver sem ele. E que seu filho, como seu herdeiro natural, vocacionado ou não, deve pegar o bastão, entenda-se como enfiar na cabeça o chapéu de chefe de cozinha, e seguir no seu lugar, até o momento de o transferir para o filho que um dia venha a gerar com alguma mulher com quem talvez queira viver e construir uma família? Então você é um adepto do totalitarismo, não percebeu?

O pintor estapeou sua perna.

-- Isso tudo é uma crueldade, uma condenação à mesmice, Anselmo, como é possível que não entenda isso? E digo mais: você o está também condenando pela morte de sua mulher, pois o está sentenciando a corrigir através da vida dele os descaminhos da sua, que, no que diz respeito a muitas coisas, não tem mais arremedo. Você é viúvo, Gabriela morreu, meu amigo.

-- Isto está ficando muito pesado, interrompeu Marchezi. – Se quiserem, matem-se depois, mas agora vamos beber

e comer.

-- Vou servir as bebidas, diz Anselmo derreado, e sai da sala.

Marchezi quer mudar o rumo da conversa. Indaga se a governanta cuida sozinha daquela casa imensa.

Adamastor procura controlar seus ânimos. Recosta-se na poltrona, olha para o convidado, modula o tom de sua voz e lentamente responde, explicando que alguns quartos ficavam fechados a maior parte do tempo, como o que pertenceira a seus pais. A casa é muito grande para nós. Temos que ser práticos.

-- Há uma jovem auxiliar que vem duas vezes por semana, para cuidar da limpeza mais pesada, que inclui inclusive o quarto que fora de Acidália, quando não era casada, o meu quarto, os banheiros, o escritório, a sala de jantar, normalmente fechada, também, exceto o atelier, que a própria Acidália cuida por decisão própria.

-- É uma vida confortável.

-- Em certo sentido é também um ônus. Até hoje não me desfiz da mobília de meus pais. Talvez eu preferisse morar em um apartamento e ter um atelier em outro lugar, isolado. Mas não me sinto em condições de parar para fazer isso.

-- O vernissage?

-- Sim, é claro, pintar é atividade constante. Esculpir é mais eventual, como digo sempre, mas toma um tempo considerável, como conhece muito bem. Mas há muita coisa ocorrendo ao redor da preparação de um vernissage, coisas que nada têm de prazerosas, como você também sabe. Não posso permitir a dissipação. Empenho-me porque o trabalho e as leituras são hoje em dia, e desde muitos anos, o centro de minha existência. Vivo para o espírito, mas necessito do

corpo para me transportar e transformar minha energia em outra coisa, em uma tela, por exemplo, e as exposições se sucedem; há a imprensa, o marchand, diversos serviços associados ao meu trabalho.

Nesse exato momento os claros olhos de Karen surgiram em sua mente e Adamastor sorriu, sem que Marchezi percebesse.

-- Você sempre soube que por baixo desse aparente conforto, eu sempre me vi obrigado a esgrimir sem descanso, para poder alcançar meus objetivos.

-- Sim, sempre soube. Não posso negar que me agrada muito testemunhar que seu empenho é o mesmo de anos atrás, e que sempre busca fazer o melhor.

-- Provavelmente sim, Marchezi, e ouvir isso de você é uma grande injeção de ânimo e de confiança.

Anselmo volta com um coquetel que aprecia e que é forte o suficiente para que os comensais se sintam logo à vontade.

-- Será que você pode uma vez na vida concordar comigo acerca do Calisto? indaga Adamastor.

-- Nessa história toda tem uma mão sua, atraindo seu sobrinho posição para a arte, acusa Anselmo.

-- Outra vez? pergunta Adamastor, decepcionado. É claro que não, seria um ato de covardia. Com todos os meus defeitos, não creio que fosse capaz de fazer tal coisa apenas para satisfazer meu anseio de produzir seguidores. Acho que já disse isso uma vez e não quero repetir mais. Vamos beber, caramba! e deixe seu filho em paz. Ele é um grande sujeito. Ele tem o que já não temos: tempo para escolher como viver.

-- Pronto, não se fala mais nisso, prometeu Anselmo.

-- Ótimo.

-- Gostaria após o jantar de voltar ao atelier com mais calma, diz ele.

-- Claro, iremos todos. Só queria saber qual vai ser o jantar, afinal, diz Adamastor.

Anselmo buscou resumir a conversa que tivera com Acidália. Em suma, relatou ele, além do patê, teremos coelho cozido no vinho, acompanhado de *beignets* feitos a partir de uma combinação de cenouras, alho-poró e batatas; todos esses ingredientes pré-cozidos rapidamente. Depois queijos, e como sobremesa frutas de época e alguma coisa que ele não se lembrava mais.

-- Vou chamar Acidália e perguntar, diz Adamastor.

-- Não precisa, lembrei-me: será uma torta francesa de maçãs verdes. É só. Aquela que se faz invertida, a *tarte tatin*, você conhece. Banal, mas saborosa, confere um tom familiar ao jantar.

-- É claro que conheço, respondeu Adamastor. Sirvam-se de mais patê. Em seguida colocou os pães mais ao alcance dos convidados. Todos obedeceram sem refutar.

-- Teremos que andar milhares de quilômetros para perder tantas calorias, diz Marchezi depois de uma risada de felicidade gastronômica, se é que é possível adjetivar uma risada desse modo.

Os comensais pararam de conversar e atacaram o patê.

-- O segredo é comer vagarosamente e pouco, diz Adamastor com um dedo professoral apontado para o alto.

-- Ora, esse estágio já foi superado. Comemos meio quilo de patê e diversas fatias de pão, brada Marchezi com a volúpia dos deuses arrogantes. Em seguida, não se conteve: tinha na garganta, ainda, travado, um resto da risada anterior

a lançar ao mundo contemporâneo, o que fez em seguida com estardalhaço maior.

Repentinamente os ânimos acalmaram-se, acamados sob as quentes e silenciosas forças do coquetel de Anselmo.

-- Afinal, o que foi que enfiou nessa bebida? Indaga Marchezi.

-- Nada que possa fazer mal. Mas bem não fará.

Ele também tinha direito a rir. Eram enfim três adultos procurando esquecer que a vida se faz de experiências fracassadas, mais do que de sucessos fáceis e mentirosos.

Adamastor lembrou-se da infância, e contou aos amigos acerca do dia em que foi com seus pais visitar uma casa de campo e uma viga, na verdade uma mão-francesa, caíra logo depois que ele -- que tinha apenas nove anos --, estava atravessando a sala a um chamado de seus pais para conhecer a vista de um terraço; no entanto, safou-se só em parte, pois a peça de madeira depois de chocar-se contra o piso resvalou em seus ombros. Ficou uma semana no hospital e faltou às aulas por quase um mês. Ainda hoje sente certa retração muscular ao tentar fazer movimentos amplos com os braços.

-- Logo vi que os problemas de seus quadros tinham uma origem, disse Anselmo, buscando amenizar o clima que rapidamente ficou cinzento.

-- E têm mesmo. Fui contaminado pela pintura abstrata, ou quase. O campo, os espaços vazios, passaram a me incomodar. Tinha receio de passar por baixo de andaimes e viadutos. Hoje, confesso que ainda tenho, lembro-me desse acontecimento singular quando a temperatura cai muito e subitamente. Aí sinto dores e penso que estou ainda convalescendo. Aliás, sempre convalescemos do que vivemos e

mais ainda do que não chegamos a experimentar.

-- É de sabor muito existencialista para o meu gosto, disse Marchezi.

-- Pense o que quiser, mas no existencialismo somos colocados frente a frente com nossa subjetividade extrema, o que pode resultar em uma conquista espiritual ou em uma angústia sem fim, defendeu Adamastor, ainda se recordando do choque da peça de madeira contra seus ombros. Em seguida pensou consigo mesmo: se batesse em minha cabeça, não estaria aqui.

-- Depois daquele acontecimento na tal casa de campo, insistiu Adamastor, passei a me considerar um sujeito de sorte, embora minha história de vida talvez não possa confirmar isso. Aliás, temos muito em comum. Você, Anselmo, perdeu Gabriela um mês depois de Calisto nascer; você, Marchezi, Samara, a mulher que você chama de vagabunda, mas que um dia, tenho certeza, amou, mas que o abandonou; pôs os pés no mundo, enfim. Eu perdi a minha Celena por causa de um infarto do miocárdio. Somos os três viúvos, cada um a seu modo.

Adamastor voltou outra vez a falar do acidente que quase o matara. Hoje, diz ele, era uma coisa folclórica, uma história que, se não chegava a ser de salão, era algo facilmente palatável em situações como aquela, em que pessoas com intimidade se encontravam. De repente, Adamastor ri.

-- Do que está rindo? indaga Anselmo.

-- Da sorte, da minha sorte, por ter escapado por centímetros de meus pais presenciarem meus miolos escorrendo como vieiras frescas pelo soalho daquela casa.

Ainda Anselmo:

-- Puxa, tudo isso logo antes do jantar? O que você tem,

Adamastor, não consegue mudar de assunto? Gostaria de voltar a discutir sobre a minha teoria empírico-humanista?

-- O que é isso? interpela Marchezi com um meio-sorriso esboçado no rosto.

-- São elocubrações etílicas de um pensador caseiro, respondeu Adamastor, abanando as mãos como se apagasse garatujas de uma lousa.

Acidália entrou no escritório nesse momento, vestida a caráter. Com o braço enfaixado e a vestimenta de serviço de gala parecia um pinguim retornando depois de uma guerra polar, para o seio de sua família.

-- O jantar estará sendo servido em minutos, disse ela em tom quase solene.

Adamastor mediu discretamente a governanta e pensou consigo mesmo que ela era uma criatura por vezes estranha, mas de qualquer modo achou surpreendente sua disposição de se vestir daquele modo. De onde ela teria copiado aquela disciplina quase militar, que praticava quando previa que seria observada? Tinha no fim das contas uma boa estratégia de defesa, concluiu ele.

Adamastor suspendeu o fluxo de seu pensamento e se levantou, convocando os amigos:

-- Vamos todos para a sala de jantar, mas deixem seus coquetéis sobre aquela bandeja, caso contrário, não poderemos mais fingir que estamos sóbrios.

Sentaram-se à mesa, a melhor louça e a mais refinada prataria estavam sobre a melhor toalha. Tudo iluminado por dois candelabros com quatro velas amarelas, cada um.

-- Que festa! Disse Anselmo com aquela mania peculiar

de elevar a voz por quase nada.

-- Está bonito, concordou Marchezi.

-- Acho que o dono da casa vai nos pedir dinheiro emprestado, disse Anselmo.

-- Sirva-me o vinho, meu caro, você é o *sommelier* da hora, falou Adamastor, fingindo que não ouviu a piada.

No curso do jantar, entre elogios à mão de Acidália, congratulações pela escolha dos vinhos de Anselmo, que sem nenhuma modéstia concordou, Adamastor foi solicitado a falar sobre sua aversão a instalações. Adamastor frisando com a voz quase trêmula e a ponta do garfo apontada em riste para o espaço reiterou que essa questão fora feita a ele no mínimo uma centena de vezes e que ele não se via na obrigação de seguir o rebanho e fazer o que todo mundo estava fazendo. Uma instalação é efêmera, transforma o espectador em objeto de manipulação, sob o disfarce de que ele é um participante efetivo da obra; como se ele próprio fosse um artista, um co-autor. Depois, a exposição termina e aquela quinquilharia toda vai para o lixo, que é o lugar de onde, com raras exceções, não deveria ter saído.

-- Além disso, minha atração por parques de diversão acabou quando aos quinze anos entrei em um brinquedo semelhante a uma montanha russa, que nos atirava de um lado a outro e me dei conta de que a menina desconhecida, com sete ou oito anos de idade, que calhou sentar-se ao meu lado, tivera menos medo que eu. Quando aquilo terminou, ela foi saltitante ao encontro dos pais, que não saltitavam, mas sorriam, como se agradecessem a amabilidade da máquina em chacoalhar sua filha de um lado para o outro, nu-

ma agitação mefistofélica. Enquanto isso, eu saía da experiência com as pernas trêmulas, um enjôo súbito e procurando não mostrar que tivera medo, embora minha vontade fosse a de me atirar ao chão e abraçar a terra do parquinho como se fosse a saia de minha mãe. Talvez seja outra vez o medo da mão-francesa caindo sobre meus ombros, talvez eu tenha estômago fraco, talvez a menina do parque seja na verdade um robô humano, construído com tal perfeição que todos imaginariam que era um ser humano como todo ser humano pode ser quando controla seus nervos, o que injetaria coragem aos visitantes e vontade de desembolsar dinheiro e pagar a viagem ao fundo do inferno.

-- Essa história vai longe demais, disse Marchezi, passe-me a travessa do coelho, por gentileza, Adamastor.

-- Quer mais alguns *beignets*? perguntou o anfitrião.

-- Um só, para fazer companhia à carne.

-- E você, Anselmo, quer me passar seu prato?

-- Estou muito bem servido, não se preocupe. Vocês me darão licença, mas tenho que pescar mais umas garrafinhas de vinho na caixa.

-- Para essa tarefa, está liberado do cerimonial, respondeu Adamastor.

Quando chegaram os queijos, trazidos pelas mãos de Acidália, abriu-se um Margaux. Anselmo, quase sóbrio, insistiu para que não bebessem todo o tinto, pois mudariam de vinho quando chegasse a torta e não queria ver ninguém mais bêbado do que ele. Houve um silêncio concordante e a bandeja de queijos passou de mão em mão. Entra Acidália trazendo a torta e o serviço respectivo, depositando tudo so-

bre o aparador.

-- Posso me retirar? Indagou ela.

Adamastor disse que sim com a cabeça. Os convidados bateram palmas.

-- Pode deixar, Acidália, que nós tiramos os pratos em que foram servidos os queijos e a respectiva bandeja.

Acidália retirou-se e ao sair pensou que aqueles três iriam beber até morrer. Cada um faz o que quer, se puder fazer e arcar com as consequências.

Ao chegar a seu quarto, arrancou a vestimenta de cerimônia e foi deitar-se. Não podia estar mais fatigada do que estava naquele momento. Mas se sentia de certo modo feliz. Fizera um belo jantar, tudo saíra bem. Deitou-se e ao se deitar pensou em seu marido. Teve vontade de se vestir novamente e ir para sua casa, mas já era madrugada, não convinha, e assim fechou os olhos, resguardada em toda a sua dignidade de qualquer espírito maldoso da noite.

Os comensais conseguiram comer duas fatias de *tarte tatin*, cada um, o que parecia um assombro da natureza e ainda beberam um champagne, embora Marchezi ficasse inclinado a tomar um Sauternes, que estava em um balde de prata, mas depois, orientado por seu espírito lógico, achou que não devia abrir uma garrafa para tomar apenas uma taça; assim resistiu e tomou champagne também.

Em seguida foram até o atelier; foram do modo que já se previa, encostando-se nas paredes, apoiando-se nos corrimões e móveis.

-- Ao entrarem, mexam-se o mínimo possível, advertiu Adamastor.

-- Você disse que se tornou um pintor abstrato, mas só vejo telas com mulheres, ou serão outra coisa? Indagou Anselmo.

-- É você o espírito analítico que deduz o que quer que seja a partir do espaço pintado. A tela se mostra, você se relaciona com ela. Se fosse um prato com um ananás não me perguntaria se aquilo seria 'outra coisa', respondeu Adamastor. É claro que já fiz retratos quando tinha lá meus vinte anos, e tentei pintar objetos que realmente existiram ou ainda existem nesta casa, mas ser abstrato é uma atitude do espírito e da mente. Eu estou convicto de que ofereço muito mais ao espectador agora, com minhas telas, do que faria se apenas tentasse reproduzir o mundo.

-- Não gosta dos impressionistas? pergunta Marchezi.

-- Eles me ensinaram quase tudo o que sei. Eu os adoro, não é possível que você jamais tenha ouvido isso de mim. Sempre desejei ter o domínio das cores do Monet, sua capacidade extraordinária de nos fazer acreditar que sua tela mostra-nos um jardim, uma ponte. Entretanto, quando nos aproximamos, notamos apenas que ali ele pintou movimento, contraste, profundidade, luz e cor. Existe apenas, talvez, a ideia, a representação mental, ou nem mesmo isso.

-- Palmas para o nosso Adamastor, disse Anselmo, que não pode deixar de associar mentalmente o comentário que acabara de ouvir, com suas considerações sobre o discurso literário, feitas no restaurante tailandês. A combinação de pinceladas que não eram a folhagem, da tela, como observara Adamastor, corresponderiam no plano do discurso à função da palavra como negadora da realidade que em princípio nomeia, tendo em vista que ela é apenas propiciadora do surgimento da ideia. Ambas, palavras e pinceladas sobre a

tela exprimiriam algo muito próprio e distinto da realidade.

-- O que faz você aí, estático, com a boca meio aberta, Anselmo?

-- Oh, sim, estava justamente pensando em certos paralelismos entre a arte pictórica e a literatura, algo que tem a ver com nossa conversa ao jantar no outro dia; conversa entre nós, Adamastor e eu, bem entendido.

-- Ora, eu estava muito bêbado, Anselmo. Entretanto me recordo de haver elogiado suas considerações.

-- Evidentemente não sei do que se trata, disse Marchezi. Mas não importa, um dia ficarei sabendo, ou não.

-- Acho que não seria muito oportuno entrar nesse assunto, agora, Marchezi. Nem sei se temos muito mais o que falar sobre isso, advertiu Anselmo, gesticulando evasivamente.

Em seguida, os comensais, monitorados pelo pintor, fizeram uma visita etílica guiada e cautelosa pelo atelier.

Adamastor tirou da pinacoteca algumas telas que ainda ninguém vira, fazendo-as deslizar pelos trilhos que ele mandou fazer. Chegava a ser engenhoso.

-- Essa beleza já faz parte da sua exposição, então? indaga Anselmo.

-- Claro, você já tinha visto alguma coisa quando estive aqui na última vez, creio eu. É que agora está vendo tudo sob a ótica do vinho. Por falar em bebida, acho que merecemos um café. Anselmo, você pode fazer um café italiano?

-- Ora, que pergunta idiota!

Todos foram para a cozinha e se sentaram na grande mesa da copa. Beberam o café e Marchezi ainda se serviu de um licor de tangerina. Anselmo e Adamastor nada beberam,

mas repetiram o café.

Findo o jantar. Abraços de despedida, algumas palavras vagas, agradecimentos, ademanos ao pé da escada.

Antes porém de se despedir de Anselmo, Adamastor o reteve por um instante.

-- Quero que nunca se esqueça de que não tem qualquer culpa ou responsabilidade pelo falecimento de Gabriela. Como marido, foi exemplar, sempre. Eu o admiro também por isso. Até amanhã.

Anselmo nada disse, desceu as escadas apressadamente para alcançar Marchezi.

Capítulo 19

Os eventos noturnos da casa

Uma parte do ruído de vozes alternantes foi-se disciplinadamente no encalço dos dois convidados que davam seus primeiros passos na calçada, dirigindo-se para seus carros. O mundo se tornaria mais perigoso a partir daquele instante, com cada um dos comensais ao volante. Contudo uma parte menor dos ruídos acompanhou os pés de Adamastor subindo as escadas, e se ele não estivesse tão cansado e desatento seria capaz de ouvir já à altura do penúltimo degrau um ronco compassado mas discreto, produzido por sua cansada governanta.

Ao passar novamente pela cozinha serviu-se de água e se sentou na cadeira da cabeceira esquerda da mesa da copa, olhou demoradamente ao redor e teve a impressão de haver ouvido vozes, não as daqueles que acabaram de partir, mas outras, dos que há vários anos se foram e habitaram aquela casa. Claro que só poderia ser influência da bebida, ou do

cansaço, mas a impressão perdurava e Adamastor procurou não se mexer e não fazer qualquer barulho para se certificar de que não estava tendo um sonho; de que estava realmente na cozinha e seu pai falava qualquer coisa com sua mãe e tinha que ver com a escolha da louça do jantar que acabara há pouco, e que era a preferida dela. Ferdi, dizia ela, para um jantar tão simples não deveriam usar a nossa louça. Ferdi respondeu o seguinte: meu bem, não temos nada, o que tivemos é de nosso filho, que faz o que bem entende; e ele é tão gentil, mantendo nosso quarto como se ainda o ocupássemos. Ela concordou, mas aí começou a falar da toalha, que ficara manchada de vinho. Ferdi disse com muita paciência que ele tinha certeza de que Acidália tiraria as manchas, quaisquer que fossem sua origem, pois era muito sabida nessas coisas. Adamastor ainda pronunciou desacorçoado: “Pai”. Mas o casal silenciou como se desse conta de que estava incomodando seu único filho, que precisava repousar, depois de tudo o que fizera naquele longo dia e naquela longa noite.

Entretanto, talvez porque almas fora do lugar em que devem estar não lidam bem com a memória recente, nem com os vivos, os pais de Adamastor continuaram a conversar. O pai dizia que se sentia feliz por ver o filho fazendo bem o que gosta de fazer e vivendo desse trabalho; Genciana Martins concordou, mas disse que tinha outras expectativas para ele, que não se concretizaram. Queria que ele fosse médico, para curar as pessoas necessitadas, já lhe contei isso, Ferdi? Nunca. Muito bonito, retrucou o pai, mas eu tenho certeza de que a arte cura nosso espírito e nos oferece sensações que valem muito para as nossas mentes. Não se pode confundir o que nosso filho faz com o que eu fazia. Eu

fazia servicinhos sob encomenda, talvez um pouco mais que isso. Adamastor é livre para fazer o que quer. Pode usar sua sensibilidade, sua racionalidade e suas emoções, porque eu o ajudei um pouco no começo do caminho. Dei a ele o pouco que tinha. Lembro-me de que quando jovem, não havia nenhum Fernando, escultor sob encomenda, para me mostrar o caminho certo. Aprendi sozinho. Até lajes de mármore de túmulos eu produzi sob medida, e não poderia nem calcular quantos Cristos crucificados eu construí de bronze e fixei sobre as lajes de mármore, às vezes deitado, às vezes de pé, às vezes pregado em uma cruz bem alta, às vezes em uma pequena assim, algumas com cobras, arabescos. Cheguei a desenhar capelas em terras particulares e coordenei uma equipe de pedreiros e carpinteiros. Pensa que eu gostava de fazer isso? Eu sei que não, disse ela, mas veja, estamos incomodando outra vez nosso filho. Temos que nos retirar. Não vê que ele precisa descansar? Sim, vamos.

Adamastor ficou atônito, eram seus pais falando de algum lugar no além, talvez suas almas morassem ali. Nem bem acabara de elaborar essas conjeturas, ouviu passos no corredor. Pelo sim pelo não, pegou o molho de chaves da casa e abriu o quarto que seus pais habitaram quando vivos. Desde a última vez em que aquela porta estivera aberta para que a faxineira tirasse o pó, alguma coisa mudara. É como se alguém tivesse dormido na cama e arrastado as poltroninhas inglesas mais para perto da janela, não sei, algo está diferente. Por que motivo mudariam as poltroninhas de lugar, se a veneziana da janela ficava quase sempre permanentemente fechada com cadeados, inclusive?

Saiu do quarto e ouviu sussurros vindos do cômodo. Reabriu a porta furtivamente. Não havia ninguém. Bateu a

porta e trancou-a. Acho que vou dormir, pensou, isso se o meu coração não saltar do meu peito e se atirar através da boca, para fora dali. Nesse caso, junto-me a eles, disse para si mesmo e imediatamente riu um riso nervoso por causa de tamanha impropriedade.

Decidiu deitar-se e tomar um comprimido para relaxar e conseguir dormir. Nem bem colou a cabeça sobre os travesseiros recomeçaram as vozes, ouvia Celena, também, que conversava com minha mãe, apenas não conseguia decifrar inteiramente do que falavam. Havia uma discussão em torno da mudança de comportamento com os novos tempos. Ela, Celena, achava que Adamastor estava se tornando um homem tenso, carregando consigo uma espécie de crise indecifrável. Adamastor não queria ouvir mais nada.

Descobriu que de certo modo não estava só, essas almas viviam ao redor dele, talvez pintassem com suas mãos, como saber ao certo? Mesmo a despeito de todo o amor que guardara no peito como se Celena estivesse viva, ela não estava; e, naquele momento, paradoxalmente, queria que ela se calasse, que seus pais silenciassem. Será que Acidália tinha ouvido em algum momento as almas da família conversando e se movimentando pela casa? Se tivesse acontecido algo semelhante a ela, Acidália sem dúvida alguma contaria, refletiu. Mas dela nunca ouvira nenhum comentário sobre essas coisas que acabaram de acontecer comigo, pensou ele. Adamastor fechou os olhos com força, como se estes tivessem vontade própria e quisessem se abrir para não perder a possibilidade de presenciar uma aparição. Colocou a ponta do lençol sobre a cabeça e em alguns instantes já ressonava. Na casa, discutia-se muito àquela hora, mas já não havia testemunhas em estado de alerta para registrar.

Se surgisse uma testemunha com sensibilidade peculiar, diria de olhos fechados que havia uma festa ali, e que as conversas trocadas abordavam assuntos que pareciam de um tempo que não era aquele, e de uma forma que não era a habitual nos dias de hoje, entretanto ninguém surgiu para ouvir por exemplo: vá meu filho, já devias ter comido, já é tarde, disse Genciana Martins Finkel. Leonardo, que prosperava como moveleiro, falava da mortandade na guerra em Espanha, que terminara há poucos anos; Siomara, prima de Genciana, retrucava que todas as guerras eram inaceitáveis, e o que está por trás delas é a ambição econômica. Fernando servia um vinho do Porto ao seu gerente de operações, seu Belisário Abante, que cuidava de tudo, desde buscar o bom mármore, até fechar um negócio. Desenhava e palpitava. Seus desenhos eram bons, seus palpites nem tanto. Ele vinha de pronunciar uma frase que se tornou, infelizmente, célebre entre os presentes: a guerra é um mal necessário, ou sou dizer com a voz plácida como se rezasse uma missa, o que causou interjeições aflitas e espasmos encolerizados entre os presentes. Na mesma noite, Belisário se retirou por instantes e ao regressar ao salão, alguém disse em alto e bom som: lá vem o mal necessário. Fernando divertia-se, e, claro está, divergia do funcionário nesses e em muitos outros assuntos, mas sabia separar as coisas. Na cozinha havia uma senhora volumosa e de bom gênio, que se chamava Hagnes, que por seu turno tinha junto a ela, chorando convulsivamente, com os roliços dedos agarrando a barra de sua saia, uma menina de nome Acidália, que já ficava de pé, e sabia fazer coisas que as crianças de sua idade nem sonhavam aprender. No salão seu Aristeu discutia com o irmão, o Aristides, que herdaram a falta de imaginação de seus pais.

Sempre discutiam, privadamente ou em público, e discordavam de tudo, sendo seguro de que nenhum dos dois estava mais certo do que o outro. Eram vendedores de túmulos e tinham um comércio de flores para enterros. Eram verdadeiros amigos de Fernando e em certa medida ajudaram-no a começar a prosperar, trazendo-lhe clientes e divulgando seu trabalho. O primeiro cartão social que Fernando viu com seu nome impresso fora presente dos irmãos birrões.

A casa era de hábitos modestos, e ninguém haveria de ouvir uma banda de músicos a serviço da festa. Isso era coisa de burgueses, mas havia música, talvez proveniente de um gramofone já muito usado e se ouvia uma fanfarra ou algo parecido; e se ouvia mal, primeiro porque vinha de um mundo que não era este, e teria feito uma viagem por caminhos os mais ínvios para aflorar na nossa época, depois porque chegava misturada a vozes; não apenas dessas pessoas, mas de mais meia dúzia delas que não são mencionadas aqui, ruídos esses acrescidos dos de cálices tilintando em brindes, mandíbulas mastigando algum repasto e facas e garfos em plena atividade, além do movimento cada vez mais agitado de pés e fólhos de vestidos até certo ponto aparatosos para aquela gente remediada. Mudaram o disco, alguns ensaiaram dançar, mas no final de contas, já se fazia tarde, mesmo para almas assim tão bem treinadas nas coisas da vida e descansadas -- já que nada tinham a fazer de produtivo no plano em que viviam. Nem tempo tinham mais para descartar. Tinham toda a eternidade à frente, embora há os que creiam que todos voltam um dia habitando outro corpo, com outro número de calçado e outras medidas de roupas, e outros trabalhos, outras cores de pele, em outros lugares diferentes do que anteriormente viveram e morreram, e

que de nada lembravam da vida pregressa. Esses que ali estavam recusavam-se ao que parece a partir, e reviviam o passado centenas de vezes e atravessavam paredes e portas. Então, como explicar a presença de Acidália junto da mãe, se Acidália estava viva? Talvez o sonho da governanta tivesse a capacidade de se instalar no passado mais remoto de sua vida, talvez essas almas, como a de Hagnes, fossem tão poderosas que com a força do pensamento eram capazes de recriar o mundo exatamente como era em seu tempo. O mesmo se diria acerca de Genciana, que falava com seu filho ainda pequeno, mandando-o comer. O fato é que tudo termina, e a festa também chegara ao fim. Logo os comensais produziam ruídos e faziam movimentos de quem se veste para sair ao relento. A música foi silenciada, e lá fora os pássaros, os pássaros de verdade, vivos, bem entendido, começavam a saudar a chegada do dia.

Capítulo 20
Laboratório clínico,
trabalho, muito trabalho,
no atelier e depois com Alphonse
e depois ainda com Karen

É Lara, tenho certeza, envolvendo meu pescoço, lambendo meu nariz como Celena gostava de fazer, deita-se sobre mim, e faz com que me sinta absolutamente necessário, e esse é o pacto fundamental entre dois corpos que querem se amar; sinto entretanto que meus braços estão adormecidos, insensíveis, como se não estivessem mais sob meu comando, como se tivessem sido amputados de mim, não sou mais pintor, sou uma efígie plasmada sobre a cama; também minha voz é muda, quero dizer a ela que insista nessa entrega e que o faça sem estabelecer limites, pois esse é o outro pacto fundamental entre dois corpos que desejam sorrir depois, mas não consigo pronunciar uma única sílaba. Lara aperta-me mais ainda, agora com sofreguidão e enleio, se é

que é possível combinar essas duas formas de o corpo exprimir o que mais almeja, mas assim é, e nesse momento outro pacto fundamental se estabelece, que é o da sabedoria da espera, da promessa de sempre querer mais; nesse instante um corpo se transforma em dois, e rolamos por sobre os travesseiros e tenho novamente braços, mesmo que sejam os seus, e tenho voz, mesmo que só ouça a sua voz. Ela me convoca irremediavelmente. Nosso prazer de sermos assim se multiplica em nós e nos leva até a ponta de uma nau que voa e desafia os elementos.

-- Lara!

-- Como é bom saber que tudo se repete em nós, ela responde.

O despertador toca, acordo em sobressalto, desligo-o e procuro recuperar aquelas emoções que estava partilhando com Lara, mas agora é o telefone que toca.

-- Pelo amor de Deus, alguém atenda a esse telefone. Tento gritar, mas onde foi parar minha voz? Emudeci novamente?

Pronto, estou em paz por mais alguns instantes, o mundo se imobiliza e só nossa nau, nossa nave, nosso balão, o que quer que seja, voa por cima de tudo. Mais alguns minutos, apenas mais alguns minutos, talvez meia horinha mais. Estamos suados e nosso suor cola nossos corpos, nossa pele é uma só pele. Somos parte de uma mesma árvore e novas folhas já brotam para a luz.

Do outro lado da porta, Acidália bate com os nós dos dedos na madeira.

-- Adamastor, hoje é dia de exames, de ir ao laboratório.

Ele acorda, mede o estranho espaço em que se encontra. Está deitado no chão, a cabeça sobre um travesseiro. Ergue-se como se tivesse sido pego em erro grave.

-- Já vou, Acidália, vou tomar um banho e me vestir. Sabe se o pedido médico ficou aí no aparador do corredor?

-- Não, estava no escritório, e agora está aqui na minha mão. Não esqueça de que tem coleta de urina.

Só falta ela querer me vestir, pensou ele, mas teve a delicadeza de não dizer.

Passados alguns minutos, Adamastor chamou Acidália.

-- Está aí, ainda?

Não houve resposta. Ele se vestiu com a rapidez que a ressaca permitia e abriu a porta do quarto. Acidália estava no final do corredor brandindo o papelinho do médico.

-- Vá logo, não se atrase.

-- E o braço?

-- Está pior do que ontem. Vamos, ande, homem.

Adamastor ganhou a rua, parou um táxi, e foi ao laboratório de análises clínicas. Sangue colhido, urina também. Foi informado que sua pressão estava alterada e que tivera sorte de ser atendido. A coleta já estava suspensa e ele fora o último dos últimos; e que o horário desse serviço terminara há mais de meia hora.

-- Abrimos uma exceção, mas por favor venha no horário para fazer sua coleta na próxima oportunidade. Ele buscou o mostrador do relógio e olhou compungido. Eram 10h10 da manhã.

-- Agradeço a gentileza.

-- Bom dia, Sr. Finkel, disse a senhora da recepção.

Adamastor saiu com um comprovante nas mãos, pegou outro táxi e foi para casa.

- Você conseguiu entrar ou teve que fazer xixi na rua?
- Na rua, na verdade em um poste de luz. Um guarda me chamou a atenção e pediu meus documentos.
- Como se saiu dessa?
- Disse que se não fizesse xixi naquele instante, minha pressão sanguínea me mataria, pois estava completamente fora de controle. Ele achou graça e me mandou sair dali.
- Pronto, chega. Vá comer, estou fazendo uns ovos mexidos com fatias de bacon, torradas, etc.
- Ótimo, estou esfomeado.

Na cozinha lembrou-se das vozes que ouvira na madrugada. Subiu para o atelier. Antes de organizar a paleta e os pincéis refletiu sobre o que estava ocorrendo com ele ultimamente. Era preciso rechaçar isso tudo, caso contrário sua vida seria prejudicada e, além dela, seu trabalho. Tinha que decisivamente avançar no projeto da exposição. Examinou seu acervo na pinacoteca. Tinha uma dúzia ou talvez um pouco mais do que isso de telas harmonizadas com o sentido global do vernissage, ademais, quatro ou cinco esculturas a caminho, o projeto com Marchezi, e com Inácio, a quem dissera recentemente que só iria se reunir com ele no próximo mês. Mudou de ideia. Era preciso avançar. Havia portanto, além das esculturas e telas, as águas-fortes, os desenhos e alguns esboços, que não estariam à venda, mas que sempre atraem certa atenção da crítica. Fez uma revisão de tudo isso até o almoço. Na parte da tarde, continuou. Agora desenhava o que pretendia transformar em água-forte. Mais

para o meio da tarde, decidiu produzir uma nova tríade, desta vez sem vedar os olhos. O tema não era distinto da primeira, mas a abordagem seria outra e trabalharia com menos cores. Esse trabalho seria um contraponto do que fizera antes, quando as cores fortes e os contrastes predominavam. Agora pintava em tons de cinza, aqui e ali despontando tons amarelos envelhecidos, quase castanhos. Pintou três telas em três distintos cavaletes, seguindo o princípio lógico do atrito da continuidade versus a descontinuidade, que era o mesmo da tríade que abrira esse caminho. Quase ficou satisfeito, mas retocou aqui e ali e articulou o conjunto com um traço ondulante que percorria da primeira à última tela, tal como anteriormente concebera, na cor por vezes preta, por vezes cinzenta, dependendo da necessidade de salientar esse traço, evitando assim que ele se perdesse em um fundo de cor igual. Acidália chamou-o para um café de fim de tarde. Ele recusou. Pegou o telefone e falou com Inácio, depois muito rapidamente com Marchezi, que estava ainda sofrendo com o excesso de bebida, mas que sabia corresponder perfeitamente quando o momento exigia. Ligou em seguida para Alphonse e o chamou para ver seu planejamento. Queria que ele viesse depois do jantar, por volta das 9h da noite. Alphonse disse que estaria lá nesse horário. Depois, foi até a copa. Sobre a mesa retangular, um recado de Acidália informando que não se sentira bem e que fora para casa. A comida estava sobre o fogão. Incontinenti ligou para a casa dela, Armando atendeu. Disse que ela talvez não pudesse vir no dia seguinte, mas Acidália pediu para informar que a faxineira iria bem cedo, e que estava com uma das chaves dela. Adamastor quis saber detalhes.

-- O braço, o senhor sabe. Ela tem se esforçado de ma-

neira a piorar sua recuperação.

-- Totalmente de acordo. Segure essa mulher junto de você. Aqui em casa, ela manda em mim e em tudo o que se mexer.

-- Sei disso, respondeu Armando, mas tenho que informar que a faxineira que virá não será a de sempre, que está de cama, com febre. Essa de amanhã chama-se Macária, uma moça que foi bem orientada por minha mulher.

-- Macária?

-- Saudações, meu amigo. Obrigado por tudo.

-- Sim, senhor.

-- E um abraço.

-- Outro para o senhor.

Ambos desligaram. Adamastor perdera o apetite depois que soubera do estado de Acidália. Apoiou os cotovelos sobre a mesa e sentiu uma súbita sonolência. Aí recordou-se de que tinha um compromisso com o seu marchand.

O que haveria de comer? Ergueu a tampa das panelas. Não queria nada daquilo, nem favas, nem batatas, nem frango. Olhou o que havia no forno e viu uma travessa de canelone de presunto. Decidiu acender o fogo e comer uma pequena porção. Sobre o balcão havia uma garrafa de vinho que ficara pela metade, resto de seu jantar do dia anterior. Despejou em um copo três dedos de vinho e bebeu. Serviu-se de canelone quando sentiu que já deveria estar quente. Comeu sem vontade, mas comeu. Em seguida foi para o escritório e se acomodou em uma poltrona. Minutos depois tocava a campainha.

Adamastor desceu as escadas para receber Alphonse.

-- Quer uma taça de vinho?

-- Não, obrigado, estou tentando controlar meu peso.

- Uma taça, apenas.
- Está bem, vamos a ela.

Adamastor serviu o marchand na copa, e foram ambos para o atelier. Em pouco mais de meia hora buscou resumir o que realizara e o que ainda pretendia realizar. Mostrou as telas que escolhera na pinacoteca e relatou seus projetos em andamento. Por derradeiro, disse que no início do ano seguinte, ou seja, dentro de quatro meses, poderiam começar a pensar em marcar o vernissage.

-- A propósito, Harry me telefonou. Quer uma conferência pela rede com um grupo de professores, críticos e museólogos.

-- Sim, eu sei, Harry me telefonou sobre isso. Eu respondi que a decisão era exclusivamente sua. Ele comentou também de uma eventual ida sua a Bristol.

-- Então faremos a videoconferência, mas Bristol fica para depois do vernissage. Enfim, o que achou de tudo?

-- Não posso falar do que ainda não vi. Com base no que vi, inclusa a produção que você me mostrou hoje, acho que teremos uma exposição que será muito lembrada e comemorada. Já tem o título?

-- Já, mas isso não vou contar hoje, disse Adamastor.

-- Dê-me mais um pouco de vinho.

-- O melhor é abirmos outra garrafa. Aquela já estava no fim.

Regressaram à copa. Adamastor abriu um tinto francês. Um Cahors.

-- Alphonse comentou que não conhecia o vinho, mas gostara.

-- Mais um pouco?

-- Vamos a ele!

-- E o tal controle de alimentação? Indagou Adamastor. Você já se esqueceu dele? Espero que também não se esqueça do que conversamos hoje.

-- Sobre a alimentação, amanhã passarei o dia monasticamente. Sobre a exposição, amanhã na primeira hora vou colocar em um papel tudo o que conversamos, para calcular o espaço de que iremos necessitar. Na minha pequena galeria seria inviável. Terei que fazer consultas.

-- Fica bem, assim, respondeu Adamastor.

Beberam aquela garrafa de Cahors até a última gota e depois o marchand se foi. À porta da rua, disse:

-- Foram boas novas, realmente muito boas, disse o marchand.

-- Até breve, saudou-o o artista.

Aguardou-a no topo da escada. À medida que Karen subia lentamente os degraus, Adamastor não conseguia evitar de despi-la mentalmente. Lembrou-se do instante em que surpreso a viu nua pela primeira vez, e de imediato pensou que há muitos anos não entrava em sua casa um animal verdadeiramente vivo, que não trouxesse pregada no peito uma medalha com a inscrição: 'eu penso'. Era uma nudez completa, desarmada, mas quase violenta em sua irresoluta determinação. Quando ele se deu conta de que o que estava prestes a ocorrer era a coisa mais inoportuna que poderia acontecer naquele momento em sua vida, sentiu um súbito e frio desalento, mas não teve forças para recuar. Adamastor cedeu sem resistência, sem dizer qualquer palavra.

Desde aquele dia, procurou de todas as formas esquecer, apagar o que havia acontecido. Ocupou-se de seus projetos com mais perseverança e firmeza, buscou afastar os pensamentos que fossem desfavoráveis a sua concentração, e se iludiu por meio dos mais variados estratagemas mentais, já que pensar em não lembrar era mais que nunca pensar no que acontecera; era em suma pensar em Karen.

Enquanto ela subia as escadas e vinha em sua direção, Adamastor ainda teve tempo de se perguntar mais uma vez qual teria sido a razão para ela se entregar a ele sem que entre ambos tivesse havido qualquer movimento explícito nesse sentido, sem que tivesse ocorrido qualquer insinuação. Era um jogo distinto dos outros jogos de amor, sem ritual propiciatório, sem prévia combinação, sem artifícios. Talvez nem pudesse chamar ao que acontecera de jogo, pois parecia algo que se instalara como um acidente natural no curso da vida, quase uma epifania construída apenas de movimentos sem palavras, de corpos em ação cega. Nada havia sido despojado deles, nada residual ficara à margem, aguardando o final da entrega. Nenhum nome, nenhuma sílaba.

Karen disse, enigmática, antes de se colocar à sua frente:

-- "E em noite cinzenta sua estrela vinha sobre ele".

Trakl, sabe?

-- Se eu dissesse que não conheço seria imperícia. Se eu dissesse que não gosto, seria indelicadeza. A verdade é que é preciso ter uma boa reserva de amor-próprio para ler Trakl e não ser sugado pela sua poderosa angústia, sobretudo nos poemas mais extensos.

-- Podemos fazer nossa entrevista, hoje?

Fomos até o escritório. Karen abriu uma bolsa grande de couro e despejou sobre um sofá diversos petrechos, parafernália tipicamente alemã, que trouxera consigo. Estava preparada e decidida a realizar a entrevista.

-- Quase me esqueci de que tínhamos combinado fazer isso hoje. Pensei que você não viesse mais, depois de tudo.

-- Se tivesse desistido, lhe telefonaria.

-- E o que quer com esse Trakl logo à chegada? Melhorar ou piorar tudo?

-- Mera cena de efeito. Está constrangido?

-- Depende do efeito que almeja obter. Quer que eu a veja já como a estrela do verso, vindo me salvar durante uma tenebrosa noite cinzenta, me oferecendo um festim da carne?

-- É indelicado.

-- Você terá que convir que foi incomum, fugiu à costumeira ordem dos fatos.

-- Para mim também foi a primeira vez.

Karen abriu um caderno e acionou um pequeno gravador de bolso. De repente estava de óculos. De negros aros como os seus cabelos.

Adamastor não se conteve e sorriu, passou a língua nos lábios e aguardou o início da entrevista.

Sem nenhum motivo pensou em Celena, em seu pai, em Rodin, em um turbilhão de coisas díspares, ao mesmo tempo em que ouvia e respondia às perguntas de Karen.

Capítulo 21
Mais trabalho no atelier,
Harry, Calisto, Macária, Karen,
não nessa ordem

Era preciso que eu avançasse mais rapidamente; buscasse fugir dos convites à dispersão e enfrentasse um programa de trabalho que se coadunasse com os prazos que discuti com Alphonse. Ao mesmo tempo, havia a videoconferência promovida por Harry. Se era prestigiosa e traria algum benefício concreto, seria difícil afirmar. Entretanto o contato com a universidade nessas circunstâncias não me faria mal, e a preparação para o evento me daria condições espirituais de aumentar minha disciplina de trabalho e de intensificar minha concentração. Nesse sentido o acúmulo de responsabilidades, associando a preparação do vernissage com a palestra, provavelmente me induziria a cometer menos erros, e a me tornar mais exigente. Todas as vezes em que se vai falar em público o artista acaba revendo seus conceitos e pa-

drões de trabalho. É como se fosse obrigado a estudar para uma sabatina em que a matéria da prova era tão extensa e repleta de meandros quanto sua vida profissional e seu repertório como artista.

Resolvi enviar a Harry uma mensagem, fornecendo minha posição favorável. Ele prontamente me telefonou, confirmando os dois eventos, e se comprometendo a fixar nos próximos dias data e hora da videoconferência. Harry perguntou acerca dos preparativos de minha exposição. Disse-lhe que caminhava intercalando dias bons e maus. Indaguei se ele não se esqueceria de me dar ao menos um mês de prazo para me preparar para esse diálogo com a crítica e os professores ingleses. Embora afirmasse que não via motivo para me preocupar, que no final seria uma conversa entre pessoas que apreciam a arte, ele me daria ao menos os trinta dias solicitados. Era uma promessa. Desligamos.

A conversa devia servir para me tranquilizar, mas o resultado foi o contrário. Senti-me subitamente angustiado pois havia duas atividades que competiam pelo meu tempo, a curto e médio prazos. Palestra e criação artística não andam de braços dados, como muitos podem pensar, embora ao concorrerem pelo tempo do artista acabem por promover alguns efeitos positivos, como o de exigir uma concentração maior, bem como o de intensificar o foco e a concentração no trabalho.

A decisão de qualquer modo estava tomada. Os dados, lançados. Resolvi reservar apenas uma manhã por semana para escrever algumas notas e produzir um *mémoire*, uma espécie de bússola para que eu pudesse estimular o pequeno público de especialistas ingleses para me acompanharem em um percurso mais conveniente para mim e sobretudo mais

confortável e produtivo. O resto do tempo seria dedicado ao projeto da exposição.

Decisão tomada, teria efetivamente que adequar meu espírito ao novo momento. Deveria buscar coordenar melhor meu trabalho e minhas energias.

Andava minha cabeça por essas esferas profissionais que habitam certos nichos do meu espírito, quando tocou a campainha. Em seguida a porta se abriu. Fui ver quem era. Claro, só podia ser a nova faxineira que Acidália indicara. Indaguei seu nome, ela disse se chamar Macária e agitou nas mãos uma chave, que só poderia ser a de minha porta e disse que tinha um bilhete de Acidália. Pedi que subisse.

Ao se apresentar, apesar de ser uma moça quase bela, senti algo incomum em sua pessoa, em seu modo de olhar ao redor. Parecia que buscava alguma coisa em especial.

-- Está procurando alguma coisa?

-- Não senhor, sou assim mesmo.

Nos cumprimentamos e pedi que ficasse à vontade. Fomos caminhando quase lado a lado pelo corredor, até que lhe entreguei um molho de chaves.

-- Tome, por favor. Cada uma delas tem uma etiqueta. Mas de qualquer modo vou mostrar-lhe a casa. No último andar fica meu atelier. Lá não há nada a fazer; gostaria que começasse por arejar os quartos.

-- Sim, senhor. Este é o bilhete que dona Acidália escreveu, para me orientar. Diz aqui que há, saindo pela copa, à esquerda, uma porta com material de limpeza, aspirador de pó, enceradeira, panos, ceras e estopa; essas coisas, o senhor sabe. Disse que tudo isso se encontra atrás de uma porta que tem furinhos. Um respirador.

-- Muito bem, é isso mesmo, fique à vontade e seja bem-vinda.

Duas horas depois de pagar e se despedir de Macária, Adamastor recebeu uma ligação da governanta, dizendo que viria no dia seguinte e traria a jovem com ela.

-- Para quê, Acidália? Você ainda não tem condições de trabalhar.

-- Não vou fazer quase nada. Há coisas que você precisa saber, se já não sabe.

-- Misteriosa, Acidália?

-- Não, apreeensiva.

-- Vá lá, traga sua amiga e assim conversamos.

Adamastor desligou o telefone e ficou buscando na memória a pessoa de Macária, seu modo de se movimentar como se buscasse cheiros nas coisas, seu jeito estranho. Por vezes tinha impressão de que ela balbuciava coisas em algum dialeto incompreensível, e fazia gestos incomuns. Talvez estivesse procurando apenas se habituar ao espaço novo, ou fosse dispersiva ou portadora de alguma anomalia mental suave.

Mas afinal de contas, o que queria Acidália lhe dizer?

Na manhã seguinte, encontrou Acidália sozinha, vistoriando a casa.

-- Está melhor? Como anda esse braço?

-- Ele não anda, o que andam são as pernas.

Adamastor fingiu que não ouviu.

-- E a moça Macária? Desistiu de vir?

-- Não, Adamastor. Ela está junto à porta da rua.

-- Ora, mande-a subir, Acidália, peça-lhe para fazer um

café. Tenho muitas coisas com que me ocupar e confesso que tive uma noite infernal.

-- Pesadelos?

-- Como sabe?

-- Tenho certas sensações, mas Macária sabe muito mais.

-- Como assim?

Acidália explicou que a mocinha que estava lá embaixo, aguardando sua ordem para subir, tinha alguns poderes, habilidades. Via coisas, ouvia, desenvolvera desde criança uma força mediúnica que foi bem disciplinada.

-- Muito bem, Acidália, e daí?

-- Adamastor, ela tem coisas importantes a lhe dizer. Posso pedir para que ela suba e possamos conversar?

-- Já disse, mande-a subir.

Sentaram-se os três na copa. Com uma estranha solenidade, Macária relatou que sentiu a presença de um homem e uma mulher de idade, no quarto que tem os móveis mais antigos, como também pela casa, em quase todos os lugares, o espírito de uma mulher jovem, que talvez fosse a sua esposa.

-- Eram seus pais, lá dentro do quarto. Conversavam, falavam sobre o senhor, e Macária ouvira claramente, disse Acidália.

Ouvira no salão, no escritório, no quarto do patrão, em diversos lugares da casa as mesmas vozes, e outras, muitas. Em resumo, ela pedia desculpas, mas informava com a segurança de alguém que parece saber do que está falando, que a casa estava cheia de espíritos e que Adamastor precisava saber disso. Ela sabia até mesmo o que ele sonhava em muitas noites. Mencionou os nomes de Lara e sobretudo de

Celena, que parecia ser a mulher cujo espírito estava por toda a casa, andando, às vezes nervosa, às vezes muito cansada.

-- Tudo isso não me parece estranho, embora me sinta um tanto perplexo ao ouvir de uma pessoa que nunca me vira antes certas coisas que poucos poderiam saber. Contudo, devo confessar que ouvi nesta mesma copa vozes conversando, e eram meus pais. Informo ainda que também sonhei com eles.

-- Como agora o senhor já sabe que não é loucura sua, pois eu também ouvi, é preciso se acautelar para que sua vida fique melhor.

-- Acautelar-me? O que acha de tudo isso, Acidália?

-- Eu também senti algumas presenças espirituais na casa.

Macária podia entrar nos sonhos que Adamastor sonhara, nas noites agitadas em seu quarto. Apenas não se sentia em condições de contar, pois se sentia constrangida. Para tranquilizá-lo, prometia jamais dizer uma única palavra sobre tudo aquilo a ninguém.

O assunto terminava ali. Adamastor se recolheu a seu quarto e lá ficou por um par de horas. Quando de lá saiu, ouviu Macária falando coisas incompreensíveis e andando pela casa, fazendo gestos com os braços e mãos, como no primeiro dia. Teve vontade de sair caminhando pelas ruas, mas decidiu que precisava trabalhar para obstaculizar os pensamentos turvos que invadiam sua mente naquela manhã. Ao final do dia, agradeceu a ambas e foi para o escritório. Tudo aquilo que ouvira e mais o seu dia de trabalho o haviam deixado prostrado. Um sentimento difuso de impotência infiltrara-se em seu espírito e em seu corpo. Lem-

brou-se de que Macária ao sair o advertira de que ele se sentiria muito abalado no começo, apesar de ser ele próprio testemunha de grande parte do que ela lhe dissera. Eram necessárias força e determinação, mas sobretudo era urgente zelar muito por si mesmo. Ela fizera uso várias vezes da expressão ‘plano espiritual’. O que teria Macária realizado com aqueles murmúrios e gestos incompreensíveis? Ele não sabia.

Acresça-se a todo esse episódio, o fato de que Adamastor se sentira incomodado pela invasão súbita de uma pessoa desconhecida em sua história e em seu passado; era como se alguém tivesse defenestrado detalhes de sua vida sem sua autorização.

Naquela noite Adamastor ao se deitar pensou ainda uma vez mais no que ouvira e nos ambíguos sentimentos que o perturbavam. Quando caiu no sono, viu-se a si mesmo e a Lara alisando mansamente seu rosto e sua barba grisalha. Desta feita ela tinha feições parecidas com as de Macária, e fazia gestos e movimentos no ar entre um agrado e outro.

Ele via tudo isso claramente, fora de seu corpo, e não chegava a sentir o toque de Lara em sua face. É como se ele não estivesse vivo mais como ser concreto, de carne; como se naquele momento se despedisse de sua vida material, por isso não tinha mais forças e energia para experimentar as carícias dela.

Duas semanas e meia depois, Adamastor recebe uma chamada telefônica de Calisto. Estava no escritório.

-- Tio, foram dias de longas e cansativas discussões com

papai.

-- E em que deu?

-- Ele disse que você foi muito incisivo, você sabe, tio; e que ele pensou muito, mas ainda não tinha uma posição.

-- Não entendi, Calisto. Você quase sugeriu que o acordo estava próximo; falou em longas discussões. Como é isso?

-- O seu Anselmo, ontem, disse que me daria o tempo necessário para pensar, explicou Calisto com uma entonação um tanto irônica.

-- E o que foi que você respondeu quando Anselmo deu esse passo imenso na sua direção?

-- Eu disse que queria fazer um estágio no seu atelier.

Adamastor recuou como se tivesse um estranho apontando uma arma contra seu peito.

-- Ora, Calisto, eu fui muito claro sobre isso. Você pode buscar sua vocação, como todo o mundo deveria poder, embora isso não seja de modo algum o que acontece. As pessoas fazem o trabalho que aparece, quando aparece, mas eu não disse que iria atrair você para o atelier, nem treinar você, nada disso. Não quero perder a amizade de seu pai. Faremos o seguinte, quando eu acabar de produzir o material para o vernissage, voltamos a conversar: você, seu pai e eu. Entendido?

-- Sim, tio. Está bem. Como vai o trabalho?

-- Tenho trabalhado com intensidade incomum. Junte-se a isso o fato de que estou preparando uma videoconferência. Como sempre, você sabe, não sei dizer não e acabei assumindo essa incumbência. Estou tentando fazer com que tudo isso seja benéfico para mim e para o meu trabalho.

-- Que bom, tio. Tenho que desligar.

-- Então até breve, Calisto. Venha me ver quando quiser, mas avise antes. Um abraço.

-- Pode deixar, tio.

Quando Calisto desligou, Adamastor começou a manusear sua correspondência que se encontrava sobre a escrivaninha. Havia contas atrasadas, cartas e os resultados dos exames clínicos. Abriu esse último envelope. Leu rapidamente e concluiu que os resultados não eram nada diferentes dos exames anteriores que fizera há seis meses. Decidiu que não marcaria médico algum e jogou os resultados em uma gaveta.

Em uma das cartas havia o contrato da videoconferência, que a universidade enviara. Sua palestra seria reproduzida e editada de modo a ser vista em salas e bibliotecas universitárias, como Harry havia afirmado, e ele, evidentemente, receberia seus direitos todas as vezes em que reproduzissem sua videoconferência. Era democrático e capitalista.

Adamastor avançou em seu trabalho de um modo que entendia satisfatório. Considerando seu nível de exigência a coisa toda parecia que caminhava bem. Ele repetia isso toda vez que alguém o consultava sobre a questão. As conversas haviam se tornado monótonas, com tanta gente ciscando ao redor da preparação do vernissage, mas tudo isso era esperado. Sem dúvida alguma estava longe de ser a melhor parte de toda a história. O melhor de tudo, mesmo, tinha uma curtíssima duração e acontecia quase tão-somente quando o pintor terminava uma tela ou uma escultura e gostava do que via, pois havia logrado alcançar o que projetara; e o que

projetara resultara em algo que aprovava, uma vez que tinha a qualidade que ele exigia de seu trabalho.

Entretanto ele não se enganava: a questão era mais complexa, pois dar como finda uma obra não era o bastante para exibi-la, torná-la pública; e entender que o resultado era satisfatório não era de modo algum suficiente. A arte e a literatura estavam cheias de obras satisfatórias, pois destinavam-se apenas a reafirmar um presumível padrão de gosto dominante e essas obras não operavam nenhuma transformação, não ofereciam nenhuma nova perspectiva, não estimulavam nenhuma nova reflexão, pois não continham nada que não tivesse sido feito anteriormente, apenas aumentavam o estoque nas gôndolas dos supermercados de arte e literatura com produtos semelhantes, destinados aos mesmos fins, que era o de se venderem mais rapidamente, sem alarde, sem comoção. Se a arte e a literatura estivessem desde sempre se acomodado a essas conveniências culturais e comerciais, ainda estaríamos tentando desenhar nossa primeira serpente na pedra da caverna. Acrescentar uma nova obra ao acervo da humanidade era muito mais do que acertar as proporções, as cores, o equilíbrio, a contida surpresa provocante.

Mais difícil ainda era conceber um conjunto de obras dialogando entre si e com algum conceito ou princípio comum, produzidas em poucos anos, ou meses, por um artista. Nesse sentido o vernissage era para o artista plástico algo como uma pequena mostra circense do que o animalzinho humano era capaz de realizar no picadeiro, os seus truques, malabarismos, as suas manobras no trapézio e na corda, o seu domínio dos jogos malabares.

Quando Harry lhe telefonou marcando dia, hora e o tempo de duração da videoconferência, o pintor, escultor e ex-professor de arte Adamastor Finkel estava pronto para ela. Iria eventualmente rever o que escrevera e verificar se tinha uma boa posição de defesa sobre suas opiniões e sua visão da arte contemporânea. Com certeza, pensou, iriam indagar por exemplo sobre o espaço que a arte decorativa ganhara em detrimento da verdadeira arte e sobre os artistas ingleses. Adamastor se sentia também pronto para isso. Fizera uma pesquisa sobre os novos trabalhos de seus colegas da velha ilha e acrescentara diversas notas ao seu *mémoire*.

A despeito de tudo, de seus progressos no trabalho e de haver de certo modo reencontrado sua capacidade de planejar e de se organizar mentalmente, seus pesadelos, sempre muito repetitivos mas com ligeiras variações, o visitavam, não com a mesma assiduidade de antes, o que já representava um ganho de energia para viver e trabalhar, mas voltavam, voltavam sempre. Havia o conjunto de pesadelos que estava ligado a seus pais e a Celena, bem como à época em que viveram, numa coletânea de momentos de sua vida pregressa que chegava até a infância; e outro conjunto que tinha inteiramente a ver com sua fisicalidade, com suas ânsias corpóreas. Celena por vezes reaparecia nesse plano, mas na maioria das vezes era Lara, essa imagem mutante na qual cabia qualquer rosto, qualquer traço fisionômico, e cuja expressão oral a tornava ubíqua e inefável pois não estava limitada aos contornos da vida racional.

De suas conversas com ela, Adamastor nada dissera a Macária. Era o seu segredo maior, sentia-o agora. Na visita que essa fez em companhia de Acidália, o pintor deu-se con-

ta de que Lara era algo a ser protegido e resguardado, na exata medida em que não existia, a não ser para ele, dentro dele. Era, em suma, o seu jogo mais íntimo e inconsequente.

Quando seu nome fora pronunciado pela vidente, ou o que quer que aquela jovem fosse realmente, uma corrente de gelo percorreu seu corpo. Sentia-se devassado. Era preciso resguardar tudo, trancar os acessos, vedar a visão do mundo sensível imediato, que vojava sobre a sua cabeça.

Nem mesmo Acidália sabia dela. Lara era a somatória do ponderável e do imponderável, era uma flor dentro de sua cabeça e uma mundana irreparável, também, quando flutuava sobre os lençóis de sua mente, se é que se pode dizer dessa maneira; como também quando se revolia imaginativa entre sua pele e seus nervos. Era um desafio inestimável. Como seria possível discutir a existência de um ser assim, um ser, em suma, dentro de outro ser?

No fundo tudo aquilo talvez não passasse de uma nova adolescência da carne e do espírito inquieto, ambos fora de época e de lugar, levados ao paroxismo. Como não se dera conta de tudo isso com tamanha clareza, até aquele instante?

Ouçõ a voz indisfarçável de Karen ao telefone. A revista pede algumas fotos do que iria expor no vernissage e gostaria de marcar uma sessão de fotos. Respondo que não vejo qualquer possibilidade de fotografar o material. Essa não é a política do marchand que está encarregado de tudo o que se refere ao evento. Todo o material impresso para o evento deve ser original e inédito, falei.

-- Ao menos algumas fotos suas, pintando. Talvez à frente de uma tela, trabalhando, algo assim? Ou quando es-

tiver na videoconferência que está preparando.

Refleti o mais desapaixonadamente que pude, e tentei ganhar tempo. Não estava seguro de absolutamente nada que dissesse respeito a ela, mas não queria fechar as portas de uma vez.

-- Quer jantar comigo em minha casa? Conversaremos sobre isso pessoalmente, está bem?

-- Quando?

-- Hoje, depois das 9 horas? Posso levar o fotógrafo?

-- Não, venha só. Vamos apenas conversar. Já escreveu alguma coisa sobre a nossa entrevista?

-- Sim, ela está integralmente transcrita, mas ainda não editada. Mostro-lhe quando nos encontrarmos, respondeu com um tom neutro, quase profissional.

Adamastor se acomodou em sua poltrona preferida do escritório e apoiou os pés sobre uma banquetta. Fechou os olhos por algum tempo. Convidá-la para jantar era abrir um novo flanco de sua vida pessoal, pensou, e isso o incomodava, mas o que dizer então da noite em que se deitaram na mesma cama, sem nem mesmo trocar meio dúzia de palavras? Estaria também arrependido do que acontecera, ou atribuiria ao episódio o mesmo crédito que habitualmente os oportunistas atribuem àquelas circunstâncias da vida das quais não se pode escapar, circunstâncias raras e por esse motivo irrecusáveis, posto que de alguma maneira vantajosas? Estava refletindo como um sujeito cínico e cabotino, pensou e, o que era pior, desonesto consigo mesmo. Ao mesmo tempo sentia-se oprimido pela constatação de que o que mais o deixava intranquilo era a impossibilidade de ca-

talogar aquela nova relação, de predeterminar algum lugar em que Karen poderia se acomodar em sua vida, como se fazia com as modelos que posavam para sessões de pintura e se sujeitavam cegamente às exigências de quem contratava os seus serviços: sente-se ali, não se mexa agora, retire os cabelos da testa, endireite o tronco, mude a posição dos pés, olhe para aquele ponto da cortina. Karen não se encaixava nisso; era uma ave solitária, um tanto aventureira, talvez e que empurrada por uma corrente de vento estilhaçou uma vidraça, entrou em um recinto que não estava preparado para recebê-la e ocupou o espaço que Adamastor costumava reservar apenas para ele próprio. Ao mesmo tempo ela parecia egoísta, individualista, exclusivamente preocupada consigo mesma, e jamais, concluía ele, ter-se-ia preocupado com as consequências de seu ato na vida do pintor.

O que poderia ter sido mais desnorteante para ele, reconhece Adamastor, do que olhar nos olhos dela, depois de terem feito sexo, e não se sentir capaz de avaliar o que acabara de fazer, nem mesmo de reconhecer em seu íntimo que sentimento preponderante emergiria em seu espírito, doravante, depois da consumação daquele fato imprevisível? Ela estava ali, subitamente envolta em lençóis, ambos enovelados em odores e suores mútuos, tão fortemente entrelaçados como se jamais tivessem saído dali. No momento imediatamente posterior à consumação do sexo, ele buscou refúgio percorrendo mentalmente as trilhas habituais de suas evocações: pensou em Celena, em sua vida dentro daquela casa; em seus afazeres urgentes; chegou mesmo a pensar em sua saúde, sempre deixada em segundo plano, o que era sintomático, pois fora preciso que algo radicalmente sensorial, carnal, irremediavelmente físico mobilizasse suas energias e

seu corpo inteiro até o limite do abandono, para que Adamastor se lembrasse de suas limitações físicas. Então ele resistira, enfrentara o furacão, o ciclone, os abalos mais desconhecidos e intensos que já experimentara e ainda estava vivo. Vivo mas frágil como uma abelha aprisionada em uma taça de cristal emborcada sobre a mesa. Naquele instante ele suspirara como se sentisse aliviado, olhou ao seu redor, mas Karen já estava de pé, vestindo-se, para logo em seguida sair sem dizer qualquer palavra.

Decidiu desmarcar o jantar, encontrar-se-íam em outro momento, mas não hoje. Estava muito cansado e precisava deitar-se mais cedo. Tudo aquilo fora insano, estúpido. Quem de fato seria essa mulher que o procurara para uma entrevista? Não bastava a ação, também devastadora, de sua imaginação, a ambiguidade absoluta daquela palavra, Lara, que ele repetia e que se reproduzia em sua arte, em seus pesadelos, na extroversão noturna de seus instintos? Não bastava ainda as vozes que vinham até ele, tão reais como se não pudessem ser de épocas mortas?

Ligou para o número de telefone que ela deixara sobre o criado-mudo da cama, mas ninguém atendeu.

-- Muito pontual, Karen, disse-lhe, ao abrir a porta da rua. Vamos subir, hoje poderemos conversar na mesa da copa.

Ela o acompanhou e sentou-se na cadeira indicada. Adamastor trazia uma expressão pesada que poderia ser cansaço, mas que também tinha algo de constrangimento e desconforto.

-- Não está se sentindo bem? Indagou ela com aquele

tom neutro que ele já conhecia. Demonstrava uma capacidade perceptiva natural, cuja neutralidade da voz escamoteava na verdade o fato de que percebera bem mais do que queria deixar a entender.

-- “As águias da sombra esvoaçam noite adentro nesta frente”, disse ele em um alemão arrevesado, movendo os dedos abertos à altura do rosto. – Trakl. Conhece?

Karen não conhecia aqueles versos, que pareciam ser do poeta austríaco, mas que poderiam também não ser. Sentir-se-ia colhida em sua própria armadilha?

-- Será mesmo Trakl? Poderiam ser da autoria de Hasenclever ou até mesmo de Edschmid. Um ou dois versos não são muito mais do que nada, a menos que se tenha estudado com afinco a obra de um poeta e se tenha alguma segurança para afirmar que são dele. De qualquer modo, vejo que se deu ao trabalho de visitar Trakl para me preparar uma surpresa, um presente. Que gentileza.

-- Não, na verdade, não. Não precisei investigar nada para isso. Quando estudante participei de algumas leituras de poesia no teatro da escola e a mim coube justamente a leitura dramática de dois poetas. Um deles era justamente o seu Trakl, o outro era o meu querido Brecht.

Fez uma pausa e continuou, construindo uma barricada de defesa para se precaver de um ataque imaginário. Karen aguardou pacientemente.

-- Jamais entendi a razão pela qual os alemães nunca percebem os desdobramentos em outras culturas daquelas experiências que eles próprios iniciaram. Você se espanta quando menciono um poeta que nem alemão era, mas austríaco, como se eu tivesse invadido uma propriedade alheia. Já ouviu falar no vorticismo de Wyndham Lewis, no ima-

gismo de Pound, no esperpento de Valle-Inclán? Notou alguma relação entre essas manifestações estéticas, todas modernistas, ocorridas em culturas vinculadas à língua inglesa e também à cultura ibérica e ao expressionismo alemão, ou jamais ocorreu a você que as ideias fluem a despeito de fronteiras físicas e de língua? Até o teatro de Georg Kaiser envolveu dramaturgos fora dos autores do Eixo, como Elmer Rice, que era por sinal americano.

-- Eixo? Balbuciou Karen, ao pronunciar uma palavra enfeitiçada em seu país, até hoje.

Adamastor, que se encontrava com as mãos abertas, cravadas sobre o tampo da mesa como um dragão-de-komodo, enquanto pontificava sem qualquer finalidade a não ser ganhar tempo para não se sentir tão sufocado com a presença de Karen naquele lugar, ergueu-se e foi até a geladeira. Exibira suas armas cintilantes, e quando dava-se conta disso, deplorava seu comportamento em silêncio. Balançava a cabeça, como se discordasse de alguém, entretanto, o fato era que o entrançado dessas armadilhas intelectuais, desses puzzles mentais, desse exibicionismo que podia iludir muitos ouvintes, mas não a ele, o incomodava. Sentia-se menor, insuficiente, desprovido do verdadeiro espírito, que sempre ou quase sempre é conciliador e sempre o que semeia nasce. Ele emudeceu, buscando esconder a decepção que sentia de si mesmo. Um abismo se fazia presente ao redor dele, como um pesadelo gótico enquanto, sem sucesso, procurava uma vereda, uma passagem para retomar o que quer que estivesse tentando manter incólume.

No momento em que o pintor se levantava, Karen o olhou novamente com aqueles olhos secos e imóveis e reagiu como se não tivesse ouvido nada do que Adamastor fala-

ra.

-- Temos um jantar, então?

Houve um silêncio entrecortado por ruídos de louça, rangidos de gavetas, triscar de talheres, enquanto da caixa torácica de Adamastor podia-se ouvir uma respiração difícil e irregular, acompanhada por alguns gemidos e arrulhos breves que vibravam em sua garganta, enquanto procurava ocupar-se de coisas mais práticas.

Como ele nada respondesse, Karen voltou a falar:

-- Quer uma ajuda?

Nessa altura ele já se dera conta integralmente de quão impróprio tivera sido o seu discurso, mas já era tarde.

-- Não, estou apenas investigando o que há para se comer. E respondendo a sua pergunta anterior, sim, teremos um pequeno jantar, mas muito frugal, lastimo. Se pudermos, antes disso, ou enquanto isso, examinar em conjunto a transcrição da entrevista, gostaria.

Karen respondeu que viera justamente para isso e nada mais, mas ainda insistiu na pergunta:

-- Tem mesmo certeza de que está se sentindo bem?

Adamastor voltou seus olhos na direção dela, mas não os fixou em seu rosto. Era como se procurasse uma palavra salvadora. De repente brandiu os talheres que tinha entre as mãos e disse:

-- Vamos ver a sua entrevista, está bem?

E em seu cérebro a expressão “nada mais”, que ela sublinhara com a adição de alguma firmeza na pronúncia, persistiu ecoando por alguns instantes, o que o fez, tarde mais, lembrar-se de que aquele encontro não traria grandes emoções.

Capítulo 22

A conferência, Harry, os críticos ingleses,
Karen, Lara, Inácio, Marchezi, etc.

Surge o amistoso sorriso de Harry no meu monitor. Conversamos um pouco para nos harmonizarmos com o ritmo da transferência de dados; Harry pede que eu tenha mais luz ao fundo, e eu peço a ele o mesmo. Quero ver com clareza meridiana a cara dos meus interlocutores. Os ajustes são feitos.

-- Could you move your microphone closer to your mouth, Finkel?

-- Yes, here we are.

-- Let's start, then. Recording.

Foram 75 minutos de gravação, quinze pessoas além de Harry de um lado, Adamastor do outro, com suas notas bem à vista.

O conferencista buscou ater-se ao roteiro que fixara, tendo algumas vezes certa oportunidade de mover a atenção do interlocutor para o que tinha previamente planejado dizer. Algumas insinuações bem-humoradas surgiram do lado de lá, sempre acompanhadas de um movimento facial de sentido duvidoso. Alguns insistiam por fim que o artista queria ter o tempo todo as rédeas nas mãos. Adamastor respondeu que não tinha ninguém mais ao lado, além dele próprio, para entregá-las. Gargalhadas da plateia inglesa.

Eram assim os ingleses, e ele já sabia como se movimentar entre eles, aliás, se não soubesse, não teria aceito o convite de Harry. Adamastor falou dos problemas de circulação de informação do mercado de arte, atacou os nichos, que considerava em todos os campos, sobretudo na arte, um atraso e mais que isso um insensatez. Ao ser perguntado sobre a utilização da tecnologia e da robótica na arte contemporânea, respondeu que fazer uso de tudo isso não pode se confundir com ser usado por tudo isso e se omitir. O *logos* deve presidir o processo de criação; o trabalho de produção de uma obra de arte deve ser orientado pela necessidade de expressão, pela intensidade de comunicação da obra com seu meio. Não pode ser mero veículo de descobertas tecnológicas, embora não se recuse a examinar essas possibilidades quando é conveniente e pode contribuir para o conteúdo do trabalho. Enxovalhou a arte decorativa, pergunta que já esperava que fosse formulada. Foi paternal quando indagado sobre certos artistas ingleses e suas realizações; procurou fornecer um panorama de seu trabalho nos últimos anos, frisou que prêmios internacionais não o moviam para lugar algum, resumiu os aspectos principais de seu futuro vernissage, lembrou-se de responder que já havia aceito o convite de

Harry para ir a Bristol, e que nutria grande estima pelas discussões e abordagens de temas e investigações transversais em todos os ramos do conhecimento, bem como pela troca de experiências, o que era um lugar-comum, mas a turma da velha ilha gostava muito de ouvir isso. Falou sobre a ampliação dos acervos dos museus mundo afora e de intercâmbios entre acervos, para que a obra pudesse ser vista e contemplada por um número cada vez maior de pessoas; criticou a despreocupada inconsistência dos artistas contemporâneos em geral. Sem uma reflexão profunda sobre a tradição e uma análise sobre as principais vertentes da arte, o resultado será sempre frágil e enganoso. Os artistas, inclusos os poetas e ficcionistas, devem dominar um grande repertório e ter consciência do trabalho apurada, o que significa sempre terem dentro deles um espírito crítico independente e severo.

Foi percuciente ao salientar que a arte não é lugar para vaidosos, embora a falta de autoestima prejudique qualquer pessoa, inclusive o artista. Por fim, alguém lembrou-se de perguntar qual seria o tema ou o título de sua próxima exposição. Finkel disse: "Mulheres e pedras". Depois disso, susurros e apartes. Agradecimentos do lado de lá, bem como do lado do palestrante. Fim da conferência.

Um grupo reduzido de pessoas acompanhou a palestra fora das câmaras. Eram elas Alphonse, Anselmo, Karen e dois jornalistas de dois periódicos locais, que vieram com o marchand. Acidália introduzira metade de seu corpo na sala e deixara a outra metade atrás da porta entreaberta. Quando deram por finda a videoconferência ela desapareceu completamente.

Anselmo, erguendo o cós da calça pelo cinto, foi conclusivo, sintético e peremptório.

-- Gostei. Estava ótimo.

-- Claro, claro, aduziu Alphonse.

Acidália entrou com uma bandeja com água gelada e aguardou que os presentes se aproximassem para se servirem. Os dois jornalistas se aproximaram do pintor, e um deles entregou-lhe um cartão. Gostaria de uma pequena entrevista antes do vernissage. Adamastor respondeu que passaria o assunto a Alphonse, que certamente cuidaria disso com grande prazer.

Karen se apressou em cumprimentar Alphonse, que fez de conta que não estava surpreso por ela ter sido convidada a comparecer. Ambos estenderam longos braços entre eles e apertaram as mãos. Karen voltou para o posto em que se encontrava antes e aguardou o desenrolar dos acontecimentos.

O jornalista que não entregara seu cartão social disse a Adamastor que a conferência fora muito saborosa e agradável, mas que queria também formular algumas perguntas em companhia do outro jornalista, se possível. Alphonse avançou na direção dele e disse que tudo poderia ser arranjado, como aliás lhe dissera quando fizera o convite para comparecer, e entregou-lhe também um cartão, tal como fizera da primeira vez em que se conheceram. Alphonse era prolixo em tudo, inclusive socialmente. Em seguida, dirigindo-se a ambos disse que ficassem tranquilos, pois teriam chance de atender a suas respectivas pautas, o que também era desnecessário dizer pois caso contrário eles não teriam sido convidados pelo marchand a assistir à videoconferência. Em seguida Alphonse indagou se Finkel disporia de alguns minutos para os repórteres. O pintor disse que preferia conversar

com eles na manhã do dia seguinte, por volta das 8 horas. Os repórteres se entreolharam e concordaram sem grande ânimo.

Acidália recolheu os copos vazios e se retirou. Voltou em seguida com uma bandeja de café. Karen deslizou silenciosamente pelos costados do grupo e chegou até Adamastor. Disse-lhe quase ao ouvido que queria conversar com ele em particular.

-- Como assim? A casa está cheia de gente, respondeu o pintor.

-- Por pouco tempo. Pode ser em seu quarto, se quiser. Estou com a matéria quase pronta e preciso de umas fotos.

-- É sobre isso que quer conversar?

-- Não. Sim.

-- Não entendi. Quer falar sobre algo mais e isso tem que ser hoje?

-- Tem, sim.

Como previra Karen, os visitantes se foram, e ambos estavam no quarto do pintor.

-- Marque as fotos para amanhã cedo, se puder, disse Adamastor, procurando manter o pé na realidade. – Vou estar disponível por volta das 8h. Seu fotógrafo pode aproveitar o ambiente da entrevista que vou dar.

Karen moveu a cabeça afirmativamente.

-- Vou procurar fazer isso, mas o que quero discutir não tem relação com sua vida profissional.

-- Sim, continue.

-- Alguns nomes, seus conhecidos, talvez possam conferir algum peso ao que tenho a dizer. Karen pronunciou seus nomes:

-- Fernando, Genciana, por exemplo.

-- Devo ter perdido alguma coisa. São por acaso meus pais e estou bem seguro de que não falei nada sobre eles, talvez sobre a atividade profissional dessa pessoa que você indica como Fernando, mas que era também chamado de Ferdi.

-- Quando estivemos aqui, nesta cama, eu ouvi vozes diversas, conversas entre pessoas, e notei também que havia uma sobreposição de momentos ou de lugares. Havia um plano de frente, com vozes mais nítidas, depois outro, com outras pessoas ou com mais pessoas, mais ao fundo, e ainda outro, como uma trilha de som gasta, em que se podia perceber uma música ligeira, que chegava a meus ouvidos muito enfraquecida, música que parecia vinda de um gramofone ou algo similar, acompanhada de vozes, cujo sentido não se podia compreender, pois muitas palavras se perdiam. Parece até que as vozes nítidas eram de pessoas que estavam neste quarto, e as outras, em outros espaços da casa. No corredor, na copa, não sei.

-- Estou impressionado. De onde vem tudo isso?

-- Não sei responder. Não me lembro. Sempre fui muito impressionável, mas não me recordo de ter experimentado o que vivi aqui, naquela noite, quando em dado momento você dormia.

Adamastor irritou-se.

-- Eu dormia a seu lado e você ouvia vozes? Aproveitou para gravar e enriquecer sua matéria jornalística?

Karen permaneceu imóvel e muda. Adamastor continuou:

-- Vozes, você também, Karen? Parece que estou rodeado de pessoas que lograram alcançar planos de espiritualidade que jamais cogitei, a começar pela faxineira substituta,

por minha governanta, e agora por você. – E continuou: -- Você é uma bávara muito excêntrica, disse, buscando ganhar algum tempo para digerir a notícia. – Era isso o que tinha urgência em me dizer?

-- Tinha urgência em colocar tudo isso para fora, corrigiu ela.

-- Está bem, Karen, você entrou de fato no espaço mais íntimo da minha vida. Se era o que queria, conseguiu. Não sei mais o que dizer. Essas vozes, vindas do passado, perturbam-me há meses, não posso mais esconder isso. São fatos recentes, muito recentes. Se para você tudo isso tem sido uma experiência extravagante, para mim essa estranha convivência representou um encontro muito penoso com forças invisíveis que atuam no meu ser, integralmente, dia após dia. Estou buscando ainda lidar com tudo isso. Não quero mais falar sobre esse assunto. Que fique como um segredo entre nós, se é que posso exigir isso de você. Segredo mesmo, absoluto.

-- Adamastor, procure entender que estou também muito aborrecida com tudo isso. Sinto que de certo modo impus minha presença em sua vida, mas testemunhar essas coisas, esses fantasmas, sei lá, vindas de seu presumível passado, não estava absolutamente em meus planos. Tenho chorado por causa disso. Mas que fique bem claro que a jornalista só está interessada na sua arte. Tudo o que aconteceu entre nós, inclusive isso, é algo que só a nós diz respeito.

Ela enfiou seu pequeno rosto no espaço entre o pescoço de Adamastor e seus ombros e emudeceu. Adamastor sentia receio em tocá-la com as mãos e não sabia se se afastava de Karen, ou se a acolhia em seus braços. O que mais iria acontecer entre eles? pensou.

-- Não sei mais o que lhe dizer. Não sei se essa experiência pode ser benéfica para você. Talvez não seja, afinal você não é da família, não é minha mulher, acho que o melhor é você se resguardar, compreende?

Minutos mortiços escoaram como se escorressem por uma parede íngreme de pedra.

-- Quero lhe dizer algo: quando perdi Celena, permaneci mais de um ano sem sair de casa. Não trabalhava, não atendia a ninguém. A retomada do trabalho, o redescobrimento do convívio com alguns raros amigos, o reencontro com o equilíbrio, tudo isso foi de grande alento, e eu dou muito valor a isso. Agora estou vivendo também um momento profissionalmente interessante, entretanto é justamente nessa situação atual, em que me sinto na plenitude intelectual de minha vida, que surgem essas vicissitudes, essas manifestações. Tenho a impressão de que devo pagar um preço pelas minhas conquistas. Não sei qual o valor, não sei em que moeda, nem a quem devo entregar o que me exigem, para obter um salvo-conduto e prosseguir vivendo como todo mundo. Quero ressaltar que estou na fronteira, no limite extremo de minhas forças mentais. Qualquer coisa que comprometa ainda mais o meu equilíbrio emocional, mais do que já está comprometendo, quero dizer, irá prejudicar o vernissage. Depois dele, cuido da minha vida. Se considerar irremediável uma mudança de ares, viajo, mudo-me, vendo o casarão, mas tudo isso será decidido depois da exposição, não agora.

-- Estou entendendo o que está me dizendo. Vou procurar não atrapalhar o seu caminho. Amanhã trago o fotógrafo, você vai gostar, espero, da matéria. Vou fazer o melhor que puder. Agora, Adamastor, quero que entenda o seguinte:

acho que tudo o que está acontecendo, e que eu em pequena parcela presenciei, não é fruto da sua imensa imaginação. Eu não poderia dizer que são mera alucinações, de um sujeito que está sob pressão profissional, uma vez que eu as senti também, diz Karen, encolhendo suas pernas como se sentisse um estremecimento. – Suas conquistas são exclusivamente fruto de seu esforço e determinação e isso é indiscutível. É preciso lutar para preservá-las. Acho mesmo muito razoável colocar em primeiro plano seu projeto. Você tem seus prazos a cumprir, não é?

-- Está bem, voltemos ao cerne do problema. Será que essas alucinações, ou manifestações, são porventura propriedade intrínseca da história desta casa e da história de minha vida? Não tenho condições no momento de saber, mas todavia não deixam, apesar disso, de me abalarem como se alucinações fossem. Além disso, convenhamos, esta casa não é muito diferente das outras deste quarteirão. Não há mistério nela, ou há apenas aquele mistério que encontramos em casas velhas. O problema parece por vezes estar ligado a mim, exclusivamente. Confesso que não estou preparado para lidar com ele. Minha governanta trouxe uma pessoa para auxiliá-la nos afazeres domésticos, uma pessoa que jamais me vira na vida. Pois bem, essa pessoa captou tudo o que estava acontecendo aqui desde o primeiro momento em que pôs os seus pés nesta casa; como você, ela contactou tudo isso sem esforço algum, era quase como se soubesse o que iria encontrar.

Adamastor ficou em silêncio, segurou as mãos de Karen e acrescentou, alguns instantes depois:

-- Em suma, quanto mais reflito e vivencio essa experiência, mais me sinto perplexo com tudo isso. Penso mesmo

que todas essas fantasmagorias fazem parte de um mundo paralelo, inteiramente novo, mas que sempre existiu, e que parece empenhado em me forçar a me afastar do mundo real, ou a obrigar-me a fazer algo que não sei o que é. Nunca pensei que não quisesse estabelecer qualquer relação com essas pessoas queridas nesses termos propostos. Nem mesmo com Celena.

Adamastor pensou por um instante em Lara, que era mais um segredo inexplicável em sua vida. Procurou afastar a lembrança, como se temesse revelá-lo e se calou.

Longos minutos se passaram. Ambos deitaram-se na cama como estavam vestidos. Permaneceram calados por um longo tempo.

Repentinamente a mente de Adamastor foi invadida outra vez pela imagem nítida daquela tela de Marquet, “La Femme Blonde”; era como se estivesse revendo Lara em seu atelier. O mesmo olhar, a mesma cor de cabelos, os mesmos seios e ombros, a mesma postura. Uma mente mais distraída, afeita a mistérios e temas imperscrutáveis exclamaria: “Ah, agora descobri de onde ela veio”. Do interior da tela, Lara se levantaria da cadeira em que posara para o pintor francês e viria em sua direção, chamando-o pelo nome. Em seguida, essas imagens se apagariam em sua mente e Adamastor, como que aliviado, acabaria dormindo.

Ao redor dele e de Karen, então, cresceu uma íngreme penumbra, que repentinamente se alastrou sobre todas os objetos e móveis e tomou conta do quarto. Ambos mergulharam em um silêncio compacto. Nenhuma voz, nenhum eco do passado, nenhuma música ao longe. O tempo suspendera-se, irreduzível, impenetrável como uma rocha. Nada acontecera entre eles, além da evidência de seus corpos mui-

to próximos, unidos sob os auspícios do mesmo impasse.

À certa altura, Adamastor afastou-se dela, como se tivesse sido puxado por alguém. Depois, no meio da madrugada, Karen levantou-se e saiu sem se voltar.

O artista só se dera conta de que ela havia ido embora na manhã seguinte, ao ler um bilhete de despedida que ela deixara, e no qual prometia voltar no horário combinado. Ele ainda estava com a roupa da conferência.

Os repórteres entrevistaram Adamastor em seu escritório, enquanto o fotógrafo da revista alemã fazia fotos e Karen supervisionava. Alphonse que chegara muito atrasado, ainda teve tempo de presenciar as últimas perguntas e fotos. Em seguida acompanhou os jornalistas e Karen até a porta.

O pintor permaneceu no escritório, pensando no que dissera aos repórteres e no café que ainda não tomara. Depois ergueu-se e foi até a copa em busca de Acidália. Pensou enquanto aguardava seu desjejum que Karen apenas acenara para ele à saída. Talvez quisesse demonstrar que era capaz de ser discreta e de demonstrar aos outros que estava no mesmo pé de igualdade que eles, ou seja, que mantinham uma relação estritamente profissional com o pintor Finkel.

Certamente, pensou Adamastor, seu marchand não deve ter-se iludido com essa atitude. De qualquer modo, no final das contas, isso não tinha grande importância. O que na realidade o incomodava era o fato de que o comportamento de Karen talvez não tivesse nada a ver com uma atitude de discrição planejada, mas que significava muito simplesmente que o trabalho entre eles estava concluído. Ainda na copa, Adamastor sussurrou para si mesmo: “odeio me sentir como

um saco de cebolas diante de certas mulheres”.

-- Disse alguma coisa? perguntou Acidália, que se aproximava para recolher os pratos da mesa.

-- Falei que gostaria de um pouco mais de suco de toranjas, se estiver gelado, respondeu evasivo, olhando para algum ponto no infinito.

-- Estou segura de que ouvi exatamente isso. Toranjas geladas, respondeu ela. – Das alemãs, bem entendido.

-- Tenho dó de Armando, deve prestar contas a você até do número de vezes em que girou os cotonetes de algodão nos lóbulos das orelhas, para limpá-las após banho.

Nos dias seguintes, Adamastor foi metódico e disciplinado, como jamais tivera sido. Como dormisse mal, em razão dos transtornos noturnos de sempre, costumava reclamar de cansaço, assim que era acudido por algum ouvinte polidamente interessado em seu estado de saúde. Seu enfadonho discurso enchia os ouvidos de Marchezi, de Anselmo, de Calisto, de quem mais pudesse ouvi-lo e, claro, de seu marchand, que se sentia o grande culpado por tudo, sempre.

Seu trabalho contudo prosseguia.

Depois que Adamastor contratou um especialista estagiário em pele sintética, marcou uma reunião com Inácio. Ao telefone, colocou-o ao corrente de que estava com todo o projeto mentalmente concluído.

-- E qual seria a árvore de ferro que você escolheu para plantar na cabeça da mulher-árvore? indagou ele.

-- A Acácia do Egito, por sua força espiritual, resistência, simbologia religiosa, etc. Mando pelo correio eletrônico uma foto que localizei na rede. Mas advirto. Ela tem espi-

nhos, o que é, presumo, mais um problemas técnico para você resolver.

-- Sem dúvida, então quando começamos?

-- Creio que logo, provavelmente em dois ou três dias. Antes de concluirmos e de blindar o rosto, virá ter conosco um jovem especialista em pele sintética. Eu aviso.

-- Recordo-me de que você mencionou essa hipótese anteriormente.

-- Sim, e a utilização desse material não é de modo algum novidade. Quero que o espectador tenha quase certeza de que aprisionado naquela estrutura de ferro existe um rosto humano que é indiferente à dor, pois sente que sua missão é cultivar a árvore em seu crânio. Para tanto, será necessário que a armadura da cabeça permita que essa expressão seja percebida, mesmo que parcialmente.

-- Entendo.

-- Eu telefono para você amanhã à noite. Quero apenas lembrar que desejo deixar bem claro que essa escultura foi inspirada no trabalho da Bausch, e, claro está, modificado profundamente. Talvez eu peça para o meu marchand imprimir essa informação para fixar na parede, ao lado da peça. Sim, é o que farei. Mas isso nada tem com seu trabalho. Adeus.

Decidiu aproveitar o impulso e telefonou para Marchezi. Queria que ele viesse pegar a tela da mulher com a vegetação e flores no ventre, para ajudá-lo a instalar a redoma. Marchezi respondeu que gostaria muito de ajudá-lo imediatamente, mas só poderia fazê-lo na semana que vem.

-- É que estou com pessoas aqui, reparando a parte elétrica da oficina, e ainda devo esperar que o telhadista apareça. Estou com goteiras. Segunda-feira próxima pela manhã

eu passo em sua casa, levando a redoma e fico para o almoço. Nesse entretempo revisamos os procedimentos. Em seguida, levo ambas, tela e redoma, para minha oficina e em mais dois dias terei tudo acabado.

-- Então venha por volta das 10 horas, na próxima segunda-feira.

-- Combinado.

Karen desapareceu por quase duas semanas, talvez porque precisasse ela também recuperar energias depois da experiência na casa do pintor, talvez porque tivesse compromissos fora da cidade e do país. Quando certa manhã lhe telefonou, Adamastor acabara de ler a matéria estampada na revista e tinha o exemplar aberto sobre a mesa do escritório.

-- Saudades suas.

-- Estive muito ocupada. Recebeu a revista?

-- Sim, sra. Karen Schneider, 38 anos, jornalista. Tenho dificuldades com o alemão, e devo ter perdido muita coisa, de modo que não consegui usar meu lápis vermelho sobre o papel impresso, para registrar meus comentários insolentes. Sorte sua.

-- Vou fazer o seguinte. Preparamos, como sempre fazemos com algumas matérias mais longas, uma separata do artigo em alemão e inglês. Vou mandar imediatamente pelo correio para você, Finkel.

-- Saudades suas, ele repetiu, um pouco mais alto.

Ela riu.

-- Ouvi da primeira vez, o sentimento é mútuo.

-- Finkel quer saber onde está agora, sra. Schneider?

-- No mesmo hotel de sempre, a uma hora de táxi da sua

casa.

Capítulo 23

Ainda Karen, notícias do venissage, Alphonse, etc

A roupa mais adequada para uma mulher vestir para visitar um homem e ficar com ele em sua casa é aquela que ela vestiria se fosse sair com ele. Esse pequeno expediente tem dado frutos abundantes ao longo dos séculos. Sabedora desse artifício, Karen demorara mais tempo do que havia combinado com Adamastor, mas quando ele franqueou a porta da rua para que ela entrasse e subisse as escadas de sua casa, o artista percebeu, ao reparar nela como se nunca o tivesse feito antes, que não fazia o menor sentido consultar os ponteiros de seu relógio de pulso.

Karen cruzou as pernas bávaras logo depois de ter sentado em uma bergère do escritório, sem nem mesmo dar-se ao trabalho de acomodá-las mais discretamente sob a curta saia de seda e couro que usava, e incontinenti tirou de uma bolsa a prometida separata da entrevista, fazendo menção de entregá-la ao entrevistado num gesto desprezencioso como o de um carteiro entregando uma correspondência habitual pa-

ra um destinatário habitual.

Porém, antes de aguardar com a benevolência também habitual que certas pessoas demonstram ao receber na porta da rua a sua correspondência; antes portanto de paciente-mente aguardar que o magro caderno chegasse a suas mãos, o artista Finkel interceptou-o no meio do caminho, arrancou-o das mãos da jornalista e atirou-o sobre a outra bergère que estava desocupada e arrebatou a cintura de Karen com uma força juvenil que quase a surpreendeu, não esperasse ela que esse seria o exato comportamento de Adamastor, quando a visse. De qualquer modo, o acerto de suas previsões não a impediu de sorrir e depois de gargalhar, no momento em que era levada do vetusto cômodo para o interior da casa, agora já ao colo de seu entrevistado.

Algumas pessoas têm a rara capacidade de apagar com uma esponja todas as coisas impiedosamente cruéis que a vida lhes prepara, e ressurgem novas e íntegras como se estivessem prestes a pronunciar a primeira palavra jamais pronunciada no mundo. Karen parecia ter essa qualidade, ao menos insinuava essa virtude, naquele momento especial.

No meio da noite, suado, desgrenhado, mas ainda assim com os olhos cutilantes e repletos de uma desconhecida alegria, e com uma fisionomia que o tornava muito mais jovem do que quando se via ao espelho todas as indefectíveis manhãs, Adamastor deu-se conta de que mais uma vez aquela mulher fora capaz de alterar sua disciplinada rotina; de interromper aquela série de gestos e comportamentos que o faziam parecer aos outros melhor do que era na realidade. Nesse instante teve vontade de dizer a ela que estava experimentando algo especial, muito especial, mas se conteve, com receio de romper a película daquela bolha de sabão em

que ambos flutuavam acima de todas as vicissitudes do cotidiano. Karen dormia com uma competência quase tão arrebatadora quanto foram aquelas últimas horas entre eles, e por causa disso Adamastor sentiu uma ponta de inveja, quase chegando a ter pena de si mesmo. Teve o pressentimento de que novas aflições, geradas em sua mente, estilhaçassem aquela delicada redoma. Entretanto ainda assim se perguntou: como ela conseguia? Melhor ainda, se perguntou com a máxima franqueza de que era capaz: como ela conseguia e ele não? Pensou em sua vida com Celena, nos melhores momentos com Celena, e mesmo ali, naquelas circunstâncias hoje tão saudosas, reconheceu que não fora capaz de se libertar daquelas conexões e liames que tornam os passos humanos tão pesados quanto os pensamentos que os norteiam.

Vive-se obsessivamente e assim também se ama. Mesmo agora reconhecendo que esse foi o tipo de amor que foi capaz de cultivar em sua alma, sempre havia, em todas as horas em que estiveram unidos, múltiplos chamamentos que pareciam sempre urgentes e necessários, e ele tinha obrigações e deveres impostergáveis aos quais ele deveria atender. O mundo prevalecia sempre sobre o amor, pois o artista aceitara se submeter à batuta de uma ordem subterrânea que impunha atribuições com as quais ele entendia estar ou presumia estar integralmente comprometido. Assim, amara Celena, mas de um modo restrito, e hoje amava mais intensamente o que chegara a ter com ela do que aquilo que realmente tiveram. Era um amor pelo amor menor. Como se acendesse um fogo artificial ao lado de uma lareira com achas de lenha verdadeira crepitando, para aumentar-lhes o calor. Com sofreguidão folheava as páginas delidas de sua

história comum com ela, e a cada vez acrescentava ao momento lembrado uma intensidade que inexistia, mas que se originara da necessidade de recuperar o momento passado para lançá-lo no presente vivido, de forma que nessa transposição nada se perdesse, ou, melhor, para que mais intensamente, nessa transposição, pudesse reviver o que tivera no passado de maneira mais amena. Chegara, em suma, ao ponto de amar mais intensamente a falta de Celena do que a mulher que ela fora.

Esse estratagema do espírito é mais corriqueiro do se pensa, dirá alguém, e não é difícil concordar com essa afirmativa. Por conseguinte não há nada de excepcional no que acima ficou registrado, exceto pelo fato de que Adamastor se deu conta desse artifício e reconheceu que essa muleta o amparara incontáveis vezes, mas que apesar de tudo ela não o auxiliara a caminhar melhor. Afinal, por mais paradoxal que fosse, refugiar-se na dor podia ser um salvo-conduto para postergar a tarefa de preencher o vazio de uma ausência.

O problema, entretanto, era mais complexo: sua solução dependeria do sucesso do artista em fazer uso dessa nova consciência adquirida para superar o impasse de amar a ausência de quem presume ter amado, e ao mesmo tempo de operar uma transformação na sua vida para viver o que o presente, e só o presente, pode oferecer.

Melhor: eram dois problemas complexos, na verdade: primeiramente precisava ampliar a consciência de sua própria história conquistando um saber mais intenso sobre ela, e em segundo lugar necessitava despojar-se do luto da morte, que nessas condições sufocava seu espírito, para conquistar o presente, forjando-o e fabricando-o a cada instante.

Quando Adamastor ia finalmente cometer a insensatez

de discorrer sobre todas essas questões e descobertas; quando enfim umedeceu seus lábios secos com a ponta da língua antes de falar, como era seu hábito; quando girou levemente seu corpo para o lado oposto ao dela e o ergueu levemente sobre os travesseiros, com o auxílio das pernas e dos pés, para melhorar a emissão da voz, como se estivesse estufando o peito antes de discursar no pulpito, Karen, ainda sonolenta, moveu sua mão salvadora na direção do rosto de Adamastor e tapou seus lábios.

Na manhã seguinte, quando ambos, envoltos em roupas de dormir, ele de robe, ela com outro, emprestado por ele, foram até a copa para o café da manhã, havia uma mesa posta para dois, frutas em abundância, pães frescos e um bilhete de Acidália, sob a torradeira: “ há mais coisas na geladeira e os ovos estão quase prontos sobre o fogão. Basta aquecê-los. Tive que sair”.

Adamastor, ainda ressabiado com aqueles dedos tapando sua boca na madrugada passada, apenas disse:

-- Típico.

Karen nada falou, talvez porque não tivesse entendido exatamente do que se tratava. Na cozinha, ajudou a finalização do desjejum e ajudou a depor tudo sobre a mesa da copa. Enfim disse:

-- Viajo hoje, em algumas horas. Vou entrevistar em Nova Iórque o curador da exposição no Metropolitan da retrospectiva de Hopper.

-- Se pudesse iria também, disse Adamastor, supervisionando os rubros filetes da torradeira. – Logo ficam prontas. Vai querer mais?

-- Pode fazer mais uma. Vou experimentar aquelas geleias ali.

-- Damasco, framboesa, morango, groselha preta e mirtilo, creio. Acidália é maníaca por geleias e compotas de maneira geral.

-- Está com medo de alguma coisa? Pergunto porque você está contido. Não tem nada a dizer sobre a minha viagem?

Ele olhou para ela pela primeira vez desde que se sentaram; fixou seus olhos nos dela e disse:

-- A coisa mais adequada que posso dizer é que por favor me passe a geleia de groselha preta, que é a mais escura delas, e a de morango também.

Em seguida, como se pensasse em voz alta, disse:

-- Onde será que nossa Acidália guardou a de laranja?

-- Pedante. Você sabe o que estou querendo saber.

-- Será que estou finalmente prestes a descobrir que você e todas as mulheres têm o mesmo reflexo mental e que eu estava enganado ao pensar que descobrira uma exceção à regra? Nada tenho a comentar sobre a sua viagem, nem sobre os seus dedos tapando a minha boca, antes mesmo que eu dissesse o que queria dizer. Aliás, como descobriu que eu iria falar?

-- Porque você aprumou-se para isso, foi seu corpo que me contou.

-- Tenho que concordar que foi melhor me calar. Eu poderia dizer coisas das quais me arrependeria hoje.

-- Ora, isso me torna a criatura mais segura que existe nesta rua. De qualquer forma tive o pressentimento de que você iria estragar tudo, pois descobri que no fundo é um grande racionalista, Admator, porém eu não queria que o

seu racionalismo tomasse o lugar das coisas sensíveis que nos envolviam. Você sabe que isso sempre pode acontecer.

O artista mastigou sem pressa uma torrada com geleia, sorveu um gole do café, ergueu o tronco e disse:

-- Enfim, Karen, francamente estou feliz com sua viagem. Aos poucos vou descobrindo do que você é capaz e confesso que a subestimei muitíssimo no princípio.

-- Quê princípio? Provavelmente naquele dia, quando entendendo que estava dizendo coisas sobre as quais eu nunca ouvira falar, soprou nos meus ouvidos aquela lista de pintores embaralhadas a caráter para fazer com que eu acreditasse que estava entrevistando uma mente que fervia de ideias até para escolher uma marca de aspirina para tomar?

-- Pronto, mais duas torradas, a sua torrada e a minha.

Passaram-se seis meses até que Adamastor tivesse praticamente concluído todas as peças da exposição. A essa altura, informou ao marchand que começasse a preparar o catálogo, como de hábito. Alphonse respondeu exultante que iria entrar imediatamente em contato com o fotógrafo e com o pessoal da produção. Adamastor ressaltou que ainda não tinha todavia tudo pronto, mas que grande parte das fotos do catálogo já poderiam ser produzidas, pois já estavam, referindo-se às esculturas, com suas bases próprias de apoio. Acrescentou que, como em todas as outras vezes, gostaria de rever o texto do catálogo a tempo.

-- Falta muito? indagou o marchand.

-- Retoques, pequenas coisas. Gostaria de vê-lo em minha casa amanhã, para discutirmos sobre as molduras, prefe-

rivelmente no período da tarde, após o almoço, se possível.

- Perfeitamente.
- Tenho que desligar. Saudações.
- Retribuídas!

Karen o visitava raramente, pois não podia deixar seu posto na revista alemã, mas ainda assim nesse intervalo de tempo entre o último encontro e o vernissage do artista, ela esteve com Adamastor mais duas vezes. A primeira imediatamente após sua estada nos Estados Unidos, a caminho de Frankfurt. A segunda três longos meses depois, quando o casarão dos Finkel testemunhou, e aqui não há duplo sentido na expressão, a um encontro de titãs na alcova. No dia de sua partida, ela disse que talvez só pudesse voltar a vê-lo no dia do vernissage, pois fora designada para voltar aos Estados Unidos. Agora para fazer uma matéria sobre os museus universitários americanos. Era uma pauta imensa, enfim, envolvendo curadores de museus e algumas das mais antigas universidades de lá.

Adamastor quando soube do intuito da viagem retorquiu que o projeto mostrava desconhecimento do panorama artístico do acervo acadêmico universitário americano. A Universidade do Texas, em Austin, por exemplo, tinha uma coleção impressionante, embora fosse uma universidade fundada no final do século XIX; por outro lado, o museu Britânico, ao lado do Museu de Arte Moderna, ambos de Yale, por si sós, mereceriam uma matéria especial, talvez uma revista inteira. Essa universidade fora fundada quase dois séculos antes. Aduza-se o fato de que a região da Nova Inglaterra, como um todo, então, se bem investigada, poderia

produzir diversos números de revista.

E acrescentou:

-- A ideia que você me apresenta parece ter sido gerada em uma cabeça megalomaniaca americana, disse Adamastor sem qualquer afetação. Nesse momento ele enastrou os cabelos de Karen entre os dedos e disse:

-- Sem preconceitos.

-- Concordo plenamente com suas críticas. É uma pauta absurda. Mas não estou em condições de contestar. É o meu trabalho, sou paga para isso.

A ausência constante de Karen naqueles meses, ao invés de reacamar a relação de ambos em um patamar menos ambicioso e talvez mais realista, acabou por gerar no espírito do pintor uma expectativa maior e mais ambígua com respeito ao relacionamento que nutria por ela. Se de um lado procurava avaliar como positiva a viagem de Karen, já que dispunha de todo o tempo disponível para o trabalho, de outro a sua falta alimentava nele aquele velho conhecido sentimento, que era o de viver a ausência de Karen de uma maneira mais intensa do que se tivesse a certeza de que ela estaria ao alcance de sua voz e de seus braços a qualquer momento. Por fim, ao cabo daqueles longos meses, já não sabia ao certo se tivera apenas um caso inesperado com uma mulher atraente, na fase madura de sua vida, ou se o futuro lhe reservava algo mais concreto e duradouro no que dizia respeito a ambos. E havia mais espinhos a espicaçar seu estado de ânimo, pois suas atribulações e tormentos noturnos, à medida em que a ausência de Karen se tornara um fato consumado, voltaram de maneira redobrada.

Capítulo 24
Os problemas do espírito,
retoques finais nas obras, Acidália, etc.

Chega a ser singela a tarefa de retocar o trabalho de um pintor, isto se realmente se tratar de um ou outro pequeno retoque e não de uma modificação ou alteração substantiva. Já na esfera do espírito, a coisa não se passa assim tão facilmente.

Adamastor mesmo com a pressão do trabalho acentuadamente diminuída, convivia com noites de sono agitado, em que os mesmos pesadelos voltavam, ou, melhor, os mesmos pesadelos ressurgiam, agora acolitados por efeitos sonoros muito perturbantes. Os sonhos que o visitavam pareciam ocorrer em duas esferas distintas, aquela do evento propriamente, e a outra, ligada à audição. Enquanto sofria de um lado a visitação dos horrores em que se torna um agente, mutilando os pés de uma pessoa amada da família ao trabalhar a pedra, por outro lado e simultaneamente aos gri-

tos e gemidos da pessoa ferida pela ferramenta do artista, Adamastor ouvia vozes de inúmeras pessoas, vozes sobrepostas, embaralhadas, muitas delas não reconhecíveis pelo timbre, tudo isso como se fosse uma tresloucada montagem de diversas gravações originadas em acontecimentos sociais distintos, transcorridos em lugares e em momentos diversos, que guardavam alguma semelhança com o que Karen relatara, mas muito mais sinistra. Essa massa sonora não permitia qualquer entendimento ou decifração. Era, em suma, uma algaravia disparatada, mais confusa e terrível do que experimentara isoladamente há alguns meses.

Agora, com grande frequência Adamastor acordava transtornado e vinha à sua mente a possibilidade de solicitar a presença de Macária, entretanto à medida que o dia avançava e ele se punha a trabalhar, afastava essa ideia de sua mente e poder-se-ia dizer que a despeito disso em inúmeras oportunidades chegara a sofrer em meio ao trabalho, lembrando a noite passada e recordando algumas passagens que ainda ficaram salpicadas na memória. Alguns dirão que o sofrimento faz parte da sensibilidade do artista, e ele deve conviver com isso, contudo, a felicidade também deve associar-se ao espírito no momento da criação, e essa parecia que fugira do atelier.

-- Adamastor, preciso lhe falar logo que possível.

-- Em instantes, Acidália.

Encontraram-se na mesa da copa. Acidália sem perder tempo disse a ele que tinha uma sensação ruim, e que algo estava se passando com Adamastor que não poderia evoluir.

-- O quê, por exemplo?

-- Seus pesadelos cada vez piores.

-- Meus pesadelos?

-- Basta olhar para a sua expressão quando se levanta para se constatar muito claramente que dormiu mal, acordou esgotado. Aquelas vozes, aquelas cenas.

-- Como sabe?

-- O conhecimento desses detalhes devo realmente a Macária.

-- Meus pesadelos viraram assunto de rua.

-- Eis o seu café. Se você não encontrar sua força interior, perderá essa guerra.

-- Vou pensar nisso. Força interior. Não faço outra coisa.

-- Faça mais, Adamastor.

Como o artista materializasse sua ação sobre as coisas a partir da plataforma obsessiva sobre a qual instalava o seu lado empreendedor, bem como o seu lado emocional, a obsessão tornava-se o motor de sua existência e proliferava em todas as suas atitudes e gestos. Em vista disso, Adamastor prosseguia empenhado ao extremo em se salvar pelo trabalho mas acabava por tornar todas as pequenas decisões de cada dia mais complexas do que realmente era.

-- Parece fácil para quem assiste de camarote. Esqueceu-se de que tenho uma exposição em vista? Se não é fácil começar, é muito mais difícil continuar.

-- Sei disso, mas com todo o mundo não acontece o mesmo? perguntou Acidália.

Adamastor prosseguiu, surdo ao que acabara de ouvir:

-- Acidália, é muito mais complicado, muito mais – e espadanou o ar com as mãos. -- Depois de haver cumprido tantas etapas em minha carreira profissional, prosseguir sem acomodação, com grande sofrimento e ainda mais correndo riscos, não é fácil, é preciso ter uma energia adicional. Se eu

quisesse, aposentava-me, ora, mas não posso.

-- E onde está a sua boa amiga germânica?

Adamastor levantou-se da cadeira e tomou o fundo de café que ficara na xícara, em seguida escapou para o atelier. A pergunta ficara sem resposta, o que Acidália de antemão já sabia que aconteceria.

No atelier, atirou-se ao trabalho.

No meio da manhã, Adamastor posicionou diversos trabalhos escultóricos sobre alguns pedestais dispostos ao redor da sala das pedras e e reexaminou na sala de pintura as telas que fizera, revendo-as uma a uma, por longo tempo, agindo com cautela e muita atenção, o que no final das contas lhe rendeu uma melhora em sua autoestima. Assinou uma meia dúzia de quadros que deixara de assinar por distração e voltou a rever as telas, como se o acréscimo da assinatura pudesse ameaçar ou subverter suas qualidades.

Não ventava naquela manhã, então Adamastor decidiu afastar as cortinas e abrir todas as grandes janelas do atelier, permitindo que a luz solar invadisse o ambiente. Espalhou várias obras pelo atelier, encostando-as às paredes e móveis, sentou-se no chão, depois estirou-se sobre ele e ficou olhando para cada uma delas como se fosse a primeira vez. Pensou nas molduras, e por mero exercício mental pensou em frases que seriam pertinentes ao texto de informação que acompanharia o catálogo. Ergueu-se, abriu um caderno e tomou algumas notas que entregaria ao marchand, com a referência da peça. Era o primeiro passo.

No almoço comeu em estado de atenção. Nada falou com a governanta. Flutuava em sua cabeça trechos do diálogo viável que esperava ter logo em seguida com Alphonse.

Os pormenores que ambos discutiram naquela tarde não

escapam ao que de semelhante ocorre com outros marchands e outros pintores que estão na fase de concretização de um projeto de vernissage.

-- Já foi embora o Alphonse? indagou Acidália.

-- Sim, muito agitado como sempre. Sorveu o café em um gole e saiu porta afora, como fizera mais cedo.

-- Melhor assim.

-- Por quê?

-- Porque são mais de 6 horas da tarde e algumas pessoas que trabalham com afinco merecem descansar.

-- É o que farei em breve. Mas não falemos mais dos meus pesadelos, sinto minha vida íntima invadida, o que me faz muito mal, sempre; e você tem ajudado para que tudo isso fique ainda pior. Afinal de onde tirou aquela vidente ou seja lá o que ela era? Tenho certeza de que as coisas pioraram depois que a tal Macária pôs os pés nesta casa.

Acidália não respondeu, deu de ombros.

Adamastor voltou ao atelier, desta feita fechou as janelas, as cortinas e acendeu todas as luzes. Estirou-se no chão mais uma vez. Queria ver as telas sob a luz artificial, que seria justamente a luz sob a qual elas seriam vistas na exposição.

Capítulo 25
Adamastor Finkel

É necessário avançar um pouco mais rapidamente no tempo, uma vez que todas as questões relativas ao vernissage de Finkel estavam resolvidas ou bem encaminhadas.

Quantos meses mais se passaram?

Mais três meses se foram. Finalmente sinto que minha espera chega ao fim. O que é perturbador é o fato de que toda exposição melindra seu autor, e eu não fujo à regra. Penso por hábito de pensar que no momento em que puser meus pés fora do vernissage e tudo estiver acabado; no momento em que der o último aperto de mãos à pessoa que me acompanhar até a rua por gentileza e deferência serei um sujeito perdido na cidade, vagando como se não tivesse mais destino certo. Não lerei os nomes inscrito nas placas das ruas, não preciso deles pois conheço o percurso para a minha ca-

sa, caminharei, entretanto. O fato é que naquele exato momento em que começar a caminhar na calçada e chegar à primeira esquina uma voz interior me dirá que estou quase livre de minha cruel autoridade, de meu nível de exigência pessoal; que poderei ir para onde quiser, ao invés de me refugiar em casa; que poderei me perder pelas ruas escuras. Será aquela ilusória sensação de recomeço, que a humanidade inventou para beneficiar a história com a repetição implacável de seus erros, que estou prestes a experimentar?

Olho para minhas mãos que por vezes se afiguram como de outros, ou ao menos jamais só minhas. Sou de uma linhagem cujo princípio apenas idealizo e a minha afirmação como artista nesse tempo de agora depende de outros tempos já vividos por aqueles que jamais imaginaram que eu um dia viria ao mundo. Talvez em virtude do sentimento dessa responsabilidade imensa, que é a de prosseguir em nome de muitos, eu me sinta tão envolvido com minha caminhada, tão imerso nesta tarefa, que é apenas uma etapa que está prestes a ser suspensa, com a exposição pública de meu novo legado, exposição essa que provavelmente não será a derradeira de minha vida, mas que é vivida sempre como se fosse. Sei que são reflexões perigosas, que podem facilmente levar-me a alimentar pensamentos obscuros como aqueles que contemplam o caminho como uma predestinação. O futuro é uma construção, não é uma dádiva, nem uma condenação. Estou caminhando, esta é uma certeza indiscutível. Uma súbita consciência ilumina meu espírito nesse momento. Vejo o que já defronte de meus olhos, neste atelier repleto de obras. É meu legado e sinto a tola veleidade de considerar que o que vejo de meu trabalho vale mais do que sou, o que é outro modo de pensar obscuro e perigoso, que

acaba dignificando o artista e perdoando os erros do homem.

Estou caminhando, e as pegadas que deixo atrás de mim sofrerão a ação implacável do tempo, que as apagará. Entretanto é o próprio tempo que me ordena que caminhe, pois sua existência apenas se constrói por intermédio de ações transformadoras. Ele é meu verdadeiro senhor. Estou caminhando por ele e contra ele, pois sua imensa fome age implacavelmente no intuito obsceno e egoísta de apagar minha passagem. Ele é por vezes outro, um inimigo que não perdoa a imobilidade, o vácuo da contemplação. Quero escapar dele para poder dominá-lo. Nessa fuga pessoal perderei meu nome, que sairá do meu corpo como uma capa de chuva que se atira longe, impulsivamente, em um dia ensolarado. Para quê serve esse peso do nome sobre as minhas costas, e minha assinatura que tem sido sempre só minha e de mais ninguém, embora sinta-me credor de tanta gente por poder assinar meu nome em coisas e objetos visíveis, compráveis, negociáveis, sensíveis ao espírito? Estarei ausente de mim, ausente do mercado de arte, ao menos por algum tempo, à margem do processo penal que chamamos de vida. Entretanto ainda assim viverei, passarei à porta de uma galeria e depararei quase na penumbra um cartaz anunciando o vernissage de Finkel, "Mulheres e pedras". Nesse momento, talvez diga a mim mesmo que não sou mais esse sujeito que está sendo anunciado naquele pedaço de papel. Ganharei algo mais para minha existência ou perderei muito ou me transformarei profundamente.

Se devo por força do hábito reescrever a partir desse dia a minha vida, não saberei ao certo, também. Recomeçar o que já foi e passou, reutilizar a pele que a cobra trocou por

uma nova e vesti-la à força, para depois rastejar por entre as mesmas árvores das mesmas matas? Não creio nessa proposta desde já, e ainda que cresse nisso, não seria concretizável. Seria impossível revestir meu novo corpo com a pele que já fora expurgada; seria impossível recuperar o que já não estará em meu raio de ação: o tempo pregresso.

Contudo nada me faz crer que poderei me desfazer de todos esses elementos, selos de indentificação e adornos, que fazem da minha pessoa o que ela é; embora não sendo mais o mesmo, haja vista que a perspectiva que terei de meu horizonte de possibilidades terá mudado, esses grilhões dourados ainda se encontrarão nos meus tornozelos. Eis o homem, eis a sua vida, as suas culpas e a sua verdade provisória. O que terei apagado ao avançar pela calçada solitariamente, deixando a exposição para trás, como coisa finita e finda, é apenas aquela energia que meus pés se utilizaram para ir para adiante e logo foi dissipada de encontro ao lajeado. Não serei eu próprio, por minha própria iniciativa, que terei realizado essa façanha. A ação incontrolável do curso do tempo faz isso nos calcanhares de todos os viandantes. Mudo porque caminho.

Olharei então para trás; já não verei a essa altura os veículos de reportagem estacionados ao largo da galeria, não verei as luzes das câmeras, e não ouvirei os sons do agrupamento volúvel de indivíduos que ainda lá se encontrará, percorrendo os corredores da exposição, ora aproximando-se da obra até o limite da permissividade previamente estabelecida, ora se afastando numa tentativa de capturar o todo, o conjunto, com seus múltiplos elementos, o que pode não ser uma tarefa de extrema facilidade, bem ao contrário. Há muitos modos de ver que não são capazes de mobilizar o

olhar, de interagir com o que vêem. São os modos vítreos, opacos. A docilidade e a complacência humanas subsistem em todos os atos, revestindo todas as coisas de uma pátina que absorve o brilho intenso e natural de tudo. De que modo poderia o espírito profundo e criador romper a crosta que em tudo se fixa, oriunda dos olhares impiedosos e impacientes dos que frequentam o mundo sem nada acrescentar de si?

O artista Finkel sabe perfeitamente que sua exposição não é o equivalente perfeito de seu trabalho intelectual como pensador e artista. Essas instâncias não podem ser confundidas. A materialidade no plano social da obra de arte nada tem a ver com o conteúdo espiritual do qual a obra está habitada, algo que não é apenas seu recheio, como de um bolo de aniversário é o creme de avelãs, mas seu mais profundo sentido e sua única razão de ser aquilo e não outra coisa, sua individualidade, sua correlatividade, sua relacionalidade, sua forma própria de se integrar ao conjunto de obras do espírito de todos os tempos. Para todos os efeitos, a dedicação, o esmero, o esforço pessoal, as concessões praticadas em seu nome, nada disso tem qualquer valor no contexto do sentido universal da obra de arte, ou da obra do pensamento, de uma maneira geral.

Não é a vaidade que move Adamastor no sentido de autorizar a promoção de seu trabalho por meio de um expediente a que se convencionou denominar de vernissage, mas o profundo sentimento de dever, e não se trata aqui de um compromisso com um marchand, com uma galeria, com fornecedores, não, esse sentimento de dever está ligado in-

trinsecamente ao sentido que se encontra perfeitamente enraizado no conceito de tradição artística.

Adamastor deve, porque recebeu. Deve porque aceitou a incumbência. Ao aceitá-la, não pode queimar cada tela que pintou, uma vez que chegara à conclusão que a experiência estava acabada. Ela, a tela, bem entendido, ou a escultura, a obra, qualquer que seja ela, deve existir para o mundo, se para ele estiver pronta.

A mente de Adamastor, talvez por caminhos mais invios do que esses, realizando os percursos mais atraentes ou mais cômodos, as clivagens mais propícias a suas peculiaridades como ser pensador, e coadunada com suas características pessoais, chegou, ao final de muito cogitar, a um plano de entendimento muito semelhante ao das ilações logo acima.

Sinto que frequentemente sou movido por forças maniqueístas que perturbam o meu cotidiano, e não estou me referindo ao cortejo descarnado de vozes que tanto tem me asoberbado. É outra coisa, é mais que isso, é mais grave que tudo isso: é a força do costume de pensar seguindo as mesmas e conhecidas rotas. Se eu me esforçasse para viver da mesma forma como me empenho em pintar e esculpir, viveria certamente com mais amplitude, viveria mais despojadamente, não me enredaria em artifícios mentais que se aninham no colo do espírito em busca de serem acarinhados e embalados. Eu estou cansado, tenho tido dias exaustivos de trabalho, tenho estado sempre em luta para impedir, por exemplo, que Lara, esse meu estranho duplo, se aproxime de mim, se expanda no curso de meus nervos – e para isso é preciso alguma sabedoria; preciso dizer adeus a coisas que se agarram em mim pois receberam uma autorização formal

para que assim façam; preciso despojar-me das armadilhas da memória, buscar novos sortilégios, esvaziar os bolsos de bilhetes vencidos. Dizer adeus a Ferdi, Genciana, Celena, encontrar o desregramento do método de pensar, não pensar em sempre pensar o repensado. Preciso não agarrar nada que não seja essencial, só depois de constatar isso terei o direito de estreitá-lo junto ao peito e dizer que pode vir comigo. Caminho.

Talvez não caminhe ainda.

Capítulo 26

Karen, o vernissage e o fim

Não é totalmente verdade que Adamastor e Karen se iriam encontrar apenas duas vezes antes do vernissage. Houve mais um encontro entre eles, exclusivamente noturno, um dia antes do evento. Entretanto, dependendo do ponto de vista, poder-se-ia observar que esse encontro não existiu.

Karen chegara da Alemanha e fora recebida por um homem de pijamas, estremunhado de sono, exibindo aquele estado emocional que acomete todos os indivíduos que têm dificuldade de dormir nas vésperas que antecedem acontecimentos muito aguardados. Some-se a isso, evidentemente, o fato já sabido que o artista Finkel é um homem que recebe estranhas visitas enquanto dorme.

A jornalista, que fizera um esforço monumental para surpreendê-lo naquela noite, demorou alguns instantes para reconhecer que era recebida naquela casa não como da últi-

ma vez, por um amante solerte e atento, mas por alguém apenas parcialmente desperto, que carecia de um entendimento razoável sobre o que estava acontecendo ao seu redor.

Sozinha, Karen carregou suas duas malas escadas acima, enquanto Admastor, confuso, sonolento, subia tropeçadamente as escadas, arrastando-se cambaleante até o quarto e se atirando na cama, sem dar tempo para que ela se despisse. Bastou entretanto colocar a cabeça no travesseiro para recomeçarem as agitações noturnas do artista.

Karen, já nua, um tanto desencantada com a recepção, testemunhou aquelas manifestações propiciatórias, que acometiam sistematicamente o artista nos primeiros instantes do sonho, e ouviu por diversas vezes Admastor pronunciar o nome de Lara, bem como foi capaz de deduzir que as expressões sem muito nexo que ele tartamudeava pareciam ter algo a ver com a clássica situação em que o pintor dá ordens para a modelo, enquanto procura pintá-la e escutou, o que era ainda pior, outras tantas coisas, que não guardavam qualquer relação com a atividade pictórica de atelier, mas que pareciam ter mais a ver com o ciciar dos amantes, ou algo parecido, envolvendo aquele mesmo nome.

Ela sentiu-se confusa, é claro, e intrigada, levantou-se, banhou-se por longos momentos nervosos, abriu uma das malas, tirou algumas roupas, vestiu-se e foi para o hotel em que ficava costumeiramente.

Algumas poucas horas depois Adamastor foi acordado com o telefone tocando.

-- Quem é Lara, Míster Finkel? É surpreendente! O senhor fala mais quando está dormindo do que quando está desperto. É um fenômeno de comunicação, bradou tomando

fôlego e continuou: -- Saí de sua casa de madrugada, para deixá-lo mais à vontade com as suas fantasias, disse ela mordendo as sílabas, numa voz enérgica mas ainda assim quase comovida.

Adamastor abriu os olhos e viu surgir no horizonte imediato de sua vida mais um grande problema.

-- Karen, o que aconteceu? disse ele para ganhar tempo, o que era uma tática absolutamente inadequada para a ocasião.

Karen aumentou o tom de sua voz, que já denotava um princípio de desespero.

-- Quer que eu repita a questão? Será mesmo que pretende escamotear a verdade? Indagou ela quase aos gritos.

Adamastor arrancou as cobertas sobre o corpo, acendeu o abajur da mesa de cabeceira e se sentou na ponta da cama.

-- Estou decepcionado! Por que razão saiu no meio da noite, como se eu tivesse sido pego no meio de uma orgia?

-- Parecia sem dúvida que se divertia com outra mulher em sua cama!

-- Karen, não somos responsáveis pelo que falamos quando dormimos, e não tenho nenhuma obrigação moral com você, a não ser respeitá-la como pessoa e mulher. Não temos nenhum compromisso firmado, avençado, planejado! Tudo o que está dizendo não faz sentido, por favor pense, reflita!

Karen bateu o telefone.

O artista Adamastor enfiou os braços por dentro das mangas de seu velho robe, calçou os chinelos de feltro e foi até o escritório.

No caminho cruzou com Acidália.

-- A porta da rua dormiu aberta, Adamastor.

-- Depois conversamos. E seguiu em frente até o escritório.

Para se certificar de que ela se encontrava no hotel de sempre, Adamastor ligou para a recepção, que confirmou que Mme. Scheneider realmente estava hospedada ali.

De posse dessa informação, ele redigiu o seguinte telegrama:

Minha querida Karen,

Sinto profundamente pelo nosso desentendimento, que começa com um mal-entendido tremendo. Não há ninguém, no momento, que ocupe minha mente quando estou acordado, além de você. Todas as demais relações são profissionais, ou de antiga e fraternal amizade.

Os meus pesadelos, todas as idiossincrasias do Adamastor quando dorme, todas, sem exceção, só podem ser atribuídas àqueles distúrbios noturnos sobre os quais já conversamos e dos quais é testemunha.

Peço que venha me ver. Se não puder fazê-lo hoje, espero encontrá-la no vernissage.

Você é mais que minha convidada de honra.

Com carinho e consideração,

A. Finkel.

Depois de enviar esse primor de mensagem dissuasória, que não escondia a rigorosa escolha de termos falsamente confidentes, mas sem emoção; evidentemente cerebrinos, mas pouco afetivos, e que na verdade não iam ao encontro do problema apontado por Karen, bem ao contrário, passavam ao largo de qualquer possibilidade de revelação íntima, Adamastor deixou-se ficar naquela poltrona, em que tantas vezes seu pai se sentara nas manhãs de domingo. Quedou-se imóvel, pregado ao estofado da cadeira, com os antebraços co-

lados sobre o tampo da escrivaninha, e lá ficou por um longo tempo.

O sol da manhã já estava batendo intensamente nas janelas do escritório quando Adamastor pegou o texto do telegrama que enviara e o releu. Era algo falso, uma pura maquinação, ele logo descobriu quase surpreso, sobretudo ao deparar as duas frases finais, não porque tudo fosse mentira, mas porque era muito menos do que a verdade.

Karen estava se tornando bastante mais do que apenas a convidada de honra do artista expositor, embora ele ainda não dominasse essa matéria com a mesma segurança e tranquilidade com que dominava o seu ofício e todas as contingências que o envolviam, desconfiava de que algo estava surgindo entre eles. Se não percebera a dimensão real desse acontecimento é porque tudo se desenrolara de maneira súbita e surpreendente, desde o princípio.

De fato, era mesmo muito pouco e absolutamente inadequado designar Karen daquela maneira, não porque Adamastor já tivesse se dado conta perfeitamente da intensidade do envolvimento que estava ocorrendo entre ele e a jornalista, mas porque quando se fala em vernissage fala-se em negócios, e ele mais que ninguém conhecia seu métier. Em vernissages, convidados de honra quase todos os que os frequentam são, posto que foram escolhidos a dedo, com dois olhos, o da direita preocupado com o recheio de sua carteira, o outro, com a capacidade de multipliar sua opinião positiva na cadeia de compra. O real conhecimento de arte do comprador em potencial só é considerado se ele é um formador de opinião no círculo da crítica e do mercado de arte, de outro modo, não. Assim, definir Karen como mais do que uma convidada de honra, poderia significar uma vasta gama de

coisas, desde apenas qualificar a relação comercial entre eles como mais habitual do que as demais, até indicar um compromisso que passava ao largo da vida dos negócios, por ser intenso e íntimo, ou apenas admitido e querido. Os amigos de Adamastor, por exemplo, encaixavam-se perfeitamente nesse pequeno grupo de pessoas. Isso sem mencionar a última e derradeira frase, “com carinho e consideração”: pior, muito pior que a anterior, e que poderia ser utilizada na mais reles correspondência comercial.

O artista colocou-se de pé, olhou ao redor do escritório e deu algumas passadas curtas, caminhando rente às franjas do tapete peludo que cobria quase todo o cômodo e voltou para a escrivaninha, onde retomou as garatujas que escrevera. Releu aquelas linhas, escarneceu de si mesmo, amassou o papel, atirou na lixeira e abriu as cortinas, para que houvesse mais luz no escritório.

Temos uma força criadora dentro de nós e outra, destrutiva, e há um incessante embate entre elas, eros e thanatos. Que banalidade redundante, pensou. Tudo isso não passa de um axioma escolar, a expressão evidente da única constante que sempre nos habita até o final. É com raciocínios desse talante que as universidades pagam os salários dos filósofos. Mas há uma outra coisa menor e mais perigosa: há também nuances e oposições que se digladiam em nós sem a necessidade do uso de armas letais. São embates que maceram e enfraquecem, que desgastam e fomentam impasses, e não oferecem trégua, dia e noite. Aplacar sua presença persistente e subterrânea faz a diferença entre a insana insensatez e a paz. Não são polos definidos, o positivo e o negativo, há ao contrário uma tensão dialética entre esses minúsculos guerreiros e manipuladores. Talvez Lara coordene um grupo de-

les, daí a força de seu assalto. Pronto, que estupidez, chega, foi-se a minha manhã.

-- Acidália, por favor, seria possível um café?

Nada mais há a fazer. Escrever outro telegrama seria um desastre. Esperar que ela respondesse àquele seria ingenuidade. Certamente ela não apareceria mais.

-- Acidália!

É inútil repisar: os vernissages quando dão certo se parecem uns com os outros. Quanto aos artistas pode-se afirmar que os mais experientes olham ao redor de maneira benevolente. Os mais jovens, não contêm a ansiedade e a expectativa de se firmarem de uma vez, assim como aqueles que o destino concedeu nova oportunidade de ficar sob os breves holofotes da fama e que, embora maduros, são incapazes de esconder suas íntimas aflições.

Adamastor pertence ao primeiro grupo. Sua relação com a exposição de suas novas obras é uma necessidade que ocorre como desdobramento de sua relação com o fazer artístico. Naqueles instantes em que alguém não agarra seu braço para uma conversa particular, que não é absolutamente importante para os dois, o artista se dá ares de visitante. Olha uma tela, uma escultura, a distribuição dos trabalhos nas diversas salas e corredores e faz sua derradeira avaliação, como se testasse certo distanciamento entre criador e coisa criada. É sempre difícil afirmar ao vê-lo nessas ocasiões se ele ficou satisfeito com o que produziu ou se foi tomado por um súbito arrependimento. De qualquer modo, ele é açodado, puxado e resgatado por mãos e abraços e se deixa levar com alguma serenidade interior de um lado para

outro. Seu marchand fabrica com os dedos, os olhos e o rosto, sinais obscuros em sua direção e o faz com frequência, como se ambos tivessem passado uma semana a estudar os códigos de que fariam uso para trocar mensagens sem que ninguém pudesse tomar conhecimento de seu recôndito conteúdo. Adamastor vira o rosto para outro lado, não quer pensar em comércio e em vendas, quer pensar nos longos meses de trabalho, em que o vernissage que apresenta seus frutos ao mundo não compensa minimamente o esforço aplicado pelo autor para realizá-los. Em uma balança, o vernissage é uma pena de ganso, se comparada ao empreendimento intelectual, que tem um lastro humano incomparavelmente mais pesado e definitivo. É assim que está sendo e é assim que sempre será. As obras existem e por um tempo incalculável existirão para serem vistas, interpretadas e apreciadas. O vernissage é um evento de algumas horas, se tanto, depois, esfacela-se, esfuma-se, desintegra-se no ar, salvo os comentários e críticas, que duram um pouco mais, mas que também acabam na grande maioria relegados ao contexto das coisas efêmeras, de ocasião, embora aquilo que foi sopesado com respeito e conhecimento perdure como um registro circunstancialmente revisitado.

Os jornais e revistas imprimirão toda sorte de impressões, mesmo as mais descabidas e superficiais, mas serão vistas como parte da história; ao contrário, a obra de arte se renova e se recria a cada novo olhar, isto, é claro, se tiver condições para ser permeável à sensibilidade do futuro.

Os amigos de sempre se aproximam de Adamastor de modo diverso dos outros visitantes. Nada ou quase nada dizem. Entretanto esse nada dizer é como se afirmassem que estão ali, com ele, em nome das coisas que têm em comum.

A despeito das regras de comportamento convencionadas, alguns se aproximam, mais do que seria aconselhável, dos objetos expostos, especialmente aqueles que não são “convidados de honra”, mas visitantes circunstanciais. Logo são advertidos sutilmente por alguém que zela pelo sucesso da exposição. Se ainda assim dão sinais de que tencionam tocar esculturas como a da mulher-árvore, cujos belos olhos e belo rosto parcialmente se escondem atrás do casulo de ferro, a ação é mais vigorosa, embora sempre cumprindo a tarefa de proteger os bens expostos; afinal, todos temos que ser reeducados a vida toda.

O sujeito advertido desculpa-se e talvez alguém diga ao seu vizinho que ele tinha a aparência de haver bebido um pouco mais da conta, ou mesmo que era alguém que tinha a cara de que não fora convidado.

Entretanto, em meio a tanta gente, surgiu Clarice, que era uma menina que por ter crescido pouco parecia ainda mais nova do que era na verdade; ademais, ao primeiro exame constatava-se que a pequena era um exemplo incontestável da impossibilidade familiar de ser controlada devidamente, sob qualquer ótica que se observasse essa questão. Dona Alaíde a vigiava todo o tempo, é fato, talvez porque intimamente reconhecesse que não deveria tê-la trazido consigo, mas todos têm o direito de se distrair de vez em quando. Afinal a mãe da agitada criança estava ali para ver o que todos queriam ver: a exposição das obras, conquanto não tivesse condições financeiras para comprar qualquer uma delas.

Ao tirar os olhos da filha por breves instantes, a menina se aproximou da escultura da mulher presa à pedra; criatura de corpo inteiro, em luta eterna, como Prometeu, para da ro-

cha se libertar e fugir, embora outros olhares perspicazes ou não talvez defendessem com unhas e dentes a interpretação de que a mulher na verdade talvez significasse um ser em mutação, que queria escapar das garras da pedra como um passarinho que ao nascer lutava para livrar-se da casca do ovo; ou mesmo o símbolo da busca pela liberdade. Tudo isso agora não vem ao caso.

O que interessa registrar é que a pequena Clarice tocou no rosto da mulher aprisionada na pedra, com seus dedinhos e imediatamente ouviu ou imaginou ouvir uma voz. Voltou rapidamente para o lugar em que a mãe se encontrava.

-- Mãe, tem uma mulher de verdade, ali dentro, eu ouvi. Ali, naquela escultura. A menina apontou na direção da peça.

-- Como ouviu, Clarice? indagou a mãe, alarmada e constrangida pela atitude proibitiva da filha.

-- Eu pus o dedo no rosto dela, que era como se fosse de uma pessoa viva, e a pele afundou e lá de dentro ouvi uma voz dizendo: "sou Lara, tire-me daqui".

Dona Alaíde agora muito aborrecida jurou que não faria mais nenhum passeio com Clarice, embora a menina insistisse que a estátua tinha voz.

A menina voltou para perto da mulher enclausurada pela pedra, mas a mãe arrancou-a de perto, segurou seus ombros, abaixou-se até seus olhos ficarem quase à altura dos dela e indagou com ar de grande severidade:

-- Quem é essa Lara? Que invenção é essa agora, Clarice?

-- A mulher da pedra disse que tinha esse nome e depois chegou a chorar. Eu ouvi bem, protestou a criança muito indignada.

-- Acabou, vamos embora.

E se foram. Ao sair, a menina, que tinha visto a foto do artista Finkel em um cartaz, à entrada da galeria, esbarrou nele, o reconheceu, pois era muito esperta e atenta e simplesmente disse:

-- Senhor pintor, a Lara quer sair da pedra. E se foi com a mãe.

Adamastor olhou para Clarice e pensou em dizer-lhe algo, mas desistiu; seria muito trabalhoso. Ademais, no fundo de seu coração não se sentia em condições de dizer nada que convencesse, se nem mesmo ele sabia como interpretar aquela informação. Em vista disso, afastou-se, misturando-se aos visitantes.

Karen não viera, ele já pressentia que isso iria acontecer. Em vão, não obstante, procurou com olhos, por sobre os ombros das pessoas, aqueles cabelos negros, a pequena cabeça pequena, com a parte posterior ovalada e um pouco mais alta que a testa, mas não a viu. Serviu-se de uma taça de champagne e trocou algumas palavras com um repórter da tv que lhe disse que gostaria de fazer uma pequena entrevista com ele, logo que fosse possível. Adamastor acenou afirmativamente com a cabeça e fez um gesto com as mãos, igualmente afirmativo, indo até o outro lado da mostra. Encontrou-se com Alphonse, que tinha as bochechas mais vermelhas do que habitualmente e que sorriu quando o viu.

-- Sua esposa não veio? perguntou o artista.

-- Oh, ela virá, virá sim, um pouco mais tarde. Está tudo combinado.

-- Ótimo.

-- Está gostando?

-- Não sei, creio que sim. Estou um pouco cansado.

-- Não é para menos, disse o marchand com alguma afeição.

-- Estou muito inclinado a pensar que este será meu último vernissage. Detesto fazer qualquer coisa por encomenda, mesmo quando sou eu mesmo quem faz o pedido.

-- Por favor, Finkel, por favor, respondeu Alphonse, agitando as mãos como um limpador de párabrisas.

O pintor se afastou e cumprimentou Anselmo, que viera em companhia de Calisto e de Marchezi.

-- Você já me cumprimentou disse o primeiro.

-- Não faz mal, cumprimento novamente. Quer tirar uma foto comigo?

-- Vá para o inferno, respondeu Anselmo, rindo. -- Se ainda fosse bonito, mas não é.

-- É apenas para registro familiar.

-- Não sou da sua família, disse o outro, trocando o corpo de champagne vazio pelo cheio, que o garçom lhe oferecera.

-- Não beba demais, advertiu Adamastor.

-- Não quero ter que levar ninguém para casa.

-- Você não tem automóvel, até onde sei, retrucou o outro.

-- Claro que tenho, apenas é um tanto velho.

-- Tem, mas não o dirige nunca.

Marchezi puxou-o de lado e disse que gostara demais, embora já tivesse visto quase tudo. Agora entretanto era diferente. Era como ver uma mulher que você conhece, sempre com a mesma roupa de todos os dias e de repente ela se apresenta em traje de gala.

-- Está chamando o meu trabalho de enfadonho?

-- Por quê? Porque precisa se engalanar para brilhar?

Não, Adamo, sou eu que preciso de um pouco de luxo para sair da minha rotina e olhar as coisas com novos olhos.

-- Não vejo como ganhar novos olhos, por aqui, redarguiu o pintor, que em seguida o abraçou e continuou o seu trajeto. O repórter o interpelou novamente.

-- Será que poderíamos gravar agora?

-- Aonde quer?

-- Poderia ser à frente daquele tríptico?

-- Sim, vamos lá.

Adamastor deixou o copo vazio na bandeja de um garçom e acompanhou o repórter.

A exposição já havia recebido um número expressivo de visitantes, e alguns já se tinham ido embora. Adamastor aproveitou os curtos instantes em que teve condições de caminhar sem ser atropelado por perguntas e cumprimentos e foi rever o restante de telas no final do corredor, que dava para uma saleta, provavelmente da gerência, e que se encontrava com a porta fechada. Sentados em duas cadeiras, próximas a um grande arranjo de flores secas, e localizadas na parede oposta às últimas telas, descortinou a custo, subitamente, como que disfarçados por uma gaze, esmaecidos, um homem e uma mulher, ambos imóveis, hirtos como se extraídos de uma fotografia. Eram Fernando e Genciana. Não se pareciam como quando velhos morreram; eram mais jovens, maduros mas ainda jovens, ao menos da perspectiva do filho que os via agora.

Adamastor foi até eles, com receio de desmanchar a visão mágica, ao mesmo tempo em que queria se aproximar, dominado por um receio crescente de que a visão se esfu-

masse. Iriam seus pais deixar-lhe uma última mensagem: dizer-lhe por exemplo que agora partiriam de vez e que tinham gostado muito da festa? Será que estariam efetivamente prontos para não mais voltar?

Contudo, infelizmente, as imagens desapareceram, deixando no ar um perfume que recordava aquele que sua mãe mais costumeiramente usava em ocasiões festivas. Adamastor, quando criança, sempre que sentia o odor desse perfume no casarão, concluía que ali haveria música e gente, até tarde da noite, e que as pessoas falariam alto e se divertiriam, o que não era bem verdade, pois Fernando e Genciana saíam frequentemente para visitar amigos e participar de reuniões e muitas vezes sua mãe prendia os seus cabelos sob um chapéu apropriado e vestia roupas distintas, e nessas ocasiões também usava aquele perfume, todavia o menino Adamastor ficava sozinho em casa e ali não haveria música nem dança mais tarde.

Adamastor estava atônito e procurava voltar a si. Antevia que aquele poderia ser um sinal de que as coisas no casarão poderiam ficar ainda mais agitadas.

Entretanto tudo poder-se-ia dar de outra maneira, refletiu. Seus pais estavam vestidos como se fossem partir para uma viagem. Talvez tivessem vindo se despedir dele, desta vez para sempre. Nesse caso, quem sabe, o casarão voltasse a ser uma casa comum, muito velha, com o soalho rangente, mas sem aqueles habitantes de outras épocas.

Um tanto desolado, contemplava as cadeiras vazias, como se anteviesse seu futuro.

Karen chegou nesse momento e segurou os dedos de sua

mão, puxando-a e fazendo com que Adamastor girasse o corpo na direção da galeria, agora invadida por uma nova leva de visitantes.

Era o pessoal da noite, que visitava a exposição, entre um bar e outro, mas havia colegas de profissão, pintores discretos e resabiados, com as mãos no queixo e a palma da mão segurando os cotovelos, ex-alunos, colegas que lecionaram à mesma época que ele. O salão se enchera.

Karen apertou mais firme a mão de Adamastor, como se quisesse obrigá-lo a se concentrar nela.

-- Não devia ter vindo, mas estou aqui, disse ela.

-- Acabei de ver meus pais, disse ele, muito pálido, logo se dando conta de que não deveria ter dito o que dissera e emendou: -- Estou arrependido do telegrama, do que escrevi naquele telegrama.

-- Quer que eu volte para o hotel?

-- Não é isso. Ele envolveu com seu braço a cintura de Karen e puxou-a, depois segurou sua mão, enquanto avançava pela galeria, arrastando-a consigo e despedindo-se de algumas pessoas. Ela soltou-se dele, mas o seguiu.

À saída, Adamastor acenou para o marchand, que parecia encantado com o vernissage e ganhou a rua. Alphonse saiu em seu encalço, para retê-lo na galeria mais algum tempo, mas ao chegar à rua, Adamastor já estava longe.

Porém, pouco antes de pisar a calçada, o artista pensou: Lara, você pregou-me uma peça! Como se atreveu a perturbar aquela criança? Com que finalidade?

-- Estou sempre com você, Lara respondeu de algum lugar em seu cérebro.

-- Vá, Lara, siga o seu caminho!

O tom de sua voz, baixa e severa, parecia indicar um rompimento definitivo com Lara, e com toda aquela obsessão estrambótica. Sem ela, o mundo provavelmente voltaria a ser mais intensamente real, como aliás é para quase todas as pessoas. Adamastor apressou o passo.

-- Você estava falando sozinho, senhor Finkel? Indagou Karen, que teve dificuldade para alcançá-lo, mas que não se arrependeu de estar ali.

-- Estava falando com meus pais.

-- Com seus pais?

-- Não, não, é modo de dizer. Eu falava comigo, que sou um sujeito do qual tantas vezes me esqueço.

-- E vai querer falar comigo?

-- Precisamos?

Sem pressa, fomos caminhando pela rua.

Quis lhe contar que tenho agora a impressão de que perdi aquele medo decorrente do acidente que tive, de passar sob viadutos e edificações do gênero. Agora não tenho mais. Nada mais cairá do alto e atingirá meus ombros, nada mais, a menos que queira muito, pois o espírito tem estranhos poderes, mas desisti, pois teria que contar a Karen toda a história do acidente de infância, mas não tive vontade: eu não queria pensar nas mesmas histórias, queria outras, aquelas do futuro.

-- Para onde vamos? ela perguntou.

-- Não sei. Em busca de ar. Realmente não sei.

Ambos seguiram pela larga avenida, atravessaram diversos quarteirões, cruzaram becos e ruas, e acabaram, por

força de algum sortilégio, na rua do atelier.

Em frente ao casarão, Adamastor constatou ligeiramente surpreso que algumas luzes, inclusive aquelas dos quartos que ficavam sempre fechados, estavam acesas, o que não era habitual. Acidália normalmente deixava apenas a luz da copa e do corredor, mas de onde estavam não poderiam vê-las.

Karen acompanhou o gesto do artista e também ergueu os olhos para contemplar a casa. Notou, à medida que se aproximavam mais, que as duas grandes janelas que davam para a rua, no segundo andar, estavam semiabertas, fato que Adamastor por algum motivo não se dera conta ainda, e que por ali passava naquele instante, em voo de fuga, um bando de pássaros. Ela compreendeu tudo.